LIVRO DO ÊXODO

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 3 de julho de 2023

INTRODUÇÃO

O livro

O nome do livro do Êxodo resultou da tradução para o grego, denominada tradução dos Setenta, e reproduz diretamente um termo grego que significa "saída". Este título foi-lhe atribuído, porque a narrativa apresentada pelo texto hebraico original nos capítulos iniciais trata da saída dos hebreus do Egito. A partir desta primeira tradução, o nome de Êxodo tornou-se universalmente reconhecido, quase como um paradigma para representar um caminho de libertação, onde se afirma e se organiza a autonomia cultural e religiosa de um povo, como base para a sua identidade.

Na tradição hebraica é designado *Shemot* (Nomes), porque esta é a palavra que mais se destaca na sua primeira frase: *Estes são os nomes*. Com efeito, o livro começa por apresentar listas referentes aos descendentes de Jacob que antigamente tinham emigrado para o Egito. Para os judeus, entretanto, este livro é enquadrado como um dos Cinco Quintos da Torá, sugerindo assim que ele se articula perfeitamente no conjunto dos cinco livros do Pentateuco, designação habitual para este conjunto, na tradição derivada dos Setenta. Na identificação deste conjunto de cinco livros, a tradução grega foi claramente ao encontro do sentido que se evidenciava na tradição hebraica. Pois é a partir das narrativas deste livro que se revela, nos seus traços mais marcantes, a figura de Moisés, justificando assim para todo o conjunto a designação de Lei de Moisés.

Contexto histórico

Os acontecimentos históricos aos quais o Êxodo se reporta situam-se entre as experiências de proximidade e fronteira das populações de Canaã, e sobretudo das regiões situadas mais a sul, profundamente relacionadas com o Egito. Estes contextos têm igualmente muito a ver com aspetos importantes relativos às origens de Israel, sobretudo pelas suas ligações com populações nómadas e seminómadas do Sul, que muito contribuíram para algumas das suas principais referências culturais. O facto de se encontrarem na vizinhança da grande potência regional daquela época, o Egito, levou a que os povos de Canaã mantivessem muitos contactos de proximidade e forte dependência relativamente a ele. Com efeito, este apresenta-se para os grupos humanos do sul de Canaã como uma referência e uma presença histórica perene, que tinha tanto de promessa como de ameaça. Entradas para o Egito com estadias mais ou menos prolongadas, saídas mais ou menos dramáticas e recontros mais ou menos mortíferos eram uma realidade contínua entre estes dois espaços, que, em si mesmos, constituíam dois mundos bastante diferentes. Com o livro do Êxodo, os hebreus transformaram este mundo de memórias e experiências num tratado recheado de grandes acontecimentos, temas e símbolos, assentes em coordenadas teológicas que representam um dos eixos e um dos pontos nevrálgicos principais do

pensamento teológico para o Antigo Testamento, para toda a Bíblia, para o discurso judaico e cristão e mesmo para o imaginário político-cultural universal.

É tradicional e mais ou menos consensual pensar que algumas das referências à saída dos hebreus, como sejam os trabalhos de construção na parte ocidental do delta do Nilo, na segunda metade do século XIII a.C., constituem razões e contextos propícios para situar os acontecimentos marcantes da saída do Egito entre os reinados de Ramessés II e Meremptah. A proximidade entre esse tempo e aquele em que os hebreus começam a dar uma imagem mais organizada como grupo específico em Canaã e mais definida em termos históricos parece também reforçar essa hipótese. Mas as histórias egípcias referidas a propósito dos patriarcas e muitas outras memórias, quer de entrada quer de saída, podem reportar-se a épocas bastante mais antigas. As próprias cronologias bíblicas, mesmo parecendo algo esquemáticas, deixam claramente antever essas distâncias entre os vários momentos históricos.

Fora do Egito, mas sempre com ele no horizonte, o outro grande espaço dos acontecimentos que ressoam no texto é a realidade do deserto. Esta não representa apenas o incontornável espaço de travessia para chegar a Canaã, mas que se impõe como realidade vivencial e matricial de profundas raízes para, pelo menos, alguns dos grupos e tradições que vieram a integrar o povo dos hebreus. É assim que aparece a omnipresente referência ao Sinai, também referido com o nome de Horeb, e que funciona como um amplo espaço de memórias onde cabem alusões a vários outros desertos, por onde se foram sucessivamente desenrolando largos períodos de vida de variados grupos nómadas.

Este enquadramento dos grupos do deserto tem seguramente algo a ver com a grande questão bíblica das origens do nome de Deus como Javé, ambientadas nas regiões a sul e sudeste da Palestina, com as quais a imagem e o conceito de Sinai se encontra intimamente ligado.

Mesmo que não seja fácil esboçar os traços de uma biografia de Moisés, parece inegável o ascendente que o define como figura liderante e centralizadora dos grupos, das ideias e das matérias que a imensa epopeia do Êxodo comporta.

Conteúdo

O Êxodo articula-se numa continuidade natural com o livro do Génesis, uma vez que os últimos capítulos deste tratam da entrada e do estabelecimento dos hebreus no Egito, com destaque para a história de José e dos seus irmãos, que ali conheceram tempos de grande sucesso. Até certo ponto, estes dois primeiros livros da Bíblia constituem uma narrativa de natural continuidade. Existem, de facto, frequentes pontos de contacto entre ambos, quer do ponto de vista temático, quer nos domínios do vocabulário e mesmo de alguns temas de alcance teológico, que um estudo mais aprofundado poderá valorizar.

No entanto, o Êxodo apresenta géneros literários numerosos e variados. São narrativas de experiências individuais e coletivas, viagens, epopeias dramáticas como a da travessia do mar Vermelho, cânticos, relatos de longas viagens de travessia e de permanência no deserto, com momentos de descontentamento e de fome, com reações de desânimo e revolta. A tradição de leitura sempre olhou com particular interesse para o relato das pragas do Egito e da passagem do mar Vermelho como fenómenos extraordinários, com os quais se manifesta o poder de Deus contra o do faraó. Este tom de epopeia é de molde a garantir a libertação dos hebreus e a engrandecer o significado daquela saída para a afirmação de Israel como povo e de Deus como Senhor do mundo e da História. Mas, para além destes panoramas narrativos, o Êxodo apresenta-se particularmente recheado de textos normativos e programáticos, que lhe dão o alcance de um autêntico documento constituinte, tendente a regulamentar os aspetos mais importantes da vida coletiva do povo de Israel, tanto no que diz respeito ao culto como nos mais variados aspetos da sua vida moral, social e institucional. Com todo este aglomerado de assuntos significativos, este livro abarca os valores essenciais da vida do povo de Israel, incluindo realidades que se compreendem como uma maneira de organizar a vida coletiva para os tempos e para os contextos práticos em que o povo haveria futuramente de se encontrar, na terra prometida. É esta concentração de temas essenciais que fazem com que o livro do Êxodo se apresente com o estatuto de um tratado, que é simultaneamente legal e institucional e também cultural, doutrinal e teológico.

Origem e composição

A composição deste livro partilha de maneira significativa as vicissitudes com que os estudiosos se vão apercebendo, hoje, da complexa história de redação, que acabou por resultar na composição dos primeiros quatro livros do Pentateuco. Desde há quase dois séculos muito se tem investigado, discutido e escrito sobre tradições e percursos literários que poderão ter contribuído para a redação final destes livros, espelhando perspetivas diferenciadas sob os pontos de vista teológico, social, histórico e cultural. As tradições mais frequentemente referidas têm sido a Javista, que designaria Deus por Javé, a Eloísta, que trataria Deus por Elohim, e a Sacerdotal, assim designada em virtude do título alemão que lhe foi atribuído, *Priesterkodex*

(Código Sacerdotal). A primeira seria mais conotada com ambientes de Judá, a segunda, com os do reino do Norte, e a última, com os ambientes sacerdotais ligados ao templo de Jerusalém. Estudiosos e comentadores têm procurado analisar ao máximo a marca de cada uma destas tradições nos pormenores de cada narrativa e nos matizes do seu horizonte teológico. Estes são dados significativos para a análise dos conteúdos, nas subtilezas de cada pormenor.

Alcance teológico

O livro do Êxodo inclui alguns dos temas mais significativos da teologia que se vai desenvolvendo ao longo da Bíblia. É sobre coordenadas presentes no livro do Êxodo que se constrói o seu mais criativo edifício teológico. Com esta leitura sobre a saída do Egito esboçam-se traços sobre as origens dos hebreus e sobre as influências que a sua religião recebeu de populações e culturas enraizadas no Sul, entre o Egito e a península da Arábia; define-se um conceito de Deus, o Deus da libertação, do Sinai e do santuário; define-se uma identidade para o povo de Israel e estabelece-se o programa essencial para as instituições, para as festas e rituais e gizam-se normas específicas de comportamento para cada pessoa, para as famílias e para todo o povo.

O próprio contexto em que o Êxodo recebeu a sua redação final parece ter constituído mais uma oportunidade para valorizar o alcance dos motivos teológicos que as tradições antigas proporcionavam. A saída da Babilónia, em 538 a.C., e o consequente regresso do povo exilado à sua terra são entendidos como constituindo um segundo êxodo. E alguns traços nos textos do Novo Testamento justificam a referência a uma espécie de terceiro êxodo, visto como uma nova esperança, tal como a última ceia de Jesus marca a ideia de uma nova aliança. E a festa da Páscoa acabou por se instaurar no ritmo do tempo e do calendário litúrgico, apontando o horizonte do êxodo como chave teológica de leitura para todas as situações de opressão e de angústia e como fórmula integral para a liberdade. Mais, o horizonte de êxodo aqui desenhado transformou-se num padrão de liberdade e numa metáfora de crescimento espiritual e civilizacional para todos os povos.

As culturas do antigo Oriente dispunham de um fundo de sabedoria, o da literatura sapiencial, de onde dimana principalmente o sistema de pensamento teológico com o qual, de uma forma geral, alimentam a sua espiritualidade. Os pensadores e líderes do povo de Israel reconhecem igualmente a esses princípios e recorrem a eles. No entanto, o Êxodo representa um tipo de reflexão teológica assente em referências históricas e nos acontecimentos vividos. E não há motivos relevantes para contrapor radicalmente estas duas fontes de teologia. Os pontos fortes da vivência religiosa quotidiana, com a sua expressão mais direta nos salmos, articulam estas duas modalidades de teologia, juntando, de modo bastante harmonioso, as leituras da sabedoria e as referências à saída do Egito (Sl 68,8s; 77,20s; 78; 81,11; 114; 135). Estas duas modalidades de teologia passaram a ser a fonte mais frequente de reflexão sobre a experiência histórica.

Estrutura

Os conteúdos do livro do Êxodo podem ser apresentados numa estrutura de duas partes bem definidas e bastante significativas:

I. A SAÍDA DO EGITO (1-18) compreende: a condição de escravidão por parte dos hebreus e a vocação de Moisés (1,1-5,22); o anúncio solene do confronto entre o Deus de Israel e o faraó egípcio, concretizado na série de flagelos, que são as designadas pragas (6,1-11,10); e ainda a Páscoa de libertação e a travessia do mar Vermelho com a continuação da viagem até chegarem ao Sinai (12,1-18,27).

II. A ALIANÇA DO SINAI (19-40) compreende: como núcleo principal, a teofania do Sinai e o estabelecimento da aliança (19,1-24,18); as instruções para a construção do santuário (Ex 25,1-31,18); e a narrativa sobre a sua execução (35,1-40,38). Enquadradas entre estas duas últimas secções que dizem respeito ao santuário, aparecem as cenas de infidelidade a Javé, com a construção e adoração do bezerro de ouro, corrigida com a renovação da aliança (32,1-34,35), que se tornava necessária em virtude do grave episódio de infidelidade.

I. A SAÍDA DO EGITO (1- 19)

ESCRAVIDÃO DOS HEBREUS E VOCAÇÃO DE MOISÉS (1,1-6,1)

1 Entrada e opressão

1 Estes são[a] os nomes dos filhos de Israel[b] que chegaram ao Egito com Jacob;
chegaram cada um com a sua casa. 2 Eram: Rúben, Simeão, Levi e Judá; 3 Issacar,
Zabulão e Benjamim; 4 Dan e Neftali, Gad e Acher[c]. 5 Os que tinham saído das entra-
nhas[d] de Jacob eram ao todo setenta pessoas[e]. José já estava no Egito. 6 Entretanto,
morreu José e todos os seus irmãos, bem como toda aquela geração. 7 E os filhos de
Israel foram férteis e expandiram-se; tornaram-se muito numerosos e muito fortes,
de modo que aquela terra ficou repleta deles[f].

8 Mas subiu ao trono do Egito um novo rei[g] que não conhecia José 9 e disse ao
seu povo: «Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte que
nós. 10 Vamos! Mostremo-nos mais espertos que eles! Não aconteça que ele se torne
demasiado numeroso e que, quando se declarar uma guerra, se junte também ele aos
nossos inimigos e combata contra nós, acabando por sair[h] desta terra. 11 E colocaram
acima deles chefes de trabalhos forçados, para os oprimirem com os seus fardos; e ele
construiu para o faraó as cidades-armazém de Pitom e Ramessés[i]. 12 Mas quanto mais

---

[a] O hebraico diz, lit.: *E estes são*, como que a contar uma história que vem na sequência de tudo o que aconteceu antes, sublinhando a continuidade narrativa entre os livros de Génesis e Êxodo.

[b] *Israel* refere-se aqui ao nome alternativo do patriarca Jacob (Gn 32,23-33), cujos filhos entram com ele para o Egito (Gn 46). Com o enriquecimento semântico do texto até à sua redação final, Israel acabou por representar a totalidade do povo que está diretamente implicado na experiência do êxodo.

[c] Seguindo as listas de Gn 35,23-26 e 46,8-27, os filhos de Jacob são agrupados segundo as diferentes mães: Lia, Raquel, Bila e Zilpa. Em Gn 29,31-35; 30,22-24 aparecem por ordem de nascimento. Para completar o número de doze, que representa na Bíblia as tribos hebraicas, falta mencionar José que já estava no Egito (v. 5).

[d] Lit.: *da coxa.* São frequentes na linguagem bíblica os eufemismos para substituir termos específicos da sexualidade.

[e] *Setenta* é um número que representa simbolicamente uma totalidade (Gn 10), tal como o nome de Israel (v. 1) já sugeria. O ordenamento destes filhos de Jacob não se faz por lista ordenada por indivíduo, mas por casa paterna (v. 1).

[f] Os verbos que mostram o crescimento extraordinário do povo são emblemáticos para traduzir a esperança e o sucesso na vida dos humanos em geral (Gn 1,28; 9,27) e especialmente do povo bíblico (Gn 12,2; 13,16, 15,5; 17,5-6,18,18; 26,4.24; 28,14; 35,11).

[g] As referências históricas do Êxodo representam memórias acumuladas e condensadas que se diluem no tempo, especialmente as que dizem respeito a José. A imagem do novo faraó que entra em cena e domina os acontecimentos seguintes é vista como adequada à figura de Ramessés II (1290-1224), sem que isso constitua uma certeza absoluta.

[h] Lit.: ... *subir*. Apesar de colocado na boca do faraó, este verbo *subir* exprime já a sensibilidade hebraica, que designa qualquer viagem para a terra prometida ou para Jerusalém como uma subida de peregrinação.

[i] *Trabalhos forçados* ou obrigatórios era uma prestação de serviço a que se recorria para realizar obras de especial significado como a construção do templo (1Rs 5,20-32; 11,28), mas que podiam acontecer como expressão da sujeição a poderes estranhos, como acontece com Issacar, sujeito a serviços forçados

o oprimiam, tanto mais ele se multiplicava e mais ainda se expandia. E os egípcios começaram a sentir aversão perante os filhos de Israel [13]e escravizaram os filhos de Israel com rigor. [14]Amarguraram as suas vidas com o trabalho duro. Com barro e tijolos e com todo o trabalho do campo, bem como com todos os outros trabalhos, eles escravizavam-nos com rigor.

[15]E o rei do Egito falou às parteiras hebreias[j], das quais uma tinha o nome de Chifra e a segunda, o nome de Pua, [16]e disse-lhes: «Quando ajudardes as mulheres hebreias a dar à luz, reparai bem sobre as duas pedras[k]: se for um filho, matai-o; mas se for uma filha, essa viverá. [17]Porém, as parteiras mostraram temor de Deus: não procederam como o rei do Egito lhes tinha declarado e deixaram viver os meninos.

[18]Então o rei do Egito chamou as parteiras e disse-lhes: «Por que razão fizestes isto e deixastes viver os meninos?» [19]E as parteiras disseram ao faraó[l]: «É que as hebreias não são como as mulheres egípcias. As hebreias são vigorosas; antes de a parteira chegar junto delas, já elas deram à luz». [20]E Deus tratou bem as parteiras e assim o povo tornou-se numeroso e ficaram muito poderosos. [21]E aconteceu que, como as parteiras tiveram temor de Deus, Ele fez com que elas tivessem casas de família.

[22]Então o faraó deu uma ordem a todo o seu povo, dizendo: «Todos os filhos[m] que nascerem, atirai-os ao rio. Mas todas as filhas, deixai-as viver».

2 Nascimento de Moisés

[1]Ora, um homem da casa de Levi foi e tomou por mulher uma filha de Levi; [2]e a mulher ficou grávida e deu à luz um filho e, vendo como ele era belo[n], escondeu-o durante três meses. [3]Mas não podia escondê-lo por mais tempo e arranjou-lhe uma caixa[o] de papiro, calafetando-a com betume e pez; deitou nela o menino e colocou-a

para os cananeus (Gn 49,14-15). É com este sentido de servidão que se relatam os trabalhos forçados no Egito. *Pitom e Ramessés* são realmente duas cidades construídas no reinado de Ramessés II, na região oriental do delta, para defender aquela fronteira e garantir apoio para as campanhas na Ásia.

[j] A designação dos israelitas como hebreus é particularmente usada neste contexto das relações com o Egito e parece, por vezes, ser uma espécie de alcunha que lhes é atribuída pelos de fora (cf. Gn 39,14.17; 41,12; 43,32; Ex 1,15-19; 2,6-7.11-13; 3,18; 5,3; 7,16; 9,1.13; 10,3). São sugestivas mas algo vagas as analogias entre eles e os grupos de populações que aparecem frequentemente como assalariados e marginais designados como *'apirû*. Depois do exílio, o nome de hebreus adquiriu novos contornos e um sentido mais amplo.

[k] *Reparai bem sobre as duas pedras:* o pedido é para que as parteiras observem de que sexo era a criança. O lugar em que as mulheres egípcias se colocavam para dar à luz era um assento de duas pedras ou dois tijolos. Realmente, o signo hieroglífico para dizer "dar à luz" são dois tijolos.

[l] A narrativa introdutória referia-se ao *rei do Egito*. Com esta entrada em diálogo aparece o título de *faraó*, que, na sua forma arcaica, significa "casa grande" e indica o palácio real. Esta forma do título faraónico recolhida pela Bíblia tornou-se uma designação universal para o rei do Egito.

[m] As traduções antigas leram aqui: *todos os filhos dos hebreus*, explicitando assim melhor o sentido do texto.

[n] A beleza é uma maneira de caracterizar grandes figuras bíblicas como Saul (1Sm 9,2), David (1Sm 16,12), José (Gn 39,6) e Absalão (2 Sm 14,25). Cf. At 7,20; Heb 11,2.

[o] *Caixa*, em hebraico *tebah,* é o termo usado igualmente para designar a arca de Noé (cf. Gn 6-9). É também usado para designar o armário onde se guarda a Torá, nas sinagogas. Este pormenor da história

entre os juncos junto à margem do Nilo[a]. 4E a irmã dele pôs-se de pé a alguma distância para tomar conhecimento do que lhe iria acontecer. 5E a filha do faraó desceu para tomar banho no Nilo, enquanto as suas donzelas caminhavam na margem do Nilo. Nisto, ela viu a caixa no meio dos juncos e enviou a sua serva, para que esta a fosse buscar. 6E quando a abriu reparou nele: era um menino! E a criança estava a chorar. Sentiu compaixão por ele e disse: «Este é um dos meninos dos hebreus.»

7Então a irmã dele disse à filha do faraó: «Será que posso ir chamar para ti, de entre as hebreias, uma que esteja a amamentar, para que ela amamente o menino para ti?» 8A filha do faraó disse-lhe: «Vai!» E a jovem foi e chamou a mãe do menino. 9Então a filha do faraó disse-lhe: «Aqui tens este menino. Amamenta-o para mim e eu te darei o teu salário.» A mulher tomou o menino e amamentou-o. 10Entretanto, o menino cresceu e ela fez com que ele chegasse até à filha do faraó e ficou a ser para ela como um filho e deu-lhe o nome de Moisés, pois dizia: «Foi da água que eu o puxei»[b].

Moisés foge para Madian

11E aconteceu naqueles dias que Moisés cresceu e saiu para junto dos seus irmãos e reparou nos seus fardos; e viu que um homem egípcio estava a bater num homem hebreu, um dos seus irmãos. 12Virou-se para um lado e para outro, viu que não havia ninguém e abateu o egípcio e escondeu-o na areia. 13Saíu no segundo dia e viu que dois homens hebreus estavam em luta e disse ao culpado: «Por que motivo estás a bater no teu companheiro?» 14E aquele replicou: «Quem te estabeleceu como chefe e juiz sobre nós? Queres porventura dizer que me vais matar como mataste o egípcio?» Moisés ficou com medo e disse: «Certamente o assunto já é conhecido.»

15O faraó ouviu falar sobre este acontecimento e procurava matar Moisés. Então Moisés fugiu de junto do faraó, foi habitar para a terra de Madian e sentou-se junto ao poço[c]. 16Ora, o sacerdote de Madian tinha sete filhas; e estas chegaram, tiraram água e encheram os bebedouros para dar de beber ao rebanho do seu pai. 17Nisto chegaram os pastores e expulsavam-nos. Mas Moisés levantou-se e salvou-as e deu de beber ao seu rebanho. 18Quando elas chegaram junto do seu pai, Reuel, este disse: «Por que razão viestes hoje tão depressa?» 19E elas responderam: «Um homem

de Moisés lembra a lenda de Sargão, fundador do império acádico (séc. XXIV-XXIII a.C.), que foi posto numa cesta e depois salvo do rio Eufrates pela deusa Istar.

[a] Apesar de poder significar qualquer curso de água, o termo *ye'or*, como antonomásia de rio ou canal, é o preferido, na Bíblia, para designar o *Nilo*. O mesmo acontece com o termo hebraico *nahar* (rio) para designar por antonomásia o Eufrates.

[b] Esta explicação popular do nome de Moisés é feita por hebreus, com base num verbo hebraico raro. O mais provável é que o nome tenha mesmo origem egípcia, significando "nascido de..." como acontece com os nomes de Tutmósis (nascido de Tot) e de Ramessés (nascido de Ré). No nome de Moisés, a referência à divindade acabou por ficar omissa.

[c] Madian é uma região situada entre o nordeste da península do Sinai e o noroeste da península da Arábia, onde habitavam grupos de nómadas com uma cultura bastante desenvolvida e muito relacionados com os grupos de hebreus. Gn 25,1-6 apresenta os madianitas como descentes de Abraão e Quetura. O artigo definido na expressão *o poço* mostra que este poço é bem reconhecido, seja por ser especial para aquele grupo de nómadas, seja porque a dinâmica da narrativa o vê com esse destaque.

egípcio livrou-nos da mão dos pastores e, mais ainda, ele mesmo tirou água para
nós e deu de beber ao rebanho.» [20]E o pai disse às suas filhas: «Mas onde está ele?
Por que razão abandonastes esse homem? Chamai-o e que ele venha comer uma
refeição!» [21]Moisés resolveu habitar com aquele homem. Este deu a sua filha Séfora
a Moisés e ela deu à luz um filho e ele deu-lhe o nome de Gérson, pois, disse ele: «Eu
fui um forasteiro numa terra estrangeira[d]». [23]Aconteceu, entretanto, que durante
aqueles longos dias morreu o rei do Egito e os filhos de Israel gemiam por causa
daquela servidão e gritavam. E o seu clamor por causa da servidão subiu até junto
de Deus. [24]Então Deus escutou o seu lamento; Deus recordou-se da sua aliança
com Abraão, com Isaac e com Jacob. [25]E Deus olhou para os filhos de Israel; e Deus
tomou conhecimento.

3 Vocação e missão de Moisés

[1]Ora, Moisés estava a pastorear o rebanho do seu sogro, Jetro, sacerdote de
Madian, e, conduzindo o rebanho para além do deserto, chegou à montanha de
Deus[e], ao Horeb[f]. [2]E apareceu-lhe o mensageiro do SENHOR[g] numa labareda de
fogo vinda do meio da sarça[h]. E ele reparou que a sarça estava a arder em chamas, mas
não era consumida[i]. [3]Então Moisés disse: «Deixa-me fazer um desvio para observar
esta grande aparição! Por que razão a sarça não se queima?» [4]O SENHOR viu que ele
se desviava para observar; e Deus chamou por ele do meio da sarça, dizendo: «Moi-
sés! Moisés!» E este disse: «Eis-me aqui!» [5]E Deus disse: «Não te aproximes daqui!
Desata as tuas sandálias dos teus pés, pois o lugar onde estás é uma terra sagrada!»
[6]E disse ainda: «Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o
Deus de Jacob!» E Moisés cobriu o seu rosto, pois sentia temor em olhar para Deus[j].

[7]E o SENHOR disse: «Eu tenho visto a humilhação do meu povo que está no
Egito e ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores e conheço bem os seus
sofrimentos. [8]Vou, por isso, descer para o libertar da mão dos egípcios e para o fazer

---

[d] Realmente o nome de Gérson tem, em hebraico, um som semelhante ao da expressão "forasteiro lá".

[e] *Montanha de Deus* é um título que se pode justificar pelas narrativas de revelação de Deus referidas neste e noutros livros da Bíblia, mas pode também ser um título para exprimir o carácter sagrado daquele monte nas tradições anteriores dos madianitas.

[f] *Horeb* é o nome da montanha de Deus nas tradições ligadas ao reino do Norte, nomeadamente a Elias; nas tradições mais ligadas ao reino do Sul, nomeadamente a sacerdotal, a designação usada é a de Sinai.

[g] A expressão *mensageiro do Senhor* é uma fórmula frequente na Bíblia para representar a presença de Deus com uma metáfora de mediação. Por isso ela aparece aqui, mesmo antes de, no fulcro da aparição, se vir a tratar de algo que tem a ver com a revelação deste misterioso nome de Deus.

[h] Na primeira vez que é referida, *a sarça* aparece logo com artigo definido. É sinal de que se trata de uma realidade que o leitor conhece de antemão.

[i] As analogias entre esta cena de revelação e a de Jacob em Betel (Gn 28,11-22) sugerem que, também aqui, pode haver indícios de uma tradição religiosa anterior a envolver aquele lugar. Em Dt 33,16, Deus é referido com a designação de "aquele que mora na sarça". O aspeto arcaico da expressão dá-lhe mais profundidade.

[j] A experiência de ver a Deus é simultaneamente intimidante e atraente (Gn 32,31; Ex 19,21; 33,20; Lv 16,2; Nm 4,20; Dt 5,24-25; Jz 6,22-23; 13,22; Is 6,5).

subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra onde corre leite e mel[a], para o lugar dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos perizeus, dos heveus e dos jebuseus[b]. [9]Pois eis que agora o clamor dos filhos de Israel chegou até mim; e Eu também vi a tirania com que os egípcios os oprimem. [10]Vai então, agora! Pois sou Eu que te envio ao faraó; e faz com que o meu povo, os filhos de Israel, saia do Egito. [11]Porém Moisés disse a Deus: «Quem sou eu para ir eu mesmo junto do faraó e fazer com que os filhos de Israel saiam do Egito?» [12]E Deus disse: «É que Eu estarei contigo! E este será para ti o sinal de que fui Eu que te enviei; quando fizeres com que o povo saia do Egito, prestareis culto[c] a Deus sobre esta montanha.»

[13]Mas Moisés disse a Deus: «Eis que eu vou até junto dos filhos de Israel e lhes digo: "O Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me até vós!" E se eles me perguntam qual é o seu nome, que hei de responder-lhes?» [14]E Deus disse a Moisés: «Eu sou aquele que sou[d]!» E disse ainda: «Assim dirás aos filhos de Israel: "O Eu Sou enviou-me até vós!"» [15]E Deus disse ainda a Moisés: «Assim dirás aos filhos de Israel: "O SENHOR[e], Deus dos vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me até vós. Este é o meu nome para sempre, este é o meu título memorial[f] de geração em geração. [16]Vai e reúne os anciãos de Israel e diz-lhes: "O SENHOR, Deus dos vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob apareceu-me[g], dizendo: 'Eu decidi intervir[h], por vosso

[a] Esta expressão de abundância é uma metáfora já conhecida na literatura de Canaã da era do Bronze Final, nomeadamente nos textos ugaríticos.

[b] *Cananeu... jebuseu. Esta lista* é uma das várias que aparecem na Bíblia para representar os povos que os hebreus recordavam como tendo ocupado o território antes deles. São referidas listas de dez povos (Gn 15,19-20), de sete (Dt 7,1; Js 3,10; 24,11), de seis (Ex 3,8.17; 23,23.28; 33,2; 34,11; Js 9,1; 11,3; 12,8; Jz 3,5), ou mesmo de cinco (Ex 13,5; 1Rs 9,20).

[c] Lit.: *rendereis serviço*. Prestar culto (*servir*) a Deus é já um sinal de mudança, na medida em que mostra uma inversão da condição de servidão para com o faraó. Este argumento atravessa toda a discussão com o faraó, no sentido de deixar sair o povo daquela servidão. Este sentido do culto como serviço passou a ser uma coordenada que define o conceito de liturgia na tradição judaico-cristã.

[d] O *nome* de Deus, *Yhwh* (*yahweh*) traz-nos referências claras quanto à sua procedência das regiões do Sul e à sua ligação com grupos vindos do deserto. Mas o seu significado original é mais difícil de definir. A tradição hebraica associa-o aqui ao verbo *hayah,* primitivamente *hawah*, que significa "ser" ou "estar". Neste caso, a forma *'ehyeh* (v. 14) seria a primeira pessoa do imperfeito daquele verbo. Assim, quando Deus pronuncia o seu nome, diz *'ehyeh* (Eu sou), e quando são outros a dizê-lo, dizem *yahweh* (Ele é). Portanto, só Deus diz de si mesmo: «Eu sou». Há quem prefira entender este verbo com o sentido de «estar». Com efeito, Deus significa também uma presença providente e libertadora.

[e] Lit.: *Yahweh*. A tradição judaica e cristã passaram a usar o título de Senhor como equivalente de *Yahweh.* Essa transição estava assumida por volta do séc. IV a.C, e foi sistematicamente seguida na tradução dos LXX e depois na Vulgata e no uso litúrgico e geral. Depois de um movimento de recuperação do primitivo título de Javé em época recente, o título de Senhor volta, hoje, a ser preferido em numerosas traduções atuais.

[f] Lit.: *o meu memorial.* A palavra hebraica *zeker* tem a ver com a *memória* que garante continuidade e presença a alguém, mesmo depois da morte. No caso de Deus a memória é duplamente afirmada como eterna.

[g] Lit.: *deixou-se ver por mim*. Esta forma passiva-reflexiva do verbo *ra'ah* (ver) deixa a iniciativa do lado de Deus (cf. 4,1.5). A expressão *por mim* representa o beneficiário da aparição, que neste caso é Moisés.

[h] O verbo *intervir* (*paqad*), tradicionalmente traduzido por "visitar", exprime a ação de alguém superior que toma conta de uma situação ou de uma pessoa, no sentido de verificar, apoiar, premiar ou castigar.

bem e por aquilo que vos têm feito no Egito. 17E, por isso, declaro que vou fazer-vos
subir da humilhação do Egito para a terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus,
dos perizeus, dos heveus e dos jebuseus, para uma terra onde corre leite e mel'.
18Eles escutarão a tua voz e tu irás com os anciãos de Israel junto do rei do Egito
e dir-lhe-eis: "O SENHOR, o Deus dos hebreus, encontrou-se connosco. E agora
deixa, por favor, que nós vamos ao deserto, a três dias de caminho, para oferecermos
um sacrifício ao SENHOR, nosso Deus". 19Mas Eu sei que o rei do Egito não vos
deixará ir, a não ser obrigado por mão forte. 20Por isso, Eu estenderei a minha mão
e atingirei o Egito com todos os meus prodígios que vou realizar no meio dele. E,
depois disso, ele deixar-vos-á sair[i]. 21E farei com que este povo encontre graça diante
dos olhos dos egípcios; e acontecerá que, quando sairdes, não saireis de mãos vazias.
22Pois cada mulher pedirá à sua vizinha ou àquela que mora na sua casa objetos de
prata e objetos de ouro e vestidos. Ponde-os aos vossos filhos e às vossas filhas e assim
despojareis[j] o Egito».

4 Moisés e Aarão

1Moisés respondeu, dizendo: «E se eles não acreditarem em mim? Se não escu-
tarem a minha voz e disserem que o SENHOR não te apareceu?» 2Mas o SENHOR
disse-lhe: «O que é isso que tens na mão?». Ele respondeu: «É uma vara[k]». 3E Deus
disse: «Atira-a ao chão». Ele atirou-a ao chão e ela transformou-se numa cobra e
Moisés fugiu dela. 4Então o SENHOR disse a Moisés: «Estende a tua mão e agarra-a
pelo rabo; ele estendeu a sua mão e segurou-a e ela transformou-se numa vara na
sua mão. 5Isto é para que eles acreditem que o SENHOR, Deus dos seus pais, Deus
de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, te apareceu». 6E o SENHOR disse-lhe
ainda: «Mete a tua mão no teu seio» e ele meteu a sua mão no seu seio e quando a
tirou viu que a sua mão estava coberta de lepra como se fosse neve. 7E Deus disse-lhe:
«Mete de novo a tua mão no teu seio». E ele voltou a meter a sua mão no seu seio e,
quando a tirou do seu seio, viu que ela voltara a ser como a sua carne. 8«E acontecerá
que, se eles não acreditarem em ti e não escutarem a mensagem do primeiro sinal,
vão acreditar na do último sinal. 9E se acontecer que também não acreditem nestes

[i] *Deixar sair* é uma fórmula usada em casos de libertação ou de despedimento que são tratados como um envio. Esta é a fórmula mais usada no Êxodo para a autorização de saída como um decreto de libertação e reconhecimento do povo por parte do faraó (cf. 4,21.23; 5,1.2; 6,1.11; 7,2.14.16; 8.4.16.17.24.25.28; 9,1.2.7.13.28.35; 10,3.4.20; 11,10; 13,15.17; 14,5). A saída como uma fuga aparece apenas em 14,5.

[j] O tema, várias vezes referido no Êxodo, de os hebreus terem despojado os egípcios, continuava, muito mais tarde, a merecer a atenção no livro da Sabedoria, escrito provavelmente no Egito (Sb 10,17-20).

[k] A *vara* (*matteh*) é um objeto significativo nesta narrativa e partilha o seu significado com um outro termo análogo, o cajado (*shebet*). Ambos servem de apoio e são um símbolo de autoridade e servem para designar uma tribo e simbolizar o seu chefe. Aqui ela aparece como um símbolo da intervenção de Deus. Por isso é definida como a *vara de Deus* (Ex 4,20). É referida como instrumento na mão de Moisés (4,2.4.17.20; 7,17; 14,16; 17,9), mas é igualmente referida na mão de Aarão (cf. 7,9.12.19; 8,1.12.13), mostrando que ambos estão lado a lado como agentes da intervenção de Deus.

dois sinais e não escutem a tua voz, então tomarás um pouco de água do Nilo e derramá-la-ás na terra seca e as águas que tirarás do Nilo transformar-se-ão em sangue sobre a terra seca.» [10]E Moisés disse ao SENHOR: «Por favor, meu Senhor! Eu não sou um homem dotado em palavras e isto não é de ontem nem de anteontem nem do momento em que começaste a falar com o teu servo. Pois sou mesmo pesado de boca e de língua. [11]E o SENHOR disse-lhe: «Quem é que deu uma boca ao homem ou quem faz com que ele seja mudo ou surdo ou vidente ou cego? Não sou Eu, o SENHOR? [12]E agora vai, que Eu estarei com a tua boca e te instruirei sobre o que hás de declarar». [13]E Moisés disse: «Por favor, Senhor, envia como mensageiro quem quiseres enviar». [14]E a ira do SENHOR inflamou-se contra Moisés e disse: «Aí está o teu irmão, Aarão, o levita. Eu sei que ele é bem capacitado para falar. E eis que ele está a sair ao teu encontro e, ao ver-te, ficou de coração alegre. [15]Tu falarás com ele e porás as palavras na sua boca e Eu estarei com a tua boca e com a boca dele e instruir-vos-ei sobre aquilo que haveis de fazer. [16]Ele falará por ti ao povo e acontecerá que ele será para ti como a boca e tu serás para ele como Deus[a]. [17]E leva esta vara na tua mão, pois é com ela que realizarás os sinais.

Moisés regressa ao Egito

[18]Moisés partiu e voltou para junto de Jetro, seu sogro, e disse-lhe: «Deixa-me ir, por favor! Vou regressar para junto dos meus irmãos que estão no Egito. Vou ver se eles ainda estão vivos». E Jetro disse a Moisés: «Vai em paz!» [19]O SENHOR disse a Moisés em Madian: «Vai! Volta ao Egito, porque já morreram todos aqueles que procuravam tirar-te a vida». [20]E Moisés tomou a sua mulher e os seus filhos e fê-los montar no burro e voltou para a terra do Egito[b]. Moisés levou igualmente a vara de Deus na sua mão. [21]E o SENHOR disse a Moisés: «Quando fores de volta para o Egito repara em todos os prodígios que coloquei na tua mão e realiza-os na presença do faraó. No entanto, Eu endurecerei o seu coração[c] e ele não deixará sair o povo. [22]Dirás então ao faraó: "Assim diz o SENHOR: Israel é o meu filho primogénito. [23]Por isso Eu te digo: Deixa sair o meu filho, para que ele me preste culto. Mas, se te recusares a deixá-lo sair, Eu mato o teu filho primogénito"».

[24]E aconteceu que, num lugar onde Moisés passava a noite no caminho, o SENHOR foi ao seu encontro e ameaçava matá-lo. [25]Então Séfora pegou numa pedra

[a] A função de Aarão é de um intermediário de uma mensagem centrada em Moisés. Este será, por sua vez, como Deus que envia Aarão. Em 7,1 Aarão é mesmo designado profeta, expressão que traduz bem esta função de porta-voz.

[b] Em Ex 18,2 ficou o testemunho de outra tradição, segundo a qual Moisés teria deixado a sua mulher em casa do pai.

[c] O tema do endurecimento do faraó é um fio condutor dito de várias maneiras ao longo deste conflito. A expressão normal é dizer que se trata de uma iniciativa e responsabilidade do faraó (7,13.14.22; 8,11.15.28; 9,7.34-35); mas este endurecimento é também, como neste caso, apresentado como sendo provocado por Deus (4,21; 7,3; 9,12; 10,1.20.27; 11,10; 14,4.17), seja porque se entende que a mão de Deus está em tudo o que acontece, seja para sublinhar o contraste com o plano de libertação que Deus promete levar por diante.

e cortou o prepúcio do seu filho e tocou nas partes sexuais[d] de Moisés e disse: «Tu
és para mim um esposo de sangue». [26]Então Deus desligou dele. Ela disse "esposo
de sangue", por causa da circuncisão[e].
[27]E o SENHOR disse a Aarão: «Vai ao encontro de Moisés no deserto». Ele foi e
encontrou-o na montanha de Deus e deu-lhe um beijo». [28]Então Moisés comunicou
a Aarão todas as palavras com as quais o SENHOR o tinha enviado e todos os sinais
que Ele lhe ordenou. [29]E Moisés partiu com Aarão e reuniram todos os anciãos dos
filhos de Israel; [30]e Aarão proclamou todas as palavras que o SENHOR tinha decla-
rado a Moisés e realizou os sinais diante dos olhos do povo. [31]E o povo acreditou; e,
quando escutaram que o SENHOR decidira intervir em favor dos filhos de Israel e
tinha visto a sua humilhação, inclinaram-se e prostraram-se.

5 Moisés e Aarão diante do faraó

[1]Depois disto, Moisés e Aarão chegaram junto do faraó e disseram: «Assim diz
o SENHOR, Deus de Israel: "Deixa sair o meu povo para que eles celebrem uma
festa[f] em minha honra no deserto"». [2]Mas o faraó disse: «Quem é o SENHOR para
que eu tenha de escutar a sua voz e deixar sair Israel? Eu não conheço o SENHOR e
também não deixarei sair Israel. [3]E eles disseram: «O Deus dos hebreus veio ao nosso
encontro. Permite, por favor, que vamos ao deserto, a uma distância de três dias de
caminho, para oferecermos um sacrifício ao SENHOR, nosso Deus, não aconteça
que nos atinja com a peste ou com a espada». [4]Porém, o rei do Egito respondeu-lhes:
«Moisés e Aarão, por que razão quereis retirar o povo dos seus trabalhos? Ide para
os vossos fardos! [5]E disse ainda o faraó: «O povo é agora tão numeroso na terra
e ides dar-lhes descanso dos seus fardos?» [6]E naquele dia o faraó deu ordens aos
inspetores do povo e aos seus capatazes, dizendo: [7]«Não volteis a entregar palha ao
povo para fazerem os tijolos, como anteriormente. Que eles vão e recolham palha
por si mesmos. [8]Mas imponham-lhes que façam o mesmo montante de tijolos que
faziam antes. Não diminuam em nada, pois eles são preguiçosos. Por isso clamam,
dizendo: "Iremos e ofereceremos um sacrifício ao nosso Deus". Que se torne ainda
mais pesado o trabalho sobre essa gente; e que eles se ocupem nisso e não prestem
atenção a palavras mentirosas».

---

[d] Lit.: *nos seus pés*. Nota-se a sensibilidade bíblica em usar designações alternativas em vez dos termos específicos da sexualidade.

[e] Nos vv. 25-26 concentram-se referências antigas à circuncisão como ritual de iniciação para o casamento. Daí que Séfora faça a circuncisão do filho com um instrumento primitivo, uma faca de pedra, e se tenha servido do sangue daquela circuncisão como um ritual de proteção para Moisés e simultaneamente de declaração de casamento com ele.

[f] *Festa* (*hag*) representa uma celebração coletiva numa data fixa e em lugar santo. Pode equivaler a oferecer sacrifícios (3.8.17; cf. 10,9 e 12,14). Noutros casos fala-se ainda de prestar culto (4,23). São diferentes linguagens que podem sugerir diferentes tradições presentes no texto. Sair para o deserto para celebrar a festa sugere a ideia de peregrinação e eventualmente a ideia de que os sacrifícios em causa, sendo sobretudo de gado ovino, desagradavam aos egípcios.

10Então saíram os inspetores do povo e os seus capatazes e falaram ao povo, dizendo: «Assim diz o faraó: "Já não vos entrego palha! 11Ide e arranjai vós mesmos palha onde quer que a encontreis, pois o vosso trabalho não será diminuído em nada. 12E o povo dispersou-se por toda a terra do Egito, a fim de recolher restolho[a] para servir de palha. 13E os inspetores pressionavam-nos, dizendo: «Completai os vossos trabalhos correspondentes a cada dia, como quando havia palha. 14E os capatazes dos filhos de Israel, que os inspetores do faraó tinham colocado acima deles, batiam-lhes, dizendo: «Por que razão não completastes, nem ontem nem hoje, o vosso dever de fazer tijolos como anteriormente? 15E os capatazes dos filhos de Israel foram reclamar junto do faraó, dizendo: «Por que motivo fazes isto aos teus servos? 16Não há palha para entregar aos teus servos, mas dizem-nos: "Fazei os tijolos!" Vê como os teus servos são açoitados. E isto é um crime da parte do teu povo».

17Mas o faraó disse: «Preguiçosos! Vós sois preguiçosos. Por isso dizeis: "Queremos ir oferecer um sacrifício ao SENHOR". 18E agora ide trabalhar! Não vos será entregue palha para tijolos, mas tereis de entregar o mesmo montante de tijolos». 19Então os capatazes dos filhos de Israel viram-se em má situação, ao terem de dizer: «Não vos será diminuído o montante de tijolos obrigatório para cada dia». 20E quando eles saíam de junto do faraó depararam com Moisés e Aarão que estavam ali para se encontrarem com eles. 21E disseram-lhes: «Que o SENHOR vos ponha os olhos em cima e vos julgue, porque fizestes com que o nosso odor se tornasse desagradável junto do faraó e dos seus servos, colocando na sua mão uma espada para nos matarem». 22Moisés voltou para junto do SENHOR e disse: «Senhor, por que razão trataste assim tão mal este povo? Por que motivo me enviaste? 23Desde o momento em que cheguei à presença do faraó para falar em teu nome, ele tratou ainda pior este povo e não libertaste realmente o teu povo».

ANÚNCIO DA SAÍDA E CONFRONTO COM O FARAÓ (6,1-11,10)

6 Confirmação da missão de Moisés

1O SENHOR disse a Moisés[b]: «Agora vais ver aquilo que Eu faço ao faraó, pois só obrigado por uma mão forte os deixará partir; sim, pelo poder de uma mão forte ele os expulsará da sua terra».

[a] A ceifa no Egito consistia sobretudo em cortar as espigas, ficando o resto da palha no campo.

[b] Depois de, nos cc. 2-3, se ter apresentado uma narrativa da vocação de Moisés segundo tradições mais antigas, os cc. 6-7,7 apresentam-nos outra versão possivelmente de origem sacerdotal, resumindo as etapas da salvação, desde Abraão até à terra prometida (cf. Dt 26,5-10; Js 24,2-13).

2E Deus falou a Moisés e disse-lhe: «Eu sou o SENHOR! 3E apareci a Abraão, a
Isaac e a Jacob como El-Chadai[c] e não me dei a conhecer a eles com o meu nome
de SENHOR. 4No entanto, estabeleci a minha aliança com eles para lhes dar a terra
de Canaã, a terra das suas migrações, onde residiram como estrangeiros. 5E fui Eu
mesmo que escutei o gemido dos filhos de Israel, que os egípcios tratavam como
escravos, e me lembrei da minha aliança. 6Por isso, diz aos filhos de Israel: "Eu sou
o SENHOR e vou fazer-vos sair de debaixo dos fardos do Egito e libertar-vos da sua
servidão e resgatar-vos-ei[d] com braço estendido e com pesadas sentenças. 7E tomar-
-vos-ei para mim como povo e serei Deus para vós; então reconhecereis que Eu sou
o SENHOR, vosso Deus, aquele que vos fez sair de debaixo dos fardos do Egito. 8Eu
vos farei entrar numa terra que, erguendo a mão[e], jurei que a haveria de dar a Abraão,
a Isaac e a Jacob; vou dá-la a vós em propriedade. Eu sou o SENHOR!»
9E foi assim mesmo que Moisés falou aos filhos de Israel; mas eles não deram
ouvidos a Moisés por falta de ânimo e por causa da dura servidão. 10E o SENHOR
falou a Moisés, dizendo: 11«Vai, fala ao faraó, rei do Egito, para que ele deixe partir
os filhos de Israel da sua terra». 12Então Moisés falou diante do SENHOR, dizendo:
«Se os filhos de Israel não me quiseram escutar, como me há de escutar a mim o
faraó, eu que sou pouco dotado em palavras?[f]» 13Mas o SENHOR falou a Moisés
e a Aarão e deu-lhes ordens para os filhos de Israel e para o faraó, rei do Egito, para
que ele deixasse sair os filhos de Israel da terra do Egito.

Genealogia dos levitas Moisés e Aarão

14Estes são os chefes dos seus clãs[g]: filhos de Rúben, primogénito de Israel, Henoc,
Palú, Hesron e Carmi. Estas eram as famílias de Rúben. 15Filhos de Simeão: Jemuel,
Jamin, Oad, Jaquin, Soar e Saul, filho da cananeia. Estas eram as famílias de Simeão.
16E estes são os nomes dos filhos de Levi, segundo as suas gerações: Gérson, Queat, e
Merari. E os anos de vida de Levi foram cento e trinta e sete anos. 17Filhos de Gérson
foram Libni e Chemei, segundo as suas famílias. 18Os filhos de Queat foram Amram,
Jiçar, Hebron e Uziel. E os anos de vida de Queat foram cento e trinta e três anos.

[c] É costume traduzir-se este antigo nome de Deus, conotado com o tempo dos patriarcas, por Deus Todo Poderoso (Gn 17,1; 28,3; 35,11; 43,14; 48,3; 49,25).

[d] O verbo aqui usado (*ga'al*) significa o resgate de alguma coisa ou de uma pessoa, feito por um familiar que para isso tem o dever e o direito (Lv 25,23s; Rt 2,20; 4,1-8) de resgate ou de vingança contra quem matou algum parente seu (Nm 35,10-20). Este título e esta função são apresentados como dizendo respeito também a Deus, que assume esse papel em favor do povo (Is 41,14; Sl 19,15; Jb 19,25). Isto significa que a relação de parentesco para com o povo se aplica também a Deus.

[e] *Erguer a mão* era um gesto que significava fazer um juramento (Nm 14,30; Dt 32,40; Ez 20,5-42; 36,7; 44,12; 47,14; Ne 9,15).

[f] Lit.: *incircunciso de lábios*. A circuncisão era a primeira iniciação de um menino, que lhe dava capacidade e reconhecimento dentro do grupo. Com igual sentido de amadurecimento fala-se de circuncisão do coração (Lv 26,41; Dt 10,16; Jr 9,20) e dos ouvidos (Jr 6,10).

[g] Esta genealogia, inspirada em Gn 46, fixa-se na descendência da tribo de Levi, na qual se destacam as figuras principais da saída do Egito: Moisés e Aarão. Coré (Nm 16), Eleázar Nm 17; 20,25-28) e Fineias (Nm 25).

19 Os filhos de Merari foram Mali e Muchi. Estas foram as famílias de Levi, segundo
as suas gerações.
20 Amram tomou a sua tia Jocbed como esposa e esta gerou-lhe Aarão e Moisés.
E os anos de vida de Amram foram cento e trinta e sete anos. 21 Os filhos de Jiçar
foram Coré, Néfeg e Zicri. 22 Os filhos de Uziel foram Michael, Elçafan e Sitri. 23 E
Aarão tomou Elicheba, filha de Aminadab, irmã de Nachon como sua esposa e
ela deu-lhe à luz Nadab, Abiú, Eleázar e Itamar. 24 E os filhos de Coré foram Assir,
Elcana e Abiassaf. Estas são as famílias de Coré. 25 E Eleázar, filho de Aarão, tomou
como sua mulher uma das filhas de Putiel e esta deu-lhe à luz Fineias. Estes são os
chefes dos clãs dos levitas, segundo as suas famílias. 26 Foi a este Aarão e a Moisés que
o SENHOR disse: «Fazei sair os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus
agrupamentos[a]. 27 Foram eles, Moisés e Aarão, que falaram ao faraó, rei do Egito,
para deixar sair os filhos de Israel do Egito.

Confronto com o faraó

28 Ora, no dia em que o SENHOR se dirigiu a Moisés na terra do Egito, 29 o
SENHOR falou a Moisés, dizendo: «Eu sou o SENHOR! Declara ao faraó, rei do
Egito, tudo aquilo que Eu te digo». 30 E Moisés disse diante do SENHOR: «Eu sou
pouco dotado em palavras. Como é que o faraó me vai escutar?»

7 1 Mas o SENHOR disse a Moisés: «Olha! Eu estabeleci-te como um Deus para
o faraó; e o teu irmão, Aarão, será o teu profeta[b]. 2 Tu dirás tudo aquilo que Eu
te ordenar e o teu irmão, Aarão, falará ao faraó e ele terá de deixar sair os filhos de
Israel da sua terra. 3 No entanto, Eu vou endurecer o coração do faraó e multiplicarei
os meus sinais e os meus prodígios na terra do Egito. 4 E o faraó não vos escutará, mas
Eu colocarei a minha mão sobre o Egito e farei com que os meus agrupamentos, o
meu povo, os filhos de Israel saiam da terra do Egito com pesadas sentenças. 5 E os
do Egito ficarão a saber que Eu sou o SENHOR, quando Eu estender a minha mão
sobre o Egito e fizer sair os filhos de Israel do meio deles».
6 E Moisés e Aarão fizeram tal como o SENHOR lhes tinha ordenado. Assim eles
o fizeram. 7 Moisés tinha oitenta anos e Aarão tinha oitenta e três, quando foram
falar com o faraó.

---

[a] *Agrupamentos.* O termo hebraico *seba'ot, significando* «exército», implica sobretudo ordem e organização, militar ou não. Aparece ainda em 7,4; 12,17.41.51. Segundo 13,18b, os filhos de Israel subiram bem armados da terra do Egito e em 14,8 diz-se que saíram de mão erguida. A ideia que se quer dar não é de um "êxodo-fuga" ou "êxodo-expulsão", mas sim de uma saída organizada.

[b] Aarão continua a ser intermediário (cf. 4,16), mas o papel de Deus atribuído a Moisés aqui significa autoridade superior e está explicitamente direcionado para o faraó.

Sinais de Deus contra o faraó[c]

I. A vara transformada em dragão

8 E o SENHOR falou a Moisés e a Aarão, dizendo: 9 «Certamente o faraó vai falar-
-vos, dizendo: "Apresentai um prodígio em vosso favor"[d]. Dirás então a Aarão: "Pega
na tua vara e atira-a para diante do faraó e ela transformar-se-á num dragão[e]"».
10 Moisés e Aarão chegaram junto do faraó e fizeram tal como o SENHOR tinha
ordenado. Aarão atirou a sua vara na presença do faraó e na presença dos seus ser-
vos e ela transformou-se num dragão. 11 Mas o faraó chamou também os sábios e
os encantadores e eles, os mágicos do Egito, fizeram o mesmo com os seus encanta-
mentos. 12 Cada um deles atirou a sua vara e elas transformaram-se em dragões. Mas
a vara de Aarão engoliu as varas deles. 13 No entanto, o coração do faraó continuava
endurecido e não os escutou, tal como o SENHOR tinha declarado.

II. A água transformada em sangue

14 O SENHOR disse a Moisés: «O coração do faraó está empedernido: recusa-se a
deixar partir o povo. 15 Vai ter com o faraó logo de manhã, quando ele for a sair para
a água[f], e apresenta-te diante dele na margem do Nilo e leva na tua mão a vara que se
transformou em cobra. 16 E dir-lhe-ás: "O SENHOR, o Deus dos hebreus, enviou-me
junto de ti, para dizer: Deixa sair o meu povo para que eles me prestem culto no
deserto. Mas tu até agora não me escutaste. 17 Pois assim diz o SENHOR: Por isto
ficarás a saber que Eu sou o SENHOR." Eis que eu vou bater com a vara que está

---

[c] As pragas do Egito são um tema bem definido na tradição judaico-cristã sobre o êxodo. E este nome tornou-se a maneira mais popular de referir os acontecimentos tendentes a convencer o faraó a deixar sair o povo hebreu. *Pragas* deriva de uma palavra hebraica que significa *flagelos*, que aparece algumas vezes no texto. No entanto, estes *flagelos* integram-se numa sequência de prodígios, com os quais se demonstra o poder e a autoridade de Deus para libertar o seu povo. Estes prodígios constituem uma série de onze provas, também designadas *sinais*, dos quais a primeira é a transformação da vara de Moisés num *dragão*. Tal como acontece em geral na Bíblia, estas manifestações do poder de Deus consistem na dimensão extraordinária e no alcance atingido por realidades conhecidas, que assumem proporções de catástrofe (cf. Dt 3,34; 7,19; 11,3; Sl 78,43-51; 105,27-36; 135,9; Jr 32,21; Sb 11,14-20; 16,15-19; 17,2-20; 18,1-7).

[d] Ironicamente, é por um pedido do próprio faraó que se abre a narrativa sobre as chamadas pragas do Egito, a qual se prolonga até 11,10. Pelos indícios e pormenores que a análise dos exegetas costuma descobrir, este tema parece ter-se revelado especialmente atrativo para as tradições que deram origem ao Pentateuco, cujos dados aparecem entrelaçados na construção do texto final.

[e] Aqui, a vara de Aarão transforma-se num dragão, um monstro marinho (*tannîn*) (7,9.10.12) criado por Deus (Gn 2,21) e vencido por ele (Sl 74,13-14), que é também convidado a louvar a Deus (Sl 148,7). Ezequiel, integrado na tradição sacerdotal de Jerusalém, refere-o como símbolo do faraó e do Egito (Ez 29,3; 32,2). Numa tradição possivelmente mais antiga, a vara de Moisés transforma-se em cobra (Ex 4,3; 7,15). Verifica-se como o símbolo se vai desenvolvendo em novas leituras.

[f] Sublinhar este pormenor da ida do faraó ao rio Nilo, à semelhança do que acontece com a princesa que ali descobriu Moisés (2,5), mostra como o rio é um elemento importante nas ressonâncias míticas de toda a narrativa do Êxodo, uma vez que na literatura bíblica o rio aparece também como sinónimo do mar, partilhando com ele a ideia de caos (Ex 23,31; Dt 1,7; Sl 66,6; Is 48,18). A narrativa épica do c. 15 é o culminar desta equivalência.

na minha mão sobre as águas que estão no Nilo e elas transformar-se-ão em sangue.
18E os peixes que há no rio morrerão e o Nilo ficará nauseabundo, de modo que os
egípcios hão de ter nojo de beber água do Nilo».
19Então o SENHOR disse a Moisés: «Diz a Aarão[a]: "Pega na tua vara e estende a
tua mão sobre as águas do Egito, sobre os seus rios, sobre os seus canais, sobre os
seus lagos e sobre todos os seus reservatórios de água e que as águas se transformem
em sangue"». E passou a haver sangue por toda a terra do Egito, tanto nos reserva-
tórios de madeira como nos de pedra. 20E assim fizeram Moisés e Aarão, tal como o
SENHOR tinha ordenado. Ele bateu nas águas que havia no Nilo, aos olhos do faraó
e aos olhos dos seus servos; e todas as águas que havia no Nilo se transformaram
em sangue. 21Os peixes que havia no rio morreram e o Nilo ficou nauseabundo e os
egípcios não conseguiam beber da água do Nilo. E havia sangue por toda a terra do
Egito. 22Porém, os mágicos do Egito com os seus encantamentos fizeram o mesmo.
E o coração do faraó continuou endurecido e não os escutou, tal como o SENHOR
tinha declarado. 23E o faraó voltou para trás e entrou em casa e também não prestou
atenção[b] a estas coisas. 24E todos os egípcios escavavam nas proximidades do Nilo
para terem água para beber, porque não conseguiam beber das águas do Nilo. 25E
assim se cumpriram sete dias, depois de o SENHOR ter batido nas águas do Nilo.

III. As rãs

26Então o SENHOR disse a Moisés: «Vai ter com o faraó e diz-lhe: "Assim diz o
SENHOR: Deixa sair o meu povo, para que me prestem culto. 27E se te recusares
a deixá-lo sair, eis que Eu atingirei todo o teu território com rãs. 28O Nilo ficará
repleto de rãs e elas subirão e entrarão na tua casa, no teu quarto de dormir e na tua
cama; entrarão na casa dos teus servos e do teu povo e até nos teus fornos e nas tuas
amassadeiras. 29As rãs subirão por cima de ti, do teu povo e de todos os teus servos"».

8 1E o SENHOR disse a Moisés: «Diz a Aarão: "Estende a tua mão com a tua
vara sobre os rios e os canais e sobre as lagoas e faz com que as rãs subam sobre
a terra do Egito"». 2E Aarão estendeu a sua mão sobre as águas do Egito e as rãs
subiram e cobriram a terra do Egito. 3E da mesma maneira fizeram os mágicos com
os seus encantamentos e fizeram subir as rãs sobre a terra do Egito.
4Então o faraó chamou Moisés e Aarão e disse: «Implorai ao SENHOR para que
afaste as rãs de mim e do meu povo e eu deixarei sair esse povo para oferecerem
sacrifícios ao SENHOR». 5E Moisés disse ao faraó: «Digna-te informar-me quan-
do deverei implorar em teu favor e em favor dos teus servos e do teu povo, para
acabar com as rãs de junto de ti e do teu povo e que fiquem apenas no Nilo. 6E ele

[a] O paralelismo entre o que faz Moisés (vv.14-18) e o que faz Aarão (v. 19) costuma ser apontado pelos exegetas como um indício da presença de uma tradição sacerdotal, atribuindo ao sacerdote Aarão uma ação que o texto anterior atribuía a Moisés.
[b] Lit.: *não fixou o seu coração.*

disse: «Amanhã!» E Moisés disse: «Será como disseste! É para que saibas que não
há como o SENHOR, nosso Deus. [7]E as rãs afastar-se-ão de junto de ti e dos teus
servos e do teu povo. Apenas ficarão no Nilo». [8]Quando Moisés e Aarão saíram de
junto do faraó, Moisés clamou ao SENHOR a respeito da questão das rãs que Ele
tinha mandado contra o faraó. [9]E o SENHOR fez conforme o que Moisés dissera
e morreram as rãs que estavam nas casas, nos pátios e nos campos. [10]E foram-nas
juntando aos montões e a terra ficou com um cheiro nauseabundo. [11]Mas o faraó,
ao ver que havia de novo sossego, deixou que o seu coração ficasse empedernido e
não lhes deu ouvidos, tal como o SENHOR tinha declarado.

IV. Os mosquitos

[12]Então o SENHOR disse a Moisés: «Diz a Aarão: "Estende a tua vara e bate no
pó da terra e ele transformar-se-á em mosquitos por toda a terra do Egito"». [13]E
eles assim fizeram; Aarão estendeu a sua mão com a sua vara e bateu no pó da terra
e passou a haver mosquitos nos homens e nos animais graúdos. Todo o pó da terra
se transformou em mosquitos por toda a terra do Egito. [14]Da mesma maneira, os
mágicos com os seus encantamentos tentaram fazer desaparecer os mosquitos, mas
não conseguiram. E havia mosquitos nos homens e nos animais graúdos. [15]Então
os mágicos disseram ao faraó: «Isto é o dedo de Deus[c]». Mas o coração do faraó
endureceu-se e não quis escutá-los, tal como o SENHOR tinha declarado.

V. Os moscardos

[16]O SENHOR disse a Moisés: «Levanta-te cedo de manhã e apresenta-te diante
do faraó. Quando ele estiver a sair para a água, dir-lhe-ás: "Assim diz o SENHOR:
Deixa sair o meu povo, para eles me prestarem culto. [17]Pois, se não deixares sair o
meu povo, Eu vou enviar os moscardos contra ti, contra os teus servos, contra o teu
povo e contra a tua casa; e os moscardos encherão as casas dos egípcios, bem como
o chão que eles pisam. [18]Naquele dia farei diferença[d] para a terra de Góchen, onde
está estabelecido o meu povo; ali não haverá moscardos. É para que saibas que Eu, o
SENHOR, estou no meio da terra. [19]Por isso, porei um sinal de resgate entre o meu
povo e o teu povo; este sinal acontecerá amanhã"». [20]E o SENHOR assim fez: um
pesado enxame de moscardos entrou em casa do faraó e em casa dos seus servos e por
toda a terra do Egito; e a terra ficou arruinada por causa dos moscardos.

[21]O faraó mandou chamar Moisés e Aarão e disse-lhes: «Ide! Oferecei sacrifícios
ao vosso Deus aqui no país[e]». [22]Mas Moisés respondeu: «Não é correto proceder

[c] Ou: ... *o dedo de um deus.* Esta expressão é conhecida nos textos mágico-religiosos do Egito. É possível, no entanto, que o autor bíblico tenha posto os egípcios a referirem-se ao próprio Deus dos hebreus.

[d] Esta diferença com que Deus trata os hebreus equivale ao tema da eleição de Israel e encontra-se em 9,4.26; 10,23; 11,7; 33,16.

[e] O faraó começa aqui a fazer algumas concessões (8,24; 10,7-11.24), que Moisés recusa por não se ajustarem à maneira como os hebreus entendiam o serviço de Deus.

assim, porque o sacrifício que iríamos oferecer ao SENHOR, nosso Deus, é uma
abominação para os egípcios. E se oferecemos em sacrifício diante dos egípcios uma
coisa que é abominável aos seus olhos[a], vão certamente apedrejar-nos. [23]Vamos, antes,
a três dias de caminho pelo deserto para ali oferecermos o sacrifício ao SENHOR,
nosso Deus, tal como Ele nos ordenou». [24]O faraó disse: «Eu vou deixar-vos sair. E
oferecei o sacrifício ao SENHOR, vosso Deus, no deserto. Só que não deveis ir para
longe. E intercedei em meu favor». [25]Moisés respondeu: «Eu saio agora mesmo de
junto de ti e intercederei junto do SENHOR e amanhã os moscardos afastar-se-ão
do faraó, dos seus servos e do seu povo. Mas o faraó não deve voltar a desiludir, não
deixando sair o povo para oferecer sacrifícios ao SENHOR». [26]Moisés saiu de junto
do faraó e intercedeu junto do SENHOR; [27]e o SENHOR procedeu conforme o que
Moisés tinha declarado; e afastou os moscardos do faraó, dos seus servos e do seu
povo; não ficou nem um. [28]Mas o faraó continuava a ter o seu coração empedernido
também desta vez e não deixou sair o povo.

9 VI. Morte dos animais

[1]Então o SENHOR disse a Moisés: «Vai ter com o faraó e diz-lhe: "Assim diz o
SENHOR, Deus dos hebreus: Deixa sair o meu povo para me prestarem culto. [2]Pois,
se tu recusas deixá-lo sair e continuas a prendê-los, eis que a mão do SENHOR fará
vir uma peste muito pesada sobre o teu gado que está no campo, sobre os cavalos,
os jumentos, os camelos, os bois e as ovelhas. [4]Mas o SENHOR fará diferença entre
o gado de Israel e o gado do Egito; e nada do que pertence aos filhos de Israel vai
morrer. [5]E o SENHOR já marcou o tempo, dizendo: Amanhã o SENHOR realizará
isto mesmo no país"». [6]E o SENHOR realizou-o, logo no dia seguinte; e morreu
todo o gado do Egito[b], mas do gado dos filhos de Israel não morreu nem um. [7]O
faraó mandou verificar e era verdade que não tinha morrido nem sequer uma cabeça
de gado dos filhos de Israel. Mas o coração do faraó continuava empedernido e não
deixou sair o povo.

VII. As úlceras

[8]Então o SENHOR disse a Moisés e a Aarão: «Apanhai fuligem da fornalha com
as vossas mãos cheias; Moisés atirá-la-á para o ar diante do faraó [9]e ela transformar-
-se-á num pó muito fino sobre toda a terra do Egito; e nos seres humanos e nos
animais provocará úlceras com pústulas abertas por toda a terra do Egito». [10]Eles
apanharam a fuligem da fornalha e apresentaram-se diante do faraó; e Moisés lançou
ao ar a fuligem e apareceram úlceras com pústulas abertas nos seres humanos e nos
animais. [11]E os mágicos não conseguiam permanecer diante de Moisés, por causa

[a] Os egípcios consideravam carneiros, vacas e touros como animais sagrados, associando-os profundamente a algumas das suas principais divindades. Por isso, não era possível oferecerem estes animais em sacrifício.

[b] O que é dito nos vv. 19-21 pressupõe que o gado dos egípcios não teria morrido todo.

das úlceras. Pois havia úlceras nos mágicos e em todos os egípcios. [12]Mas o SENHOR endureceu o coração do faraó[c] e ele não os escutou, tal como o SENHOR tinha declarado a Moisés.

VIII. O granizo

[13]Então o SENHOR disse a Moisés: «Levanta-te de manhã cedo e apresenta-te diante do faraó e diz-lhe: "Assim diz o Deus dos hebreus: Deixa sair o meu povo, para me prestarem culto. [14]Pois desta vez Eu vou enviar todos os meus flagelos contra o teu coração, contra os teus servos e contra o teu povo, a fim de que saibas que não há como Eu em toda a terra. [15]Pois se agora Eu tivesse estendido a minha mão e te tivesse atingido a ti e ao teu povo com a peste, tu já terias desaparecido da terra. [16]No entanto, foi para isto que Eu te deixei de pé, para te fazer ver a minha força e para que o meu nome fosse falado em toda a terra. [17]Enquanto te mostrares insolente contra o meu povo, não os deixando sair, [18]Eu vou fazer com que, amanhã por esta hora, chova um granizo muito pesado, tal como não houve no Egito desde o dia da fundação[d] até agora. [19]Portanto, manda que seja posto em segurança o teu gado e tudo o que tens no campo, pois todas as pessoas e os animais que se encontrarem no campo não serão recolhidos para casa; sobre eles cairá o granizo e morrerão"». [20]De entre os servos do faraó, quem temeu a palavra do SENHOR fez com que os seus servos e o seu gado fugissem para suas casas. [21]Mas quem não prestou atenção à palavra do SENHOR abandonou os seus servos e o seu gado no campo.

[22]Então o SENHOR disse a Moisés: «Estende a tua mão para os céus e caia granizo sobre toda a terra do Egito, sobre os homens e sobre os animais e sobre toda a verdura do campo na terra do Egito». [23]E Moisés estendeu a sua vara para os céus e o SENHOR mandou trovões e granizo; os relâmpagos abatiam-se sobre a terra e o SENHOR fez com que chovesse granizo sobre a terra do Egito. [24]Era um granizo muito pesado com relâmpagos a misturar-se no meio do granizo, tal como não tinha acontecido em toda a terra do Egito desde que ele se tornou um povo. [25]E o granizo atingiu tudo aquilo que estava no campo em toda a terra do Egito, desde os homens aos animais; o granizo atingiu igualmente toda a verdura do campo e partiu todas as árvores do campo. [26]Apenas na terra de Góchen, onde estavam os filhos de Israel, não havia granizo. [27]Então o faraó mandou chamar Moisés e Aarão e disse-lhes: «Desta vez pequei; o SENHOR é que tem razão e eu e o meu povo somos culpados. [28]Intercedei ao SENHOR, porque já são demais os trovões de Deus e o granizo. E eu deixar-vos-ei sair e não tereis que permanecer aqui mais tempo». [29]Moisés respondeu-lhe: «Mal eu saia da cidade estenderei as minhas mãos para o SENHOR e os trovões terminarão e não haverá mais granizo; isto para que saibas que

[c] Cf. 4,21.

[d] O texto faz alusão, aqui e no v. 24, a um conceito político da cultura egípcia que corresponde ao tempo em que foi instituída a organização política que o caracterizava.

a terra pertence ao SENHOR. 30Mas eu sei que tu e os teus servos ainda não tendes
temor diante de Deus, o SENHOR».
31O linho e a cevada ficaram estragados, pois a cevada estava em espiga e o linho
estava a dar flor. 32O trigo e o centeio não se estragaram porque são tardios. 33E
Moisés saiu de junto do faraó para fora da cidade e estendeu as suas mãos para o
SENHOR e terminaram os trovões; e o granizo com a chuva deixou de cair sobre a
terra. 34O faraó viu que a chuva tinha parado, bem como os trovões e o granizo, e
prosseguiu no pecado, continuando de coração empedernido, ele e os seus servos.
35O coração do faraó ficou endurecido e não deixou sair os filhos de Israel, tal como
o SENHOR tinha declarado por meio de Moisés.

10 IX. Os gafanhotos

1Então o SENHOR disse a Moisés: «Vai ter com o faraó, pois Eu tornei pesado
o seu coração e o coração dos seus servos, para poder realizar no meio deles estes
meus sinais 2e também para que tu possas contar ao teu filho e ao filho do teu filho
os prodígios que Eu realizei no Egito e os sinais que apresentei entre eles e assim
fiqueis a saber que Eu sou o SENHOR[a]». 3Moisés e Aarão foram ter com o faraó e
disseram-lhe: «Assim diz o SENHIOR, Deus dos hebreus: "Até quando vais recusar
humilhar-te diante de mim? Deixa sair o meu povo, para me prestarem culto! 4Pois
se te recusas a deixar partir o meu povo, Eu vou fazer com que amanhã os gafanhotos
invadam o teu território. 5Eles cobrirão a superfície da terra, de modo que nem se
conseguirá ver o chão, e devorarão aquilo que escapou, o resto que vos ficou depois
do granizo; devorarão igualmente os rebentos de todas as vossas árvores do campo.
6Eles encherão a tua casa e a casa de todos os teus servos e de todos os egípcios, tal
como nunca viram os teus pais nem os pais dos teus pais, desde o dia em que eles
passaram a estar sobre este território até ao dia de hoje"». E depois Moisés voltou-se
e saiu da presença do faraó. 7Então os servos do faraó disseram-lhe: «Até quando
vai este ser uma armadilha para nós? Deixa sair esses homens e que prestem culto
ao SENHOR, seu Deus. Ainda não te apercebeste de que o Egito está perdido?»
8Fizeram então voltar Moisés e Aarão à presença do faraó e este disse-lhes: «Ide!
Prestai culto ao SENHOR, vosso Deus. Mas quem são aqueles que têm de ir?» 9E
Moisés respondeu: «Iremos com os nossos jovens e com os nossos anciãos, com os
nossos filhos e com as nossas filhas; vamos com as nossas ovelhas e os nossos bois.
Pois é para nós uma festa do SENHOR». 10Mas ele disse-lhes: «Que o SENHOR
esteja tanto convosco como eu vos vou deixar sair e às vossas crianças. Vejam como
é uma maldade aquilo que tendes em vista. 11Não será assim! Que vão apenas os
homens e prestai culto ao SENHOR, já que é isso o que pedistes». E expulsou-os
da presença do faraó.

[a] Este v. 2 reflete a intenção didática que preside a esta literatura, destinada a servir na instrução do povo (cf. Dt 4,9; 6,20-23).

12Então o SENHOR disse a Moisés: «Estende a tua mão sobre a terra do Egito
para que subam os gafanhotos sobre a terra do Egito e devorem toda a verdura da
terra e tudo o que o granizo deixou como resto». 13Moisés estendeu a sua vara sobre
a terra do Egito e o SENHOR dirigiu um vento do Leste contra a terra, durante
todo aquele dia e toda aquela noite. Veio a manhã e o vento leste tinha trazido os
gafanhotos. 14E os gafanhotos subiram sobre toda a terra do Egito e pousaram em
todo o território em enxames muito pesados. Antes não tinha havido assim tantos
gafanhotos como estes, nem depois voltaria a haver. 15Eles cobriam a superfície de
toda a terra; a terra ficou às escuras e os gafanhotos devoraram toda a verdura da
terra e todos os frutos das árvores que o granizo tinha deixado. E não ficou nada de
verde nas árvores e noutras verduras do campo por toda a terra do Egito. 16Então
o faraó apressou-se a chamar Moisés e Aarão e disse: «Pequei contra o SENHOR,
vosso Deus, e contra vós. 17E agora, desculpa, por favor, o meu pecado mais esta
vez e intercedei ao SENHOR, vosso Deus, para que, pelo menos, afaste de cima de
mim esta mortandade». 18Moisés saiu da presença do faraó e intercedeu junto do
SENHOR. 19E o SENHOR revirou o vento por um vento muito forte vindo do mar e
levou os gafanhotos e atirou-os para o mar Vermelho. Não ficou nem um gafanhoto
em todo o território do Egito. 20Mas o SENHOR endureceu o coração do faraó e
este não deixou sair os filhos de Israel.

X. As trevas

21Então o SENHOR disse a Moisés: «Estende a tua mão para os céus e que haja
trevas sobre a terra do Egito, trevas de se poderem apalpar. 22E Moisés estendeu a sua
mão para os céus e houve trevas densas por toda a terra do Egito, durante três dias.
23Ninguém conseguia ver o seu vizinho e, durante três dias, ninguém se levantava
do sítio onde estava, mas para todos os filhos de Israel havia luz nas suas moradas.
24O faraó mandou chamar Moisés e disse: «Ide, prestai culto ao SENHOR, mas as
vossas ovelhas e os vossos bois devem ficar. As vossas crianças podem igualmente ir
convosco. 25E Moisés disse: «Ainda que tu nos dês animais para oferecermos sacri-
fícios e holocaustos ao SENHOR, nosso Deus, 26mesmo assim o nosso gado irá
connosco; não ficará nem uma cabeça, pois é dele que faremos escolha para prestar
culto ao SENHOR, nosso Deus, e não sabemos o que é preciso para prestarmos
culto ao SENHOR, nosso Deus, até lá chegarmos. 27Mas o SENHOR endureceu o
coração do faraó e este não quis deixá-los sair. 28E o faraó disse-lhe: «Vai-te embora
da minha presença e guarda-te de voltares a ver a minha face, pois no dia em que
voltares a ver a minha face morrerás». 29E Moisés disse: «Tu assim disseste! Não
voltarei mais a ver a tua face».

11 XI. Anúncio da morte dos primogénitos

1Então o SENHOR disse a Moisés: «Vou fazer vir mais um flagelo sobre o
faraó e sobre o Egito. Depois disso, ele deixar-vos-á sair daqui e, quando decidir

deixar-vos sair, acabará até por vos expulsar daqui. [2]Procura falar aos ouvidos do
povo para que cada homem peça ao seu vizinho e cada mulher à sua vizinha objetos
de prata e objetos de ouro». [3]E o SENHOR fez com que o povo encontrasse graça
diante dos olhos dos egípcios. O próprio Moisés era um homem muito importante
na terra do Egito, aos olhos dos servos do faraó.
[4]Então Moisés disse: «Assim diz o SENHOR: "Quando for meia-noite[a] Eu sairei
pelo meio do Egito [5]e morrerão todos os primogénitos na terra do Egito, desde o
primogénito do faraó que se senta no seu trono até ao primogénito da escrava que
está por trás das duas pedras de moer e ao primogénito dos animais. [6]E haverá grande
clamor por toda a terra do Egito, um clamor tal como nunca existiu nem voltará a
existir. [7]Mas contra todos os filhos de Israel, tanto homens como animais, nem um
cão mostrará os dentes, para que saibais que o SENHOR faz uma diferença entre o
Egito e os filhos de Israel. [8]E todos os teus servos descerão para junto de mim e pros-
trar-se-ão diante de mim, dizendo: "Sai daqui com todo o teu povo que segue os teus
passos". E, depois disso, sairei eu.» E Moisés saiu da presença do faraó, ardendo em
ira. [9]Então o SENHOR disse a Moisés: «O faraó não vos escutará, de modo que se
vão multiplicar os meus prodígios na terra do Egito». [10]E Moisés e Aarão realizaram
todos estes prodígios na presença do faraó. E o SENHOR endureceu o coração do
faraó e este não deixou sair os filhos de Israel da sua terra.

PÁSCOA E PASSAGEM DO MAR VERMELHO (12,1-18,27)

12 A Páscoa

[1]Então o SENHOR falou a Moisés e a Aarão, na terra do Egito[b], dizendo:
[2]«Este mês é para vós o começo dos meses, é o primeiro dos meses do ano[c] para vós.
[3]Falai a toda a comunidade de Israel, dizendo: "No dia dez deste mês tomareis, cada
um de vós, uma cabeça de gado miúdo por cada casa paterna, uma rês por casa; [4]e se
a casa for pequena para se comer uma rês, junte-se com o seu vizinho mais próximo

[a] Ao contrário do dia, a noite é um espaço do que é improvável, denso ou misterioso. A expressão *meia-noite* representa o ponto nuclear desse espaço e aparece na Bíblia com sentido positivo (Sl 119,62), negativo (Jb 34,20) ou ambivalente, como neste texto em que a *passagem* de Deus é de salvação para os hebreus e de perdição para os primogénitos egípcios. O facto de esta última *praga* ou sinal do poder de Deus ser anunciado para a *meia-noite* contribui para sublinhar o carácter prodigioso e épico com que é descrita esta intervenção decisiva de Deus da qual resulta de imediata a libertação do povo.

[b] A secção que vai de 12,1 a 13,16 vem introduzir um conjunto de normas sobre a experiência litúrgica na sequência narrativa da saída do Egito, instalando na própria celebração memorial (vv. 29-42) o significado que tinha "aquele dia" do Egito no quotidiano da vida religiosa hebraica. A saída do Egito funciona, assim, como um espaço fundacional para o ritual das festas.

[c] Trata-se do mês de Abib, isto é, das espigas (Dt 16,1), que se situava no meio do ano que começava no outono (Ex 23,16; 34,22), com as primeiras chuvas depois do verão, segundo a antiga tradição cananaica. Entretanto, Israel assumiu o calendário babilónico que começava o ano na primavera, com o início das cheias; e o antigo mês de Abib assumiu o nome babilónico de Nisan e ficou a ser o primeiro mês. Daí a insistência em dizer que este é o primeiro mês do ano. O judaísmo continua a contar os meses a partir de Nisan, apesar de ter passado a celebrar o início do ano no outono.

da sua casa e faça o cálculo por cada rês, conforme o número das pessoas e segundo
aquilo que cada um come. 5Deve ser um animal de um ano, macho sem defeito; e
deveis escolhê-lo de entre os cordeiros ou de entre os cabritos. 6Deveis mantê-lo em
resguardo até ao dia catorze deste mês; e sacrificá-lo-ão com toda a assembleia da
comunidade de Israel ao cair da tarde[d]. 7E tomai um pouco do sangue e colocai-o nas
duas ombreiras e no lintel das portas, nas casas onde estiverdes a comê-lo. 8E deveis
comer a carne naquela noite assada no fogo; comê-la-eis com pães ázimos e ervas
amargas. 9Não a deveis comer crua ou simplesmente cozida em água, mas apenas
assada no fogo, tanto a sua cabeça como as patas e as entranhas. 10E não deixeis nada
dela para de manhã; o que sobrar dela até de manhã deveis queimá-lo no fogo. 11E
deveis comê-la da seguinte maneira: com os rins cingidos, as vossas sandálias nos pés
e o vosso bastão na mão; e comê-lo-eis como quem está com pressa, pois é a Páscoa[e]
em honra do SENHOR.

12E, naquela noite, Eu passarei pela terra do Egito e atingirei todos os primogénitos
na terra do Egito, desde os homens até aos animais, e executarei sentenças contra
todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR. 13Mas para vós o sangue servirá de sinal
nas casas onde estiverdes. Eu verei o sangue e passarei adiante; e não haverá entre vós
flagelo destruidor, quando Eu atingir a terra do Egito. 14Esse dia será para vós um
memorial e deveis festejá-lo como uma festa em honra do SENHOR. Festejá-lo-eis
ao longo das vossas gerações como norma eterna».

Festa dos Ázimos

15Durante sete dias comereis pães sem fermento[f]. E assim, no primeiro dia fareis
desaparecer o fermento das vossas casas, pois todo aquele que comer qualquer coisa
com fermento, desde o primeiro ao sétimo dia, será excluído de Israel. 16No primeiro
dia, será convocada para vós uma assembleia sagrada; e outra assembleia sagrada,
no sétimo dia. Nesses dias não realizareis nenhuma tarefa. Apenas se poderá fazer
aquilo que for preciso para cada um comer. 17Deveis guardar a festa dos Ázimos,
pois foi nesse mesmo dia que Eu fiz sair os vossos agrupamentos da terra do Egito.
Deveis, portanto, guardar este dia ao longo das vossas gerações como norma eterna.

18Neste primeiro mês, desde o dia catorze do mês à tarde até ao dia vinte e um do
mês à tarde, comereis pães sem fermento. 19Durante sete dias não se deve encontrar

[d] Lit.: *entre as duas tardes*. Esta marcação ambivalente do tempo levou a discussões sobre o momento preciso em que devia ser imolado o cordeiro da Páscoa. Os samaritanos dizem que é entre a tarde e a noite; os fariseus, que é entre o início e o fim da tarde.

[e] A Páscoa teria sido uma festa pastoril de primavera. Quanto ao nome, o texto (vv. 13 e 27) dá uma explicação provavelmente popular, derivando-o do verbo *pasah* que significa "coxear, caminhar em ritmo irregular": Deus saltou por cima ou passou adiante, ao chegar à casa dos hebreus. Esta associação com a saída dos hebreus transformou a festa anual dos pastores num memorial de libertação.

[f] O presente texto liga a festa da Páscoa com a festa dos Pães sem Fermento, a qual parece ter sido anteriormente uma festa independente (Ex 23,15; 34,18; Dt 16,9) e de contexto agrícola, se bem que situada igualmente na primavera. A associação com a Páscoa fez dela mais um memorial da saída do Egito.

fermento nas vossas casas, pois todo aquele que comer qualquer coisa fermentada,
essa pessoa será excluída da assembleia de Israel, seja estrangeiro residente, seja nativo
da terra. [20]Não deveis comer nada com fermento. Onde quer que estejais a morar,
comereis pães sem fermento».

Normas de celebração da Páscoa

[21]Então Moisés convocou todos os anciãos de Israel e disse-lhes: «Trazei e tomai
para vós uma cabeça de gado miúdo para as vossas famílias e fazei o sacrifício da
Páscoa. [22]Depois pegareis num ramo de hissope[a] mergulhá-lo-eis no sangue que
está na taça e tocareis no lintel e nas duas ombreiras com parte do sangue que está
na taça; e nenhum de vós deve sair da porta de sua casa até de manhã. [23]Então o
SENHOR passará para flagelar o Egito e verá o sangue sobre o lintel e sobre as duas
ombreiras da porta e passará essa porta adiante e não permitirá que o destruidor[b]
entre em vossas casas para flagelar. [24]Deves guardar isto como uma norma para ti e
para os teus filhos para sempre. [25]E quando entrardes na terra que o SENHOR vos
vai dar, tal como declarou, deveis guardar este ritual. [26]E se acontecer que os vossos
filhos vos perguntem o que significa para vós este ritual, [27]vós direis: "É o sacrifício
da Páscoa em honra do SENHOR, pois Ele passou adiante as casas dos filhos de Israel
no Egito, quando flagelou o Egito e livrou as nossas casas"». E o povo ajoelhou-se
e prostrou-se em adoração. [28]Então os filhos de Israel foram e fizeram tal como o
SENHOR tinha ordenado a Moisés e a Aarão. Assim mesmo eles o fizeram.

Morte dos primogénitos e saída do Egito

[29]E aconteceu que a meio da noite o SENHOR atingiu todos os primogénitos na
terra do Egito, desde o primogénito do faraó que se sentava no seu trono até ao pri-
mogénito daquele que estava prisioneiro na cadeia[c] e todos os primogénitos dos ani-
mais. [30]Naquela noite levantou-se o faraó e todos os seus servos e todos os egípcios
e houve um grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse um
morto. [31]Então o faraó chamou Moisés e Aarão de noite e disse: «Levantai-vos e saí
do meio do meu povo, tanto vós como também os filhos de Israel e ide-vos embora!
Prestai culto ao vosso Deus, tal como dissestes. [32]Levai também o vosso gado miúdo
e os vossos bois, como dissestes. Ide então e abençoai-me também a mim[d].

---

[a] O hissope é uma pequena planta aromática, de folhagem densa e flor de cor azul-violeta que se prestava para ser usada em diversos rituais de aspersão (Nm 19,6; Sl 51,9; Heb 9,19).

[b] Usado aqui e no v. 13, este termo de *destruidor* poderia ser também traduzido por *destruição*. Porém, as traduções antigas e o próprio estatuto gramatical da palavra dão a entender que se trata de um agente causador de destruição (cf. Gn 19,13; 2Sm 24,16), uma espécie de personificação do conceito a funcionar como intermediário da acção divina.

[c] Lit.: *na casa da cisterna*. Era corrente utilizar-se cisternas vazias como prisão (cf. Gn 40,15; 41,14; Jr 38,6).

[d] Eventualmente poderia também entender-se como uma ordem para se despedirem dele (cf. Gn 47,10; 1Rs 8,66). Mas é provável que seja uma referência algo irónica aos pedidos insistentes do faraó ao longo da narrativa, para que intercedessem por ele (8,24).

33 E os egípcios faziam pressão sobre o povo para se apressar, de modo a fazerem-nos
sair do país, pois diziam: «Vamos morrer todos». 34 E o povo carregou ao ombro a
farinha que ainda não tinha levedado, com as amassadeiras embrulhadas nas suas
roupas. 35 E os filhos de Israel fizeram como Moisés lhes tinha dito e pediram aos egíp-
cios objetos de prata e objetos de ouro e peças de roupa. 36 E o SENHOR concedeu
ao povo encontrar graça diante dos olhos dos egípcios para lhes fazerem pedidos. E
assim eles despojaram o Egito[e].
37 E os filhos de Israel partiram de Ramessés em direção a Sucot[f], em número de
seiscentos mil homens fortes a pé, fora as crianças. 38 E com eles subiu também uma
grande multidão, com ovelhas e bois, uma quantidade de gado muito numerosa.
39 E com a farinha amassada que trouxeram para fora do Egito cozeram bolos sem
fermento; é que a massa não tinha fermentado, pois eles foram expulsos do Egito e
não podiam demorar-se; nem sequer fizeram provisões para si mesmos. 40 E o tempo
de permanência em que os filhos de Israel residiram no Egito foi de quatrocentos e
trinta anos. 41 E aconteceu que, ao fim de quatro centos e trinta anos, naquele mesmo
dia saíram do Egito todos os agrupamentos do SENHOR. 42 Aquela foi uma noite de
vigília para o SENHOR, para os fazer sair da terra do Egito; esta é a noite de vigília[g]
em honra do SENHOR, para todos os filhos de Israel ao longo das suas gerações.

Normas sobre a Páscoa

43 E o SENHOR disse a Moisés e a Aarão[h]: «Esta é a norma da Páscoa. Nenhum
estrangeiro comerá dela. 44 E a qualquer escravo que foi comprado por prata, deves
fazer-lhe a circuncisão e então poderá comer da Páscoa. 45 O forasteiro ou o assalaria-
do não deve comer dela. 46 Deve comer-se a Páscoa numa mesma casa; não deveis fazer
sair nenhum bocado de carne para fora de casa e não deveis quebrar nenhum osso
dele. 47 Todos os da comunidade de Israel devem cumprir esta norma. 48 E se residir
junto de ti um estrangeiro que queira celebrar a Páscoa em honra do SENHOR, que
seja feita a circuncisão de todos os de género masculino e então poderá aproximar-se
para celebrar a Páscoa e será como um nativo da terra. Mas nenhum incircunciso
pode comer dela. 49 Haverá uma norma única para o nativo e para o estrangeiro que
residir no meio de vós.

---

[e] Cf. 3,22.

[f] É desconhecida uma localidade com o nome bem semítico de Sucot nas proximidades do Egito. Aquela que se conhece além do Jordão não pode ser hipótese, neste texto.

[g] Com base na expressão *noite de vigília* surgiu o poema targúmico das *Quatro noites* mais importantes para o povo de Deus: a noite da criação, a noite em que Abraão recebeu a promessa do nascimento de Isaac, a noite da libertação do Egito e a noite do cumprimento definitivo da salvação, com a vinda do Messias.

[h] Os vv. 43-49 acrescentam algumas normas suplementares sobre a celebração da Páscoa, que têm como especial preocupação definir quem pertence realmente à comunidade de Israel. A condição essencial é a de terem feito a circuncisão; é dos homens que se trata, portanto. Esta necessidade de especificar quem faz parte do povo parece representar os tempos algo confusos, a seguir ao exílio.

50E assim fizeram todos os filhos de Israel; tal como o SENHOR tinha ordenado
a Moisés e a Aarão, assim eles fizeram. 51E foi nesse mesmo dia que o SENHOR fez
sair os filhos de Israel da terra do Egito, segundo os seus agrupamentos.

13 Normas sobre primogénitos e pães ázimos

1E o SENHOR falou a Moisés, dizendo: 2«Deves consagrar-me todo o primo-
génito, todo aquele que sai em primeiro do ventre materno, entre os filhos de Israel.
Seja de homens, seja de animais, ele pertence-me».
3E Moisés disse ao povo: «Lembra-te deste dia em que vós saístes do Egito, da casa dos
escravos, pois foi com mão forte que o SENHOR vos fez sair daqui. E não se deve comer
pão com fermento. 4É hoje que vós ides sair, no mês de Abib. 5E acontecerá que o SENHOR
te vai fazer entrar na terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do heveu e do jebuseu, que
Ele jurou aos teus pais que te havia de dar, uma terra onde corre leite e mel. Então deves
realizar este ritual neste mesmo mês. 6Durante sete dias, deves comer pães sem fermento e
o sétimo dia é de festa em honra do SENHOR. 7Devem comer pães sem fermento durante
os sete dias e não deve ser visto junto de ti nada de fermentado nem deve ser visto junto
de ti nenhum fermento em todo o teu território. 8E naquele dia anunciarás[a] ao teu filho,
dizendo: "É por causa daquilo que o SENHOR fez por mim, quando eu saí do Egito[b]. 9E
será para ti como um sinal na tua mão ou como um memorial entre os teus olhos[c], para
que a instrução do SENHOR esteja na tua boca, pois foi com mão forte que o SENHOR te
fez sair do Egito. 10Deves observar esta norma no seu devido tempo, de ano para ano[d]. 11E
quando o SENHOR te fizer entrar e te tiver dado a terra do cananeu, tal como te jurou, a
ti e aos teus pais, 12então destinarás para o SENHOR todo aquele que for o primeiro a sair
do ventre materno e todas as primeiras crias do gado que tiveres[e]. Os machos serão para
o SENHOR. 13Mas deves resgatar todas as primeiras crias do jumento por uma cabeça de
gado. Se não o resgatares, deves quebrar-lhe a nuca[f]. Mas deves resgatar todo o primogénito
de homem de entre os teus filhos.

[a] *Anunciarás*. É deste verbo *(haggid)* que deriva a palavra *haggadah*, que no judaísmo significa o desenvolvimento deste anúncio numa narrativa litúrgica *(seder)* da experiência da Páscoa, para informação e instrução de todas as comunidades a cada ano que passa, de modo a responder às perguntas dos filhos (Ex 12,26; Dt 6,20).

[b] Explicitando mais o sentido, a *Mishná*, nos primeiros séculos da nossa era, sublinha que, a cada geração que passa, cada um se deve considerar como alguém que estava lá, na saída do Egito.

[c] Com esta recomendação está ligado o uso das filactérias (cf. Mt 23,5), que os hebreus praticantes usam durante a oração. São duas pequenas caixas de couro ligadas no braço esquerdo e na fronte, com fitas de couro com os textos de Ex 13,1-16 e Dt 6,4-9; 11,13-21.

[d] Lit.: *de dias para dias*.

[e] No que toca ao sacrifício dos primogénitos como à oferta das primícias vegetais ou animais (cf. 22,28-29; 34,18-20; Nm 3,11-13.40-51; 18,15,16; Dt 15,19-23), Israel segue este uso cananaico e agrícola, mas afasta-se no caso dos primogénitos humanos, que condena (Lv 18,21; 20,2-5; Dt 12,31; 18,10), e na proibição de oferecer animais impuros em sacrifício. Tal como acontecera com a Páscoa e com os pães sem fermento, também este rito é posto em relação com a saída do Egito.

[f] Sendo considerado um animal impuro (Lv 11,3), o burro não pode ser oferecido em sacrifício. Se não se quiser resgatar a sua primeira cria, esta tem de ser morta de uma maneira diferente da de um sacrifício.

14 E se acontecer que, amanhã, o teu filho te interrogar, dizendo "o que é isto?",
responder-lhe-ás: O SENHOR fez-nos sair do Egito, da casa dos escravos, com mão
forte. 15 E, como o faraó se mostrou duro em nos deixar sair, o SENHOR matou
todos os primogénitos na terra do Egito, desde o primogénito de homem até ao pri-
mogénito dos animais. Por isso eu ofereço todo o macho que é o primeiro a sair do
ventre materno como sacrifício em honra do SENHOR, mas resgato o primogénito
de entre os meus filhos. 16 E este será como um sinal na tua mão e marcas entre os teus
olhos, pois foi com mão forte que o SENHOR nos fez sair do Egito».

Partida do Egito

17 E aconteceu que, quando o faraó deixou sair o povo, o SENHOR não os con-
duziu pelo caminho da terra dos filisteus[g], que era o mais próximo. Pois Deus dis-
se: «Não seja que, ao verem algum combate, o povo se arrependa e voltem para o
Egito». 18 E Deus fez com que o povo se desviasse pelo caminho do deserto do mar
Vermelho[h]. E assim organizados[i], os filhos de Israel subiram da terra do Egito.
19 Moisés tomou consigo os ossos de José, porque ele tinha exigido com juramento
aos filhos de Israel, dizendo: «Deus há de intervir em vosso favor e então deveis fazer
subir convosco daqui os meus ossos». 20 E eles partiram de Sucot e foram acampar
em Etam, na extremidade do deserto. 21 O SENHOR caminhava diante deles, de
dia numa coluna de nuvem para os guiar no caminho e de noite numa nuvem de
fogo a fim de os alumiar, para caminharem de dia e de noite. 22 A coluna de nuvem
não se afastava da frente do povo, durante o dia, nem a coluna de fogo, durante a
noite.

14 A caminho do mar

1 Então o SENHOR falou a Moisés, dizendo: 2 «Fala aos filhos de Israel para
voltarem e acamparem diante de Pi-Hairot[j], entre Migdol e o mar, diante de Baal-

---

g Chama-se *caminho dos filisteus* porque atravessava a região onde estes se estabeleceram, junto ao mar Mediterrâneo. Por isso era também conhecida como a Via do Mar (Is 8,23). Por alturas do monte Carmelo seguia, em alternativa, para as cidades costeiras dos fenícios, para Damasco em direção à Mesopotâmia ou para além do Jordão, passando por Bet-Chan. No fim do Império Novo, o troço que vai do delta até meio da Palestina estava cheio de fortalezas para apoio das campanhas asiáticas do Egito. Daí a alusão aos possíveis combates, com o controlo previsível num percurso por onde passava a maioria dos contactos do Egito para as regiões do Norte.

h O *deserto do mar Vermelho* é a parte ocidental do Sinai próxima do golfo de Suez. A expressão *yam suf* aplica-se a um mar situado numa região onde crescia o junco (cf. Ex 2,3.5). Entretanto, desde a tradução dos LXX, a expressão tem sido usada para designar o mar Vermelho nos seus dois golfos, o de Suez, a ocidente, e o de Eilat, a oriente (Nm 14,25; 21,4; Dt 1,40; 1Rs 9,26; Jr 49,21). A designação de mar Vermelho mantém-se em vigor até aos dias de hoje.

i Ou: *organizados em grupos de cinquenta.*

j Ou: *diante da embocadura do canal,* entendendo *hyrt* como um termo acádico-aramaico a significar *canal*. Apesar da primeira parte (*Pi*), que poderia significar "palácio, templo" como em Pi-Tom ou Pi-Ramessés, não há dados que identifiquem aqui um nome egípcio. O mesmo aconteceria em Nm 33,7s.

-Safon[a]. Em frente dele acampareis junto ao mar. 3E o faraó dirá a respeito dos filhos
de Israel: "Eles andam perdidos na terra; o deserto fechou-se sobre eles". Então Eu
endurecerei o coração do faraó e ele vai persegui-los. Mas Eu hei de ser glorificado no
faraó e em todo o seu exército e os egípcios ficarão a saber que Eu sou o SENHOR».
E eles assim fizeram.
5Entretanto, o rei do Egito foi informado de que o povo tinha fugido[b] e o coração
do faraó e dos seus servos revoltou-se contra o povo e diziam: «Que coisa é esta que
fizemos, ao permitirmos que Israel deixasse de estar ao nosso serviço? 6E o faraó
atrelou o seu carro de guerra e levou consigo a sua tropa. 7Tomou seiscentos carros
escolhidos junto com todos os carros do Egito, com escudeiros em todos eles. 8O
SENHOR endureceu o coração do faraó, rei do Egito, e ele foi em perseguição atrás
dos filhos de Israel. Mas os filhos de Israel saíram de mão erguida[c]. 9Os egípcios
foram atrás deles em perseguição e alcançaram-nos quando estavam acampados
junto ao mar, em frente de Pi-Hairot[d] diante de Baal-Safon. Eram todos os cavalos,
os carros do faraó e os seus cavaleiros e o seu exército.
10Quando o faraó se aproximava, os filhos de Israel ergueram os olhos e eis que os
egípcios vinham atrás deles. Os filhos de Israel tiveram muito medo e clamaram ao
SENHOR 11e disseram a Moisés: «Será porque não há sepulcros no Egito que nos
trouxeste para morrer no deserto? O que é que nos foste fazer ao levar-nos a sair do
Egito? 12Já te tínhamos declarado isto no Egito, dizendo: "Deixa-nos, pois queremos
continuar a servir o Egito! Pois é melhor para nós servir o Egito que morrermos no
deserto"». 13Mas Moisés disse ao povo: «Não tenhais medo! Mantende-vos de pé
e vereis a salvação que o SENHOR vai realizar hoje em vosso favor. Pois da maneira
como hoje vistes os egípcios não voltareis a vê-los nunca mais. 14O SENHOR com-
baterá por vós. E vós podeis ficar sossegados».

Passagem do mar Vermelho

15Então o SENHOR disse a Moisés: «Por que razão clamas por mim? Fala aos
filhos de Israel para que partam. 16E tu levanta a tua vara e estende a tua mão sobre
o mar e divide-o, de modo que os filhos de Israel passem pelo meio do mar como
em terra seca[e]. 17Quanto a mim, vou endurecer o coração do Egito e eles virão atrás
dos filhos de Israel. Mas Eu mostrarei a minha glória no faraó e em todo o seu

[a] Os dois topónimos, Migdol e Baal-Safon, são claramente semíticos, o que não admira, dada a forte influência semítica no delta oriental, sobretudo no Império Novo.
[b] É a única vez que se usa o verbo *fugir* no contexto da saída do povo. Em 2,15 este verbo era referido à fuga de Moisés. Este termo traduz a reação dos egípcios e do faraó, desiludidos com a perda do trabalho dos hebreus.
[c] Esta expressão significa liberdade e capacidade de movimentação e combate (cf. Nm 15,30; 33,3).
[d] Ou: *diante da embocadura do canal* (cf. v. 2).
[e] O recuar do mar e o aparecimento da terra seca poderia sugerir alguma analogia com Gn 1,9. Esta alusão estaria, de algum modo, a preparar a interpretação épica da vitória contra o mar, visto como o caos ameaçador, no c. 15. É por isso que esta travessia é vista como o grande prodígio (Sl 77,17-20; 106,9) e que Is 43,16-21 vê o regresso do exílio como um novo êxodo.

exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros. [18]E os egípcios ficarão a saber que Eu
sou o SENHOR, quando mostrar a minha glória no faraó, nos seus carros e nos
seus cavaleiros».
[19]E o mensageiro de Deus que caminhava na frente do acampamento de Israel
partiu e pôs-se a caminhar atrás deles; e a coluna de nuvem partiu da frente deles
e foi colocar-se atrás deles [20]e entrou no espaço entre o acampamento do Egito
e o acampamento de Israel. E aconteceu que a nuvem por um lado fazia trevas,
mas pelo outro iluminava a noite, de modo que, durante toda a noite, um acam-
pamento não se aproximava do outro. [21]Moisés estendeu a sua mão sobre o mar
e o SENHOR fez deslocar o mar por meio de um forte vento leste, durante toda
a noite, e transformou o mar em chão enxuto e as águas foram divididas. [22]Os
filhos de Israel entraram pelo meio do mar como terra seca; e as águas eram para
eles uma muralha à sua direita e à sua esquerda. [23]Os egípcios continuavam a
perseguição e entraram atrás deles para o meio do mar, todos os cavalos do faraó,
os seus carros e os seus cavaleiros. [24]E aconteceu que, pela vigília da manhã[f], o
SENHOR lançou o olhar, da coluna de fogo e de nuvem para o acampamento
dos egípcios, e provocou a confusão no acampamento dos egípcios. [25]E Ele desa-
linhou o rodado dos seus carros, de modo que se tornou pesado conduzi-los. E
os egípcios diziam: «Vou fugir da frente de Israel, pois o SENHOR combate por
eles contra o Egito».
[26]Então o SENHOR disse a Moisés: «Estende a tua mão sobre o mar e as águas
voltarão atrás sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros». [27]E
Moisés estendeu a sua mão sobre o mar e, antes do amanhecer, o mar voltou para o
seu lugar de antes e os egípcios, ao fugir, iam contra ele. E assim o SENHOR empur-
rou os egípcios para o fundo do mar. [28]E as águas voltavam e cobriam os carros e os
cavaleiros de todo o exército do faraó que vinham atrás deles pelo mar. Não ficou
nem sequer um deles.
[29]Os filhos de Israel caminhavam em chão seco pelo meio do mar; e as águas eram
para eles uma muralha, à sua direita e à sua esquerda. [30]E naquele dia o SENHOR
salvou Israel da mão dos egípcios e Israel viu o Egito morto na beira do mar. [31]Israel
viu realmente a mão poderosa com que o SENHOR interveio contra o Egito; e o
povo temeu o SENHOR e acreditaram no SENHOR e em Moisés, seu servo.

15 Cântico de Moisés

[1]Então Moisés cantou este cântico ao SENHOR, junto com os filhos de Israel.
E diziam assim[g]:

[f] Como na Babilónia, a noite era dividida em três vigílias de quatro horas: a primeira, das 18 às 22h (cf. Lm 2,19); a da meia-noite, das 22 às 2h da madrugada (cf. Jz 7,19); e a da manhã, das 2 às 6h (cf. 1Sm 11,11).

[g] Este cântico pode reunir composições de várias épocas e alude tanto à própria travessia do mar como a lutas com inimigos posteriores, constituindo tudo um mesmo horizonte de salvação da parte de Deus.

«Cantarei ao SENHOR, porque foi verdadeiramente grande:
precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.
2 O SENHOR[a] é a minha força e vigor[b];
Ele foi para mim a salvação.
Este é o meu Deus, por isso o louvarei,
o Deus do meu pai, por isso o exaltarei.
3 O SENHOR é um herói de combate;
o seu nome é SENHOR.
4 Os carros do faraó e o seu exército,
Ele atirou-os ao mar;
e os seus escudeiros escolhidos
afundaram-se no mar Vermelho.
5 Os abismos cobriram-nos,
desceram às profundezas como uma pedra.
6 A tua direita, SENHOR, é brilhante em poder;
a tua direita, SENHOR, derruba o inimigo!
7 Com a tua imensa grandeza, destróis os teus adversários;
envias o teu furor e ele devora-os como palha.
8 Com um sopro das tuas narinas as águas amontoaram-se,
as ondas ergueram-se como um dique
e os abismos congelaram no coração do mar.
9 O inimigo dizia: "Vou perseguir!
Vou alcançar e repartir os despojos!
Deles se há de saciar a minha alma.
Desembainharei a minha espada;
a minha mão expulsá-los-á».
10 Fizeste soprar o teu vento e o mar encobriu-os;
mergulharam como chumbo nas águas alterosas.
11 Quem entre os deuses é como Tu, SENHOR?
Quem é como Tu, esplendoroso em santidade,
terrível[c] em prodígios dignos de louvor,
que realizas maravilhas?[d]
12 Tu estendeste a tua mão e a terra engoliu-os.

[a] O título aqui usado é *Yah* uma forma alternativa de *Yahweh* (cf. 17,16; Sl 118,14; Is 12,2; 26,4; 38,12).
[b] Ou: *meu canto*. Com efeito, em hebraico, existem duas palavras: *zimerah* (canto) e *zimerat* (vigor), que derivam de duas raízes diferentes no canaico antigo, bem testemunhado nos textos de Ugarit.
[c] Ou: *temível*. Este título divino (cf. Gn 28,17; Ex 34,10; Dt 7,21; 10,17.21; 28,58; Jz 13,6; 2Sm 7,23; 1Cr 17,21; Ne 1,5; 4,8; 9,32; Jb 37,22; Sl 47,3; 65,6; 66,3.6; 68,36; 76,8.13; 89,8; 99,1-3;106,22; 111,9; 139,14; 145,6; Dn 9,4; Jl 2,11; 3,4; Sf 2,11; Ml 1,14; 3,23) corresponde ao tipo de experiência que se exprime com o conceito de temor de Deus. Isto justifica a sua frequência.
[d] O tema das *maravilhas* de Deus introduz a passagem progressiva do horizonte dos combates contra o caos (mar) para os combates da história, em que Deus intervém com igual eficácia e que preenchem a secção final deste cântico.

13 Com a tua misericórdia conduziste o povo que resgataste;
com a tua força o dirigiste para a tua mansão santa.
14 Os povos ouviram e estremeceram,
a angústia apoderou-se dos habitantes da Filisteia.
15 Ficaram aterrorizados os chefes de clã de Edom,
os poderosos de Moab, apanhou-os o terror;
esmorecem todos os habitantes de Canaã.
16 Sobre eles recaem o medo e o terror;
pela grandeza do teu braço ficaram como uma pedra,
até que passe o teu povo, SENHOR,
até que passe o povo que Tu criaste[e].
17 Tu farás com que ele entre e plantá-lo-ás
na montanha que é tua herança,
o lugar que estabeleceste para ser a tua morada, SENHOR,
o santuário do Senhor que as tuas mãos estabeleceram.
18 O SENHOR reinará eternamente e para sempre».

19 Com efeito, os cavalos do faraó com os seus carros e cavaleiros entraram no mar e o SENHOR fez retornar sobre eles as águas do mar; e os filhos de Israel caminharam em terra seca pelo meio do mar. 20 E então a profetisa Maria, irmã de Aarão, tomou na sua mão o tamborim e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e danças.
21 E Maria respondia-lhes:
«Cantai ao SENHOR, porque foi verdadeiramente grande:
precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro».

22 Moisés fez com que Israel partisse do mar Vermelho e eles saíram para o deserto de Chur[f]; caminharam três dias no deserto e não encontraram água. 23 Chegaram a Mara, mas não conseguiram beber das águas de Mara, pois elas eram amargas. Por isso se lhe deu o nome de Mara[g]. 24 E o povo murmurava[h] contra Moisés, dizendo: «Que vamos beber?» 25 Ele clamou ao SENHOR e o SENHOR indicou-lhe um

[e] Ou: *que Tu adquiriste.* O verbo hebraico *qanah* serve com naturalidade os dois sentidos, criar ou adquirir.

[f] *Chur*. Significa "muro" ou "muralha". Está situado a sudoeste das terras cultivadas palestinenses e a ocidente de Cadés-Barnea. Na sua extremidade ocidental, uma muralha impedia a entrada dos nómadas no Egito. Em Nm 33,11 o ponto de chegada deste trajeto, em vez de *Chur,* é designado *Sin*.

[g] *Mara* significa realmente "amarga". Pode referir-se a um lugar perto de Cadés-Barnea, chamado *El-Mura*. Ali existem alguns poços de água salgada e amarga, não potável. Mas as árvores que lá crescem mostram que ali existe alguma nascente de água doce.

[h] O verbo *murmurar* pode significar qualquer queixa ou protesto e traduz situações de hesitação e provação, que se enquadram sobretudo em contexto de deserto (Ex 14,11; 15,24; 16,3; 17,-7; 32; Nm11,1-4; 12,1; 14,1-4; 16,3.14; 20,2-5; 21,5; Mt 4,1-11 e par.). Em sentido contrário e seguindo Os 2,16-17 e Jr 2,2, o c. 32 do Deuteronómio tende a sugerir que as tentações mais perigosas são aquelas a que o povo está exposto na terra de Canaã.

pedaço de madeira; Moisés atirou-o às águas e as águas ficaram doces. E ali mesmo
deu ao povo uma norma e um decreto; e ali o pôs à prova. 26E disse: «Se escutares
verdadeiramente a voz do SENHOR, teu Deus, e puseres em prática o que é reto
aos seus olhos e se deres ouvidos aos seus mandamentos e guardares todos os seus
preceitos, não farei vir sobre ti nenhuma das enfermidades que fiz vir sobre o Egito,
pois Eu sou o SENHOR, aquele que te cura. 27Depois, chegaram a Elim e ali existiam
doze nascentes e setenta tamareiras e ali acamparam à beira da água.

16 Maná e codornizes

1Com toda a comunidade, os filhos de Israel partiram de Elim em direção
ao deserto de Sin[a], que se encontra entre Elim e o Sinai, no dia quinze do segundo
mês, depois da sua saída da terra do Egito. 2No deserto, todos os da comunidade dos
filhos de Israel murmuravam contra Moisés e Aarão. 3Os filhos de Israel diziam-lhes:
«Quem nos dera termos morrido pela mão do SENHOR na terra do Egito, quando
estávamos sentados junto de uma panela de carne a comer pão com fartura! Mas vós
fizestes-nos sair para este deserto para fazer morrer de fome toda esta assembleia».
4Então o SENHOR disse a Moisés: «Eu vou fazer com que chova para vós pão[b] vindo
do céu. E o povo sairá e recolherão para cada dia a quantidade de um dia, a fim de
Eu o pôr à prova e saber se ele segue o caminho das minhas instruções ou não. 5E
acontecerá que no sexto dia, ao prepararem aquilo que devem trazer, será o dobro
daquilo que recolheram, dia após dia».

6Moisés e Aarão disseram a todos os filhos de Israel: «Esta tarde ficareis a saber
que foi o SENHOR que vos fez sair da terra do Egito 7e amanhã de manhã vereis a
glória do SENHOR, pois Ele ouviu as vossas murmurações contra o SENHOR. E
quem somos nós para murmurardes contra nós?» 8E Moisés disse ainda: «Quando
o SENHOR, esta tarde, vos der carne para comer e, de manhã, pão para matar a
fome, é sinal de que o SENHOR ouviu as vossas murmurações, as murmurações que
fizestes contra Ele. Pois quem somos nós? As vossas murmurações não são contra
nós, mas contra o SENHOR».

9Então Moisés disse a Aarão: «Diz a toda a comunidade dos filhos de Israel: "Apre-
sentai-vos diante do SENHOR, pois Ele ouviu as vossas murmurações"». 10E aconte-
ceu que, ao fazer Aarão esta declaração a toda a comunidade dos filhos de Israel, eles
se viraram para o deserto e a glória do SENHOR apareceu na nuvem. 11E o SENHOR
falou a Moisés, dizendo: 12«Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Fala com
eles e diz: "Ao cair da tarde comereis carne e de manhã comereis pão até vos saciardes
e assim ficareis a saber que Eu sou o SENHOR, vosso Deus"».

[a] O deserto de Sin vai de Cadés-Barnea para noroeste onde se encontra o *Wadi el-Arish*. Não confundir com o deserto de Cin. Este último encontra-se na fronteira meridional de Canaã e estende-se desde a extremidade sul do mar Morto até Cadés-Barnea.

[b] *Pão* pode designar, em hebraico, qualquer espécie de alimento (cf. Jz 13,16; 1Sm 14,24; Sl 136,25). A tradição bíblica associa o pão com o maná (cf. Dt 8,3; Ne 9,15; Sl 78,24-25; 105,40; Sb 16,20; Jo 6,31; 1Cor 10,3).

13 E aconteceu que naquela tarde as codornizes levantaram-se e cobriram o acampamento. Na manhã seguinte havia uma camada de orvalho à volta do acampamento.
14 E quando se levantou a camada de orvalho havia sobre a superfície do deserto uma crosta fina e granulosa[c], fina como a geada, sobre a terra.
15 Os filhos de Israel viram aquilo e diziam uns para os outros: «O que é aquilo[d]?» Pois eles não sabiam o que era aquilo. E Moisés disse-lhes: «Aquele é o pão que o SENHOR vos dá em alimento.
16 Isto é o que o SENHOR ordenou. Recolhei dele, cada um conforme aquilo que come, um *ómer*[e] por cabeça. Conforme o número de pessoas que cada um de vós tiver na sua tenda assim o deveis apanhar». 17 E os filhos de Israel assim fizeram e apanhavam, uns muito outros pouco;
18 mediam por *ómer* e do muito não sobrava nem do pouco faltava. Cada um deles apanhava conforme aquilo que comia.
19 Moisés disse-lhes: «Ninguém guarde restos dele até de manhã».
20 Mas eles não escutaram Moisés e alguns deixaram restos dele até de manhã; mas este ganhou vermes e cheirava mal. E Moisés ficou irritado com eles.
21 Eles apanhavam-no todas as manhãs, cada um conforme aquilo que comia. E quando o sol aquecia, o maná derretia-se.
22 E aconteceu que, ao sexto dia, apanharam alimento a dobrar, duas medidas de *ómer* por cada um; e todos os chefes da comunidade foram informar Moisés.
23 Ele disse-lhes: «Foi isto o que o SENHOR declarou. Amanhã é dia de descanso completo; é um sábado consagrado ao SENHOR. Assai aquilo que tiverdes de assar e cozei aquilo que tiverdes de cozer. E o que sobrar, ponde-o de parte como vossa reserva até de manhã».
24 Eles puseram-no de parte até de manhã, tal como Moisés tinha ordenado e não cheirava mal nem ganhou vermes.
25 E Moisés disse: «Comei hoje desse, pois hoje não o encontrareis no campo. O sábado é o dia do SENHOR.
26 Durante seis dias podeis ir recolhê-lo, mas no sétimo dia é o sábado: não haverá lá nada».
27 E aconteceu que no sétimo dia saíram alguns do povo para o recolher, mas não encontraram nada.
28 E o SENHOR disse a Moisés: «Até quando vos recusais a observar os meus mandamentos e a minha instrução?
29 Vede que o SENHOR vos deu o sábado. Por isso, no sexto dia, Ele dá-vos comida para dois dias. Ficai cada um no seu sítio; que no sétimo dia ninguém saia do seu lugar.
30 E o povo descansou no sétimo dia.
31 Os da casa de Israel chamaram àquele alimento maná. Era branco como semente de coentro e o seu gosto era como o de um bolo com mel[f].
32 E Moisés disse: «Isto é o que o SENHOR ordenou. Põe uma parte dele em reserva, um *ómer* cheio, para os vossos descendentes, para que vejam o pão que Eu

[c] Trata-se da secreção produzida por um tamarisco, uma planta que atinge 5-6 metros de altura, com folhas escamosas e flores brancas formando cachos pendentes.
[d] O nome de *maná* corresponde ao som do interrogativo *man hu'*. Aliás, a mesma pergunta, lida como afirmativa, significa: «Aquilo é maná».
[e] Um *ómer equivale aproximadamente a* 4 litros; é a décima parte de um *efá* (cf. v. 36).
[f] A descrição que aparece em Nm 11,7-9 é ligeiramente diferente. Ambas referem o tamanho da semente do coentro (cerca de 5 mm). Neste texto o maná é branco e tem sabor a mel, enquanto em Nm 11,7-9 é amarelo-castanho e tem sabor a azeite.

vos dei a comer no deserto, quando vos fiz sair da terra do Egito». [33]E Moisés disse
a Aarão: «Pega num recipiente e coloca lá o *ómer* cheio de maná e deposita-o diante
do SENHOR como reserva para os vossos descendentes. [34]Tal como o SENHOR
tinha ordenado a Moisés, Aarão depositou-o como reserva diante do testemunho
da aliança. [35]E os filhos de Israel comeram do maná durante quarenta anos, até
terem chegado à terra habitada; comeram maná até chegarem ao extremo da terra
de Canaã. [36]Quanto ao *ómer*, ele é a décima parte do *efá*[a].

17 A água nascida do rochedo

[1]Depois, com toda a comunidade, os filhos de Israel partiram do deserto de
Sin para as suas viagens, seguindo ordens do SENHOR, e acamparam em Refidim[b];
mas não havia água para o povo beber. [2]E o povo protestava com Moisés e diziam:
«Dêem-nos água para podermos beber». E Moisés respondeu-lhes: «Por que razão
protestais contra mim e pondes à prova o SENHOR?» [3]É que ali o povo tinha sede
de água e murmurava contra Moisés e dizia: «Por que motivo nos fizeste subir do
Egito para me deixar morrer de sede, a mim e aos meus filhos e ao meu gado?»
[4]Moisés clamou ao SENHOR, dizendo: «Que hei de fazer a este povo? Um pouco
mais e apedrejam-me». [5]E o SENHOR disse a Moisés: «Passa pela frente do povo e
leva contigo alguns dos anciãos de Israel; leva na tua mão a tua vara, aquela com que
bateste no rio, e vai. [6]Eis que Eu estarei ali diante de ti, sobre o rochedo no Horeb. Tu
baterás no rochedo e dele sairá água e o povo poderá beber». Moisés fez isso mesmo,
aos olhos dos anciãos de Israel. [7]E deu àquele lugar o nome de Massá e de Meribá[c],
por causa do protesto dos filhos de Israel e por terem posto à prova o SENHOR,
dizendo: «Será que o SENHOR está no meio de nós ou não?»

[8]Em Refidim, Amalec[d] combateu contra Israel. [9]E Moisés disse a Josué[e]: «Escolhe
para nós homens e sai a combater contra Amalec. Amanhã eu colocar-me-ei no cimo
da colina e a vara de Deus estará na minha mão». [10]Josué fez como Moisés lhe tinha

[a] Um *efá* é uma medida de sólidos que equivale aproximadamente a 40 litros.

[b] O episódio da falta de água que deu origem aos nomes simbólicos de Massá (provação) e Meribá (discussão, protesto) foram situados na etapa importante de Refidim, situada próximo de Cadés (Nm 20,7-11). A narrativa desta etapa é uma espécie de síntese das provações sofridas no deserto, com a fome (c. 16), a sede (17.1-7), a guerra (17,8-16) e a dúvida (17,7).

[c] *Massá e Meribá*, o lugar da prova (*nasah*) e do litígio (*rîb*), é no Horeb, onde está a rocha de onde jorra a água, perto do acampamento de Refidim (v. 1), geograficamente igual ao acampamento na "montanha de Deus" (18,5), sempre na área de Cadés. Outros passos bíblicos situam claramente Meribá em Cadés, pois falam de Meribá de Cadés (Nm 27,14; Dt 32,51; Ez 47,19; 48,28). Além disso, o episódio paralelo a Ex 17,1-7, que podemos ver em Nm 20,1-13, situa precisamente o acontecimento em Cadés.

[d] *Amalec* pertencia à descendência de Esaú (Gn 36,12.16); era um povo nómada muito antigo, dito mesmo «o primeiro dos povos» (Nm 24,20); deambulava pelo norte da península do Sinai, talvez entre Cadés e o sul das terras cultivadas, como se pode ver em Gn 14,7; Nm 13,29; 14,25.43. Os amalecitas opuseram-se à entrada dos israelitas de Moisés pelo sul de Canaã. Ainda no tempo de Saul (1Sm 15) e de David (1Sm 30) aparecem como adversários dos israelitas.

[e] *Josué* entra aqui em cena pela primeira vez, sem apresentação. A sua apresentação será feita aquando da tentativa de entrada em Canaã pelo sul. Aí, ele é chamado Oseias, filho de Nun, da tribo de Efraim

ordenado, indo combater contra Amalec; e Moisés, Aarão e Hur subiram para o
cimo da colina. 11E aconteceu que, quando Moisés erguia a sua mão, Israel era o
mais forte e, quando ele baixava a sua mão, Amalec era mais forte. 12Mas as mãos
de Moisés tornaram-se pesadas e eles pegaram numa pedra e colocaram-na debaixo
dele. Ele sentou-se em cima dela e Aarão e Hur sustentavam as suas mãos, um de
um lado e outro do outro, e as suas mãos ficaram firmes até o sol se pôr. 13E Josué
derrotou Amalec e o seu povo à espada.
14E o SENHOR disse a Moisés: «Escreve isto num documento como memorial e
declara aos ouvidos de Josué que Eu hei de apagar a memória de Amalec de debaixo
dos céus». 15Moisés construiu um altar e deu-lhe o nome de "o SENHOR é o meu
estandarte". 16E disse: «Já que ele é uma mão erguida contra o trono do SENHOR,
haverá guerra da parte do SENHOR contra Amalec de geração em geração»[f].

18 Jetro e Moisés

1Jetro, sacerdote de Madian, sogro de Moisés, ouviu falar de tudo o que Deus
tinha feito a Moisés e ao seu povo, Israel, e como o SENHOR tinha feito sair Israel
do Egito. 2Jetro, sogro de Moisés, tinha tomado consigo Séfora, mulher de Moisés,
depois das suas despedidas[g], 3bem como os seus dois filhos. Um deles chamava-se
Gérson, porque Moisés tinha dito: «Eu fui forasteiro residente em terra estrangei-
ra»; 4o outro chamava-se Eliézer, porque Moisés tinha dito: «O Deus do meu pai
veio em minha ajuda e livrou-me da espada do faraó».
5Jetro, sogro de Moisés, chegou com os seus filhos e a sua mulher junto de Moisés,
no deserto onde ele estava acampado e onde está a montanha de Deus. 6E ele disse
a Moisés: «Eu, o teu sogro Jetro, venho ter contigo com a tua mulher e os seus dois
filhos com ela».
7Moisés saiu ao encontro do seu sogro, inclinou-se por terra e beijou-o; dirigiram
um ao outro a saudação de paz e entraram para a tenda. 8Moisés contou ao seu
sogro tudo o que o SENHOR tinha feito ao faraó e ao Egito por causa de Israel e
todas as dificuldades que eles encontraram pelo caminho e das quais o SENHOR
os tinha libertado. 9Jetro alegrou-se por todo o bem que o SENHOR tinha feito por
Israel, ao libertá-lo da mão do Egito. 10Dizia Jetro: «Bendito seja o SENHOR que
vos libertou das mãos do Egito e da mão do faraó, que libertou o povo de debaixo
da mão do Egito. 11Reconheço agora que o SENHOR é maior que todos os deuses,
precisamente pelo facto de eles se terem mostrado arrogantes». 12E Jetro, sogro de

(Nm 13,8); Moisés transforma-lhe o nome de Oseias para Josué (Nm 13,16). Ambos os nomes significam "Javé salva", ordenando as palavras de outra maneira.

[f] Mesmo sem uma explicitação muito concreta de motivos, a Bíblia refere uma oposição radical entre os israelitas e aos amalecitas (Nm 24,20; Dt 25,17-19; 1Sm 15; 28,18; 1Cr 4,4). No livro de Ester, o inimigo Aman é ainda declarado como descendente de Agag, o rei amalecita de 1Sm 15.

[g] Em Ex 4,18-23 diz-se, por um lado, que Moisés regressou ao Egito com a sua família e, por outro, que foi sozinho. A referência ao envio da mulher e dos filhos para casa de Jetro é a única referência ao assunto e pode ter tido a intenção de harmonizar as duas versões.

Moisés, tomou o necessário para oferecer um holocausto e sacrifícios a Deus[a]; e Aarão apresentou-se com todos os anciãos de Israel para comerem o pão diante de Deus[b] com o sogro de Moisés.

Instituição dos juízes

13 E aconteceu que, a partir do dia seguinte, Moisés tomou assento para fazer o julgamento do povo; e o povo permaneceu diante de Moisés, desde manhã até à noite[c].
14 O sogro de Moisés viu tudo o que ele tinha de fazer pelo povo e disse: «Que coisa é essa que tens de fazer pelo povo? Por que razão tens de estar aí sentado sozinho, com todo o povo de pé diante de ti, desde manhã até à noite?» 15 Moisés disse ao seu sogro: «É que o povo vem ter comigo para consultar o SENHOR. 16 Quando têm uma questão, cada um vem ter comigo e eu faço o julgamento entre esse homem e o seu próximo e dou a conhecer as normas de Deus e as suas instruções». 17 E o sogro de Moisés disse-lhe: «Aquilo que estás a fazer não está bem. 18 Certamente vais desfalecer, tanto tu como este povo que está contigo, porque isto é demasiado pesado para ti; não consegues fazê-lo sozinho. 19 Escuta agora a minha voz e o conselho que te dou e Deus estará contigo! Tu deves estar diante de Deus em nome do povo e apresentar tu mesmo as questões a Deus. 20 Deves explicar-lhes as normas e as instruções e dar-lhes a conhecer o caminho por onde devem andar e as práticas que têm de cumprir. 21 E tu, procura descobrir, de entre todo o povo, homens de valor e tementes a Deus, homens da verdade que odeiam a corrupção; e estabelecê-los-ás como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dezenas. 22 Eles julgarão o povo a todo o momento. Qualquer questão importante, vêm apresentar-ta a ti, mas uma questão pequena julgá-la-ão eles mesmos. Isso alivia o peso de cima de ti e eles suportam-no contigo. 23 Se procederes desta maneira, Deus dar-te-á as suas ordens e tu conseguirás aguentar e, de igual modo, todo este povo poderá chegar ao seu lugar em paz».
24 Moisés ouviu a voz do seu sogro e fez tudo aquilo que ele lhe disse. 25 Então Moisés escolheu homens de valor de todo o Israel e fez deles responsáveis pelo povo como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dezenas. 26 E eles julgavam o povo em todo o momento: qualquer questão difícil, apresentavam-na a Moisés e todas as questões mais pequenas julgavam-nas eles mesmos. 27 Depois disto, Moisés despediu-se do seu sogro e este foi-se embora para a sua terra.

[a] Entre Madian e Israel existiram não apenas relações familiares, mas também alguns elementos religiosos em comum (cf. Ex 2,15; Nm 10,29-32).
[b] Trata-se de uma refeição sagrada que faz parte do ritual do sacrifício (cf. 24,11).
[c] A instituição de chefes e juízes entra em Israel por sugestão do madianita Jetro. Noutros lugares (cf. Nm 11,10-30 e Dt 1,9-18), o tema é tratado com diferentes circunstâncias e outra terminologia. Pode tratar-se, na sua origem, de uma organização social e militar pré-monárquica em uso nos grupos semi-nómadas do nordeste da península sinaítica (edomitas, quenitas, madianitas). Mas o texto atual apresenta marcas de sedentarização e de organização militar (1Sm 29,2; 2Sm 18,1). Os textos onde se descreve a transição do tempo dos Juízes para o da monarquia (1Sm 8) contêm críticas à monarquia e pressupõem que a instituição dos juízes é mais adequada aos valores da teocracia.

II. A ALIANÇA DO SINAI (19-40)

TEOFANIA E ALIANÇA (19,1-24,18)

19 Preparação da aliança

1 No terceiro mês[d] depois da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, nesse
mesmo dia chegaram ao deserto do Sinai[e]. 2 Eles partiram de Refidim e chegaram
ao deserto do Sinai e montaram acampamento no deserto; Israel montou ali acam-
pamento em frente da montanha. 3 Então Moisés subiu ao encontro de Deus[f] e o
SENHOR chamou por ele desde a montanha, dizendo: «Assim dirás à casa de Jacob
e anunciarás aos filhos de Israel: 4 "Vós mesmos vistes aquilo que Eu fiz ao Egito e
como vos transportei sobre asas de águias e vos fiz chegar até mim. 5 Portanto agora,
se escutardes realmente a minha voz e guardardes a minha aliança[g], sereis para mim
uma propriedade reservada[h] de entre todos os povos, porque toda a terra é minha. 6 E
vós sereis para mim um reino de sacerdotes[i] e um povo santo". Estas são as palavras
que anunciarás aos filhos de Israel».

7 Quando Moisés chegou, chamou os anciãos do povo e apresentou diante deles
todas estas palavras que o SENHOR lhe ordenou. 8 E todo o povo respondeu de
forma unânime, dizendo: «Faremos tudo aquilo que o SENHOR disse». E Moisés

---

[d] Este mesmo v. sugere que se está a pensar num dia concreto. Por isso, o início do v. poderia ser também traduzido como: *Na terceira lua nova depois da saída*... De facto, a lua nova é precisamente o primeiro dia de cada mês e assim se concretizava tanto o mês como o dia.

[e] Este acampamento junto ao monte, do ponto de vista narrativo, prolonga-se até Nm 10,10-12. Nestas narrativas, o *Sinai* é equivalente ao Horeb e à montanha de Deus. Deve localizar-se provavelmente numa região próxima de Cadés. Com efeito, os testemunhos antigos põem em paralelo Sinai, Seir, Paran e Cadés (Dt 33,2) e Seir, Edom e Sinai (Jz 5,4-5). No texto de Hab 3,3 a mesma região é expressa com os nmes de Teman e Paran. Este conjunto de topónimos situa-se no nordeste da Península sinaítica e não no sul da mesma (cf. 3,1; 17,1.7). A tradição cristã, sobretudo a partir da peregrinação de Egéria, consagrou a localização do Sinai no sul, o *Gebel Musa* (montanha de Moisés). Por volta de 550, o Imperador Justiniano construiu ali o Mosteiro de Santa Catarina. As tradições bíblicas mais recentes parecem ir já neste sentido, colocando o Horeb/Sinai a 11 dias de caminho para sul de Cadés (Dt 1,2) ou mesmo a 40 dias e 40 noites de caminho para sul de Cadés ou de Bercheba(1Rs 19,8). Hoje tende-se a localizar o Sinai, seja no nordeste da península do Sinai seja a noroeste da península Arábica.

[f] O texto hebraico atual diz: *subiu a(o encontro de) Deus*; a tradução grega dos LXX leu: *subiu à montanha de Deus*. *Moisés subiu*. O dinamismo das narrativas do Sinai assenta neste gesto das subidas de Moisés sozinho. Ex 24,1 e 9, em que sobem Moisés e Aarão, Nadab e Abiú e mais setenta dos anciãos de Israel, parece representar uma fase mais antiga da tradição.

[g] Uma aliança é uma realidade frequente no domínio social e político; servia para fundamentar e regular as relações entre grupos ou entre reis, fossem de nível igual fossem suzeranos ou vassalos. O recurso a um tal conceito para exprimir as relações com Deus implica da parte de Israel a consciência da soberania e da iniciativa divina e de que nela repousava a estabilidade do conjunto de tribos.

[h] A expressão *segullah,* já residual em hebraico, pode referir-se ao tesouro real (1Cr 29,3; Co 2,8), mas ficou como metáfora para designar o povo bíblico (Dt 7,6; 14,2; 26,18; Sl 135,4; Ml 3,17). De início poderia ser a parte de despojos reservada ao rei.

[i] O sentido poderia ser o de que todos são sacerdotes ou simplesmente que seriam uma nação governada por sacerdotes, tal como veio a acontecer depois do exílio.

transmitiu ao SENHOR as palavras do povo[a]. 9O SENHOR disse a Moisés: «Eis que
Eu venho junto de ti numa nuvem densa para que o povo escute quando Eu falar
contigo e também para que tenham confiança em ti para sempre». E Moisés expôs
ao SENHOR as palavras do povo.
10Então o SENHOR disse a Moisés: «Vai ter com o povo e faz com que eles se
purifiquem hoje e amanhã e lavem as suas roupas. 11E estejam preparados para o
terceiro dia, porque no terceiro dia o SENHOR descerá à vista de todo o povo sobre
a montanha do Sinai. 12E tu estabelecerás um limite para o povo à volta, dizendo:
"Guardai-vos de subir à montanha e de tocar nas suas bases. Todo aquele que tocar
na montanha certamente morrerá. 13Ninguém lhe deve tocar com a mão, mas deve
ser apedrejado ou atacado com flechas. Seja animal seja homem, não deve continuar
a viver. Ao toque prolongado do chifre de carneiro[b], subirão à montanha[c]. 14Moisés
desceu da montanha para junto do povo e fez com que o povo se purificasse e lava-
ram as suas roupas. 15E ele disse ao povo: «Estai preparados para daqui a três dias;
não vos aproximeis de qualquer mulher»[d].

Teofania do Sinai

16E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões[e] e relâmpagos e
uma pesada nuvem sobre a montanha e o som muito forte da trombeta[f]. E todo o
povo que estava no acampamento tremia de medo. 17Moisés fez sair o povo do acam-
pamento ao encontro de Deus; e eles mantiveram-se de pé no fundo da montanha.
18A montanha do Sinai estava toda envolta em fumo, porque o SENHOR tinha
descido em fogo sobre ela; e o seu fumo subia como o fumo da fornalha; e toda a
montanha tremia fortemente. 19E o som da trombeta subia cada vez mais até ficar
muito forte. Moisés falava e Deus respondia-lhe no trovão.
20O SENHOR desceu sobre a montanha do Sinai, para o cimo da montanha. E o
SENHOR chamou Moisés ao cimo da montanha e Moisés subiu. 21O SENHOR dis-
se a Moisés: «Desce e avisa solenemente o povo para que não se precipitem para ver o
SENHOR e não tenham de morrer muitos deles». 22E também os sacerdotes, que se
aproximam do SENHOR, se devem purificar. 23Moisés disse ao SENHOR: «O povo

[a] O intenso processo de circulação da palavra entre Deus e o povo e entre o povo e Deus é bem claro neste episódio de Ex 19,3-8 e repete-se em Ex 24,1-11.
[b] O chifre de carneiro (*yobel*) dá nome à festa do Jubileu e é diferente do *chofar* (v. 16), que é um chifre sobretudo de antílope.
[c] Aqui não se diz quem poderá subir; em 24,9-11 são nomeados aqueles que o podem fazer.
[d] A abstinência sexual era requerida quer para a participação num ato cultual quer para a participação numa ação considerada como algo sagrado como é, por exemplo, a guerra (cf. Lv 15; 22,3-7; 1Sm 21,5).
[e] Lit.: *vozes*. O mesmo termo pode significar som, barulho, voz e trovão.
[f] Lit.: *chofar.* O chofar é um instrumento de som usado nas festas mais solenes; costuma ser usado especialmente em festas solenes e é sobretudo feito com um chifre de antílope. A tradução por *trombeta*, que se tornou já habitual, é sobretudo motivada pelo uso tradicional e pela importância que tem nos salmos. O inconveniente, entretanto, é que trombeta faz pensar num instrumento de metal, enquanto o chofar é um chifre específico de animal e característico da cultura bíblica.

não pode subir à montanha do Sinai, pois Tu avisaste-nos, dizendo: «Estabelece
limites na montanha e declara-a como sagrada». 24E o SENHOR disse-lhe: «Anda!
Desce! E depois subirás, tu e Aarão contigo. Mas os sacerdotes e o povo não se devem
precipitar em subir ao encontro do SENHOR, não aconteça que Ele irrompa contra
eles». 25E Moisés desceu ao encontro do povo para lhes falar[g].

20 Os mandamentos

1Então o SENHOR proferiu todas estas palavras[h], dizendo: 2«Eu sou o
SENHOR, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão! 3Não
terás outros deuses além de mim[i]. 4Não farás para ti estátua nem qualquer imagem
do que há em cima, nos céus, em baixo, na terra, ou nas águas, abaixo da terra. 5Não
te prostrarás diante deles e não lhes prestarás culto. Pois Eu, o SENHOR, teu Deus,
sou um Deus ciumento[j]; peço contas da iniquidade dos pais nos filhos, por três e
quatro gerações daqueles que me desprezam[k], mas concedo misericórdia por mil
gerações àqueles que amam e observam os meus mandamentos. 7Não usarás em
vão[l] o nome do SENHOR, teu Deus, pois o SENHOR não desculpa aquele que usa
o nome do SENHOR em vão.

8Lembra-te do dia de sábado para o guardares como santo. 9Durante seis dias
trabalharás e realizarás todas as tuas tarefas[m]. 10Mas o sétimo dia é de descanso em
honra do SENHOR, teu Deus; não deves realizar qualquer tarefa, nem tu nem o teu
filho ou a tua filha, o teu servo ou a tua serva, nem o teu gado ou o teu forasteiro
residente nas tuas cidades. 11Pois em seis dias o SENHOR fez o céu e a terra, o mar e
tudo o que neles existe, mas repousou no sétimo dia. Por isso, o SENHOR abençoou
o dia de sábado e o declarou santo.

---

g O texto parece sugerir que a seguir se refeririam as palavras que Moisés disse. Há, no entanto, quem veja aqui uma frase completa; e as palavras sugeridas para o discurso de Moisés poderiam também corresponder ao texto do decálogo (c. 20).

h As palavras do decálogo poderiam ser consideradas como o princípio do discurso de Moisés, com a sua introdução em 19,25. O enquadramento formado por 20,1.18-21 mostra que o decálogo seria originariamente um texto autónomo, que teria sido inserido no relato da teofania, passando a constituir o seu núcleo. O decálogo está integrado na teofania como parte de um único acontecimento. O termo "decálogo" provém da expressão "dez palavras", que encontramos em Ex 34,28 e Dt 4,13 e 10,4 e que passou a ser representativo na tradição cristã. Do decálogo temos duas recensões com ligeiras diferenças: Ex 20,1-17 e Dt 5,6-21.

i Ou: *na minha presença.* A proibição pode ter um sentido geral de acreditar apenas no Senhor ou, mais especificamente, o de não prestar culto a outros deuses no templo (cf. 23,15; 34,20).

j Cf. Ex 34,14.

k Esta perspetiva rigorosa do castigo é vista de modo diferente em Dt 7,10; 24,16; Jr 31,29-30; Ez 18, segundo os quais o castigo recai exclusivamente sobre quem cometeu um crime.

l O que se proíbe é o uso indevido ou banal do nome de Deus, como em fórmulas mágicas e juramentos ou testemunhos falsos. O judaísmo posterior foi até ao ponto radical de proibir o uso do nome de Deus (Javé) em qualquer circunstância.

m Tal como em Gn 2,1-3, o sábado está relacionado com a série de trabalhos a realizar. Em Dt 5,12-15 e Ex 23,12, a razão principal é mais de tipo social, isto é, a necessidade de dar descanso aos dependentes e subordinados.

12Honra o teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias sobre a terra
que o SENHOR, teu Deus, te dá.
13Não matarás.
14Não cometerás adultério.
15Não roubarás.
16Não responderás como testemunha de mentira contra o teu próximo.
17Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo
nem o seu servo ou a sua serva, nem o seu boi ou o seu jumento, nem nada do que
é do teu próximo.
18E todos os do povo viam os trovões e os relâmpagos e o som da trombeta e a
montanha a fumegar. Ao ver isto, os do povo tremeram e mantiveram-se à distância.
19E disseram a Moisés: «Fala tu connosco e escutar-te-emos, mas que não seja Deus
a falar connosco, para não termos de morrer». 20E Moisés disse ao povo: «Não
tenhais medo, pois Deus veio para vos pôr à prova e para que o seu temor esteja na
vossa face, de modo que não pequeis. 21E o povo permaneceu à distância e Moisés
aproximou-se da nuvem escura[a], onde Deus estava.
22E o SENHOR disse a Moisés[b]: «Assim dirás aos filhos de Israel: "Vós mesmos
vistes que falei convosco desde os céus. 23Não deveis fazer junto de mim deuses de
prata; e também não deveis fazer para vós deuses de ouro. 24Farás para mim um altar
de terra e sobre ele imolarás os teus holocaustos e os teus sacrifícios de comunhão,
as tuas ovelhas e os teus bois. Em qualquer lugar onde Eu fizer recordar o meu
nome virei ter contigo e abençoar-te-ei. 25E se fizeres para mim um altar de pedra,
não o deves construir com pedra talhada, porque farias vibrar sobre ela o teu cinzel
e profaná-la-ias. 26E não deves subir por degraus ao meu altar, para que, ao subir a
ele, não fique exposta a tua nudez[c].

21 Sobre os escravos

1«Estas são as normas que colocarás diante deles. 2Quando adquirires um
escravo hebreu, ele trabalhará durante seis anos e ao sétimo ano sairá em liberdade
sem pagar. 3Se ele chegou sozinho, sozinho sairá; se estava casado, a sua mulher
sairá com ele. 4Se o seu amo lhe deu uma mulher e ela lhe deu à luz filhos ou filhas,
a mulher pertencerá ao seu amo, bem como os seus filhos, e ele sairá sozinho. 5Mas
se o escravo declarar "Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, não

[a] A *nuvem escura* assinala a presença de Deus (cf. Dt 4,11; 5,22; 1Rs 8,12; Sl 18,10; 97,2).
[b] A secção que vai entre 20,22 e 23,33 costuma ser designada pelos exegetas como Código da Aliança, fórmula derivada de 24,7. Contém uma série de leis casuísticas semelhantes a outras que se conhecem em diversos códigos do antigo Oriente, bem como leis normativas. Pressupõe-se um ambiente já sedentário com acesso progressivo à agricultura. O conjunto acabou por ser inserido no bloco textual ligado ao Sinai.
[c] Em certas religiões antigas, o sacerdote que fazia o sacrifício usava um simples pano à volta da cintura. Por isso, ao subir os degraus do altar corria o risco de expor a sua nudez. Mais tarde, o uso de uns calções passou a fazer parte da indumentária (38,42; Lv 6,3; 16,4).

quero sair em liberdade", [6]o seu senhor fará com que ele vá junto de Deus[d] e, aproximando-o da porta ou do umbral, o seu senhor fura-lhe a orelha com a sovela e ele ficará ao seu serviço para sempre.

[7]Se alguém vender a sua filha como serva, ela não sairá como saem os escravos. [8]Se ela se tornou desagradável aos olhos do seu senhor e este já não a destina para si[e], deve fazer com que seja resgatada. Não tem o direito de a vender para um povo estrangeiro, porque seria uma traição para com ela. [9]E se a destinava ao seu filho, deve proceder para com ela segundo o direito das filhas. [10]Se ele tomar para si outra mulher, não deve faltar para com a primeira, nem com a alimentação, nem com o vestuário nem com a coabitação[f]. [11]Se ele não cumpre com estas três obrigações para com ela, ela pode sair em liberdade sem ter de pagar dinheiro.

Crimes de morte

[12]Aquele que bater num homem e lhe causar a morte, esse terá de morrer. [13]Para o caso de ele não ter armado cilada, mas de ser Deus a colocá-lo nas suas mãos[g], eu estabelecerei para ti um lugar onde ele se possa refugiar[h]. [14]Mas, se alguém se enfurecer contra o seu próximo e o matar à traição, deves arrancá-lo até mesmo do meu altar, para que morra.

[15]Aquele que bater no seu pai ou na sua mãe terá de morrer.

[16]Aquele que raptou um homem, quer o tenha vendido quer se encontre na sua mão, terá de morrer.

[17]Aquele que amaldiçoar o seu pai ou a sua mãe terá de morrer.

Danos contra pessoas e bens

[18]Se se levantar um litígio entre homens e um deles ferir o seu próximo com uma pedra ou com um murro e este não morrer e cair de cama, [19]se a vítima conseguir levantar-se e andar na rua com apoio do seu cajado, o agressor ficará sem castigo. Apenas terá de indemnizar pela paragem até recuperar.

[20]Se um homem bater no seu escravo ou na sua serva com um bastão e ele morrer à mão dele, será vingado. [21]Mas, se ele sobreviver um ou dois dias, não será vingado, porque se trata do seu próprio dinheiro.

[22]E se houver uma briga entre homens e eles atingirem uma mulher grávida e os seus filhos se perderem, sem que haja acidente fatal, será paga uma multa, conforme

[d] Lit.: *do Deus*. Poderia eventualmente tratar-se de uma divindade familiar que se colocava junto à porta de casa. A tradução siríaca entendeu a expressão como referindo-se aos juízes, que eram, por vezes, tratados como deuses (Sl 82,1).

[e] Uma serva podia ser considerada como uma esposa secundária ou concubina. Vendê-la a estrangeiros teria, por isso, algum sentido de traição.

[f] O termo traduzido por *coabitação* aparece apenas esta vez na Bíblia, mas o hebraico extrabíblico manteve este sentido até aos dias de hoje.

[g] Aquilo que acontece por acaso era atribuído a uma ação de Deus.

[h] Trata-se provavelmente das cidades de refúgio ou lugares sagrados, principalmente o altar do Senhor (cf. Nm 35,9-28; Dt 4,41-43; 19,1-13; Js 20,1-9).

lhe for imposto pelo marido daquela mulher; o culpado pagará segundo o critério dos juízes. 23Mas se houver acidente fatal, então darás vida por vida, 24olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, 25queimadura por queimadura, ferida por ferida, pisadura por pisadura[a].

26E quando um homem bater no olho do seu escravo ou no olho da sua serva e o cegar, deve deixá-lo ir em liberdade, em troca do seu olho. 27E se fizer cair um dente do seu escravo ou um dente da sua serva, deve deixá-lo ir em liberdade, em troca do seu dente.

28E quando um boi marrar num homem ou numa mulher, causando-lhe a morte, o boi será apedrejado e a sua carne não será comida, mas o dono do boi será considerado inocente. 29Mas, se esse boi já anteriormente marrava e o seu dono já tinha sido avisado e não o guardava e vier a causar a morte de um homem ou de uma mulher, esse boi será apedrejado e também o seu dono será condenado a morrer. 30Se lhe for imposto um preço de resgate, então terá de pagar o resgate pela sua vida, conforme tudo o que lhe for imposto. 31Se, por outro lado, o boi marrar num filho ou numa filha de alguém, far-se-á com ele segundo esta mesma norma.

32Se o boi marrar num escravo ou numa serva, serão pagos ao dono deles trinta siclos de prata[b] e o boi será apedrejado.

33Quando um homem destapar um poço, ou quando um homem escavar um poço e o deixar destapado e lá cair um boi ou um jumento, 34o dono do poço pagará em prata, restituindo o valor ao dono do animal, mas o animal morto será para ele.

35E quando o boi de um homem ferir de morte o boi do seu próximo, venderão o boi que ficou vivo, dividindo a meias o seu valor em prata e dividindo igualmente o boi morto. 36Mas, se era conhecido que aquele boi já antes marrava e o seu dono não o guardou, terá mesmo de pagar boi por boi; mas o animal morto será para ele.

37E quando um homem roubar um boi ou outra cabeça de gado e o abater ou o vender, pagará cinco cabeças de gado bovino pelo boi e quatro de gado ovino pela outra cabeça de gado.

---

[a] É a chamada lei de talião (do latim *talis, "tal qual"), l*ei antiga existente em muitos povos antes de ser conhecida em Israel. Encontra-se, por exemplo, no código de Hamurabi, no código hitita, na legislação egípcia, grega e romana. No AT, encontra-se ainda em Dt 19,21 e Lv 24,19-20. Parecendo excessiva, ela significa um certo progresso, salientando a responsabilidade pessoal e evitando uma vingança desmedida. A lei de talião marca uma limitação na vingança que podia ir até setenta vezes sete, como mostra o caso de Lamec (Gn 4,24). Mt 5,38-42 resume esta lei e ultrapassa-a completamente.

[b] Um siclo é uma medida de peso, equivalendo a cerca de 11 gramas. Até à época persa (± 540 a.C.), não havia moeda. O comércio fazia-se, pesando metais preciosos, sendo o mais usado a prata. Por isso o termo hebraico *kesef* significa "prata" e também "dinheiro", como noutras línguas, depois o ouro, bronze e ferro. A estimativa foi variando. Segundo Gn 37,28, José foi vendido por vinte siclos; segundo Lv 27,1-8, o preço de um homem varia de acordo com a idade. O preço da mulher é mais baixo.

22 Roubos e outros prejuízos

1 Se um ladrão for surpreendido a arrombar uma parede[c] e for ferido de morte,
não haverá vingança de sangue[d] em seu favor. 2 Mas, se o sol já brilhava sobre ele,
haverá vingança de sangue em favor dele[e]. No entanto, terá de pagar o prejuízo. Se
não tiver bens, será vendido para compensar o seu roubo. 3 Se for encontrado na sua
posse o produto roubado, seja boi seja jumento ou outro animal do rebanho ainda
vivos, terá de pagar a dobrar.

4 Quando um homem destinou como pastagem um campo ou uma vinha e deixa
que o seu gado vá pastar no campo de outrem, terá de pagar com a parte melhor do
seu campo e com a parte melhor da sua vinha.

5 Quando deflagrar um fogo e atingir espinheiros e forem devoradas medas, searas
ou campos, o responsável por aquele fogo pagará por aquilo que tiver sido queimado.

6 Quando um homem entregar ao seu próximo prata ou quaisquer objetos para
guardar e algum deles for roubado de casa desse homem, se o ladrão for encontrado,
terá de pagar a dobrar. 7 Se o ladrão não for encontrado, o dono da casa aproximar-
-se-á de Deus, jurando que não estendeu a sua mão sobre os bens do seu próximo.

8 Em qualquer assunto de crime relativo a um boi, um jumento, um animal do
rebanho, ou relativo a vestuário ou qualquer outra coisa perdida, da qual se possa
dizer que é aquilo mesmo, a questão entre ambas as partes será levada à presença
de Deus. Aquele que Deus declarar como culpado terá de restituir a dobrar ao seu
próximo[f].

9 Quando um homem entregar ao seu próximo um jumento, um boi, uma cabeça
de gado ou qualquer outro animal para guardar e o animal morrer ou sofrer uma
fratura ou for desviado sem ninguém ver, 10 haverá entre as duas partes um jura-
mento pelo SENHOR, garantindo que o depositário não estendeu a mão sobre
os bens do seu próximo. O seu dono aceitará e o outro nada pagará. 11 Mas se foi
roubado de junto dele, terá de o pagar ao seu dono. 12 Se foi despedaçado por uma
fera, apresentar-lhe-á uma prova do animal despedaçado e nada pagará. 13 E quando
um homem pedir emprestado um animal ao seu próximo e ele sofrer uma fratura
ou morrer quando o seu dono não estiver junto dele, terá de pagar. 14 Se o seu dono
estiver junto dele, não pagará. Se o animal tinha sido alugado, o dono receberá o
preço do seu aluguer.

---

[c] As casas onde moravam as famílias e os seus animais eram feitas frequentemente de adobo e torna-
vam-se, por isso, muito fáceis de arrombar.

[d] A *vingança de sangue* pode ser feita por alguém que, por razões de parentesco, tem o direito e a
obrigação de vingar ou resgatar um parente que tenha sido foi vítima de alguém (cf. Nm 35,19).

[e] O pressuposto é que, de dia, o dono da casa tinha condições e meios menos agressivos de impedir o
roubo, sem matar o ladrão.

[f] Esta consulta dirigida a Deus era feita por processos rituais, tais como o uso dos dados designados
'urim e *tumim*, que estavam no peitoral do sumo sacerdote e se lançavam numa espécie de tiragem à
sorte.

15 E quando um homem seduzir uma virgem que não estava noiva e se deitar com
ela, dar-lhe-á o dote[a] e ela tornar-se-á sua esposa. 16 Se o pai dela se recusar a entre-
gar-lha, aquele homem deve dar-lhe em prata o correspondente ao dote das virgens.

Outros mandamentos

17 Não deixarás com vida aquela que pratica feitiçarias[b]. 18 Todo aquele que se deitar
com um animal[c] será condenado a morrer. 19 Aquele que sacrificar aos deuses será
votado ao extermínio[d]. Salvo apenas se for ao SENHOR[e]. 20 Não deves explorar nem
oprimir um estrangeiro, pois vós fostes estrangeiros na terra do Egito. 21 Não deveis
maltratar nenhuma viúva ou órfão[f]. 22 Se o maltratares e ele clamar por mim, Eu
escutarei o seu clamor. 23 A minha ira inflamar-se-á e matar-vos-ei à espada; as vossas
mulheres ficarão viúvas e os vossos filhos ficarão órfãos.

24 Se emprestares prata a alguém do meu povo, a um indigente que está contigo,
não serás para ele como um usurário. Não lhe deveis impor juro. 25 Se receberes como
penhor a capa do teu próximo, deves devolver-lha antes do pôr-do-sol, 26 porque é
tudo o que ele tem para se cobrir; é a capa com que ele cobre o seu corpo. Como
poderia ele deitar-se? E acontecerá que, se ele clamar por mim, Eu vou escutá-lo,
porque Eu sou clemente.

27 Não blasfemarás contra Deus e não amaldiçoarás um chefe do teu povo. 28 Não
tardes em oferecer do que enche o teu celeiro e do que escorre do teu lagar. Entre-
gar-me-ás o primogénito dos teus filhos. 29 O mesmo deves fazer com o teu boi e com
o teu gado miúdo. Ficará sete dias com a sua mãe e no oitavo dia entregar-mo-ás.

30 Vós sois para mim homens de santidade. Por isso, não podeis comer carne de um
animal despedaçado[g] no campo. Deveis lançá-la aos cães.

---

[a] *Dar-lhe-á o dote*. Trata-se dos bens que a noiva recebia e que mantinha em sua propriedade enquanto casada (cf. Gn 34,12; 1Sm 18,25). O Dt 22,28-29 fixa o montante do dote em cinquenta siclos.

[b] O mais habitual era que a feitiçaria fosse praticada por mulheres (1Sm 28 e Ez 13,17-23). Sobre a condenação da feitiçaria, cf. Lv 20,27 (lei sacerdotal) e Dt 18,10-11 (lei deuteronómica).

[c] A bestialidade praticava-se um pouco por todo o Oriente antigo e também em Canaã (Lv 18,23-24; Dt 27,21). A Bíblia vê essa prática como uma espécie de idolatria, tanto mais que muitas divindades pagãs eram representadas por animais. Por isso este delito era punido com a pena de morte (cf. Lv 20,15-16).

[d] A idolatria constitui um pecado de tal modo grave que só a ele é aplicado o *extermínio* religioso (*herem)*, que consiste em consagrar alguém ou alguma coisa a Deus, como sua propriedade, para ser morto ou destruído, sem possibilidade de resgate (Lv 27,21.28-29). O hebraico *herem* corresponde ao grego "anátema" e ao latim "interdito". Na guerra santa, aplicava-se aos despojos que deviam ser destruídos em honra do Senhor (Nm 21,2; Dt 7,2; 20,13-18; Js 2,10; 6,17; 1Sm 15,3-4).

[e] A ligação sintática e a falta desta exceção em alguns manuscritos dão a entender que se trata de uma glosa destinada a evitar que a proibição de oferecer sacrifícios se aplicasse também ao Senhor. Nos LXX e em alguns outros manuscritos a correção é feita dizendo: *Aquele que sacrificar a outros deuses.*

[f] *Estrangeiro, viúva, órfão, pobre* são pessoas consideradas desprotegidas na sociedade (cf. 23,9; Lv 19,10; 23,22). Dt 16,11 inclui aqui os levitas, certamente porque a centralização do culto em Jerusalém deixou muitos sem ocupação.

[g] A razão é que ele não foi morto de acordo com o processo normal de escorrer o sangue.

23 Deveres de justiça

1Não levantarás rumores falsos. Não darás a mão ao criminoso, para seres
testemunha a favor da violência. 2Não deves ir atrás da maioria que pretende algum
mal e não responderás num processo, inclinando-te para o lado da maioria e come-
tendo assim um pecado. 3E não deves favorecer o fraco[h] no seu processo. 4Quando
encontrares um boi do teu inimigo ou o seu jumento extraviado, deves fazê-lo voltar
de novo para ele. 5Quando vires um jumento daquele que te odeia caído debaixo da
sua carga, não o deixes abandonado, mas recompõe-no junto com ele. 6Não desviarás
o direito do teu pobre no seu processo[i].

7Deves manter-te longe de uma causa mentirosa. Não farás morrer aquele que é
inocente e justo, porque o culpado, Eu não o absolverei. 8Não aceitarás suborno,
porque o suborno cega mesmo aqueles que veem bem e deturpa as palavras dos jus-
tos. 9Não oprimirás o residente estrangeiro, pois vós conheceis a vida de estrangeiro,
uma vez que fostes estrangeiros na terra do Egito.

Ano sabático e sábado

10Durante seis anos semearás a tua terra e colherás o seu produto[j]. 11No sétimo
ano, porém, deixá-la-ás em pousio e não a cultivarás; dela poderão comer os pobres
do teu povo[k]; e o que eles deixarem de resto servirá de pasto aos animais do campo.
O mesmo deves fazer com a tua vinha e também com o teu olival. 12Durante seis
dias farás o teu trabalho, mas no sétimo dia descansarás, a fim de que o teu boi e o
teu jumento repousem e para que tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro.
13Prestai bem atenção a tudo o que Eu vos disse. E não deveis lembrar o nome de
outros deuses. Que nada disso seja ouvido da tua boca[l].

---

h Ou: *o grande*. Com efeito, a comparação com o texto hebraico de Lv 19,16 poderia levantar a questão de saber se não teria havido lapso da parte de um copista que terá escrito *dal* (fraco) em vez de *gadol* (grande), deixando perder a primeira consoante. De qualquer modo, segundo Lv 19,16 e Dt 1,17 não se deve favorecer ninguém; deve-se ser justo, para grandes e para pequenos.

i Num processo, os pobres são a parte mais facilmente injustiçada (cf. Lv 19,15; Dt 1,17; 16,19). Também nos livros proféticos (Is 10,2; Jr 5,28; Am 5,12) e sapienciais (Sl 10,17; 82,4; Pr 31,9) se nota a preocupação em proteger os pobres.

j Tal como a lei que libertava o escravo hebreu no sétimo ano (21,2-6), assim também a terra deve ficar sem ser cultivada ao fim de seis anos. Também Lv 25,1-7.18-22 realça este ano sabático, que corresponde ao sétimo ano. Estas disposições são diferentes das do ano jubilar, celebrado de cinquenta em cinquenta anos (Lv 25,8-17), mas que, na prática, parece ter conhecido dificuldades para se cumprir (Jr 34,8-16).

k A expressão *pobres do teu povo* sublinha uma solidariedade e um cuidado especiais para com os compatriotas.

l A ideia de não se pronunciar o nome de outros deuses (Sl 16,4; Os 12,19; Zc 13,2) levou a que certos nomes de deuses, como Baal, fossem retirados mesmo de nomes de pessoas, que eram compostos com os nomes desses deuses. Assim, o nome do filho de Saul, Ichbaal (homem de Baal ou do Senhor) passou a aparecer como Ichbóchet (homem da vergonha).

As três grandes festas

14 Três vezes no ano farás festa[a] em minha honra. 15 Guardarás a festa dos Ázimos.
Durante sete dias comerás pães sem fermento, como te ordenei; é no tempo fixado
do mês de Abib, porque foi nesse mês que saíste do Egito. E ninguém se apresentará
diante de mim de mãos vazias. 16 Guardarás também a festa da Ceifa das primícias
do teu trabalho, daquilo que tiveres semeado no campo. Guardarás ainda a fes-
ta da Colheita no findar do ano, quando recolheres do campo os teus produtos.
17 Três vezes no ano, todos os teus filhos varões devem apresentar-se diante da face
do Senhor, diante do próprio SENHOR[b].

18 Não oferecerás o sangue dos meus sacrifícios com pão fermentado; e a gordura
da minha festa não deve passar a noite até de manhã. 19 Levarás à casa do SENHOR,
teu Deus, o melhor das primícias da tua terra cultivada. Não cozerás um cabrito no
leite da sua mãe[c].

Recomendações antes de partir para Canaã

20 Eis que Eu envio um mensageiro diante de ti, para te guardar no caminho e para
te fazer entrar no lugar que Eu preparei. 21 Mostra-te respeitoso na sua presença e
escuta a sua voz. Não sejas rebelde para com ele, porque ele não desculpará a vossa
transgressão, pois nele está o meu nome. 22 Mas se escutares a sua voz e se fizeres
tudo o que Eu ordenar, Eu tornar-me-ei inimigo dos teus inimigos e adversário dos
teus adversários. 23 Pois o meu mensageiro caminhará diante de ti e far-te-á entrar
na terra do amorreu, do hitita, do perizeu, do cananeu, do heveu e do jebuseu; e
Eu fá-los-ei desaparecer. 24 Não te prostrarás diante dos seus deuses, não os servirás;
não farás como eles fazem, mas destruirás os seus deuses e quebrarás as suas estelas.
25 Vós deveis servir o SENHOR, vosso Deus, e Ele abençoará o teu pão e a tua água.
E Eu afastarei a doença do meio de ti. 26 Na tua terra não haverá nenhuma mulher
que aborte ou que seja estéril; e Eu farei com que seja bem preenchido o número
dos teus dias.

27 Enviarei à tua frente o meu terror e provocarei a confusão em todos os povos
em cuja terra entrares; e farei com que todos os teus inimigos tenham de te virar

[a] As três festas anuais de peregrinação são antigas e seguem o ritmo da vida agrícola. São elas: a) a festa dos Ázimos ou pães sem fermento, no início da ceifa da cevada (Março-Abril); b) a festa da Ceifa, no início da ceifa do trigo, sete semanas depois da oferta das primícias da cevada; c) a festa da Colheita, pela vindima e colheita da azeitona (Outono). Estas festas serão associadas a acontecimentos históricos: a) a festa dos Ázimos foi ligada à Páscoa e ambas foram associadas à saída do Egito (Ex 12); b) a festa da Ceifa passará a ser a festa das Semanas (34,22; Lv 23,15-22; Dt 16,9-12; Nm 28,26) ou de Pentecostes (Tb 2,1; 2Mac 12,32), passando a ser considerada como a festa da entrega da Lei no Sinai; c) e a festa da Colheita tornar-se-á a festa das Tendas, lembrando a estadia no deserto (Lv 23,42-43; Dt 16,13-15; Ne 8,13-17) e associando, pelo nome de *sukkot* (abrigos), antigas memórias campestres. Em suma, as três grandes festas acabaram por ser colocadas na órbita da saída do Egito.

[b] Alguns manuscritos leram: *diante da arca do SENHOR*.

[c] *Cozer um cabrito no leite da mãe* é uma expressão também encontrada nos textos de Ugarit e parece referir-se a um ritual pagão de fecundidade, aspergindo o solo com esse leite, de modo a promover a sua fertilidade.

as costas. 28Enviarei adiante de ti o pânico, para expulsar da tua frente o heveu, o
cananeu e o hitita. 29Não os expulsarei da tua frente num ano só, para que a terra não
fique deserta e os animais do campo não se multipliquem contra ti. 30Expulsá-lo-ei
da tua frente pouco a pouco, até que te tenhas multiplicado e possas herdar a terra.
31Estabelecerei as tuas fronteiras, desde o mar Vermelho até ao mar dos Filisteus e do
deserto até ao rio Eufrates[d], pois entregarei nas vossas mãos os habitantes da terra e
tu expulsá-los-ás da tua frente. 32Não faças aliança com eles nem com os seus deuses.
33Eles não devem habitar na tua terra, para não te levarem a pecar contra mim; pois
tu irias prestar culto aos seus deuses e isso tornar-se-ia para ti uma armadilha».

24 Ritual da aliança

1E a Moisés Deus disse[e]: «Sobe até junto do SENHOR, tu e Aarão, Nadab e
Abiú, e setenta de entre os anciãos de Israel; e prostrar-vos-eis à distância. 2Moisés
aproximar-se-á do SENHOR sozinho, mas eles não se aproximarão; e os do povo não
subirão com ele». 3Moisés chegou e relatou ao povo todas as palavras do SENHOR
e todas as normas; e todo o povo respondeu a uma só voz e disseram: «Vamos pôr
em prática todas as palavras que o SENHOR declarou».

4Moisés escreveu[f] todas as palavras do SENHOR. Levantou-se de manhã cedo e
construiu um altar ao fundo da montanha e doze estelas pelas doze tribos de Israel.
5E enviou os jovens dos filhos de Israel e eles ofereceram holocaustos e sacrificaram
novilhos ao SENHOR como sacrifícios de comunhão. 6Moisés tomou metade do
sangue e colocou-o em bacias; e com a outra metade do sangue aspergiu o altar.
7Tomou depois o livro da aliança e leu-o aos ouvidos do povo e eles disseram: «Tudo
o que o SENHOR declarou, nós o faremos e escutaremos». 8E Moisés tomou o san-
gue e aspergiu sobre o povo, dizendo: «Este é o sangue da aliança que o SENHOR
estabeleceu convosco, tendo como base todas estas palavras».

9Então Moisés subiu com Aarão, Nadab e Abiú e setenta de entre os anciãos de
Israel. 10E viram o Deus de Israel; debaixo dos seus pés havia como que um pavi-
mento feito de safira, tão pura como o próprio céu. 11E não estendeu a sua mão

---

[d] Lit.: *até ao rio*. A contraposição com a fronteira do sul, o deserto, facilitava a identificação deste rio com o Eufrates, que, além disso, era uma realidade importante no norte da Síria. As fronteiras assim delimitadas não correspondem às de nenhuma época da história de Israel conhecida, nem sequer a grandeza que é descrita para o tempo de David e Salomão. Trata-se de uma delimitação ideal, tal como é sugerido noutras passagens (Gn 15,18; Dt 11,24; Js 1,4).

[e] A narrativa de Ex 24,1-11 serve de conclusão para o código da aliança, apresentando Moisés a transmitir ao povo a instrução de Deus (20,22); e completa igualmente todo o tema da aliança, iniciado em 19,3-8, com a realização do *reino de sacerdotes*, *nação santa* (19,6). Esta ligação é estabelecida mediante a menção da atividade cultual dos jovens (24,5) e dos anciãos (24,9-11), isto é, de todo o Israel, e o ritual da aspersão do povo com o resto do sangue (24,8), gesto que lembra a consagração sacerdotal de Aarão e dos seus filhos (29,20-21; Lv 8,22-24).

[f] O texto da aliança é referido como sendo escrito por Moisés, aqui e em 34,27; pelo contrário, em 24,12; 31,18 e 34,1, diz-se que foi escrito por Deus.

contra aqueles importantes filhos de Israel. Mas estes contemplaram a Deus e depois comeram e beberam[a].

Santuário e culto

12 E depois o SENHOR disse a Moisés: «Sobe à montanha até junto de mim e
deixa-te estar ali. E Eu dar-te-ei as tábuas de pedra e a instrução e os mandamentos
que escrevi para os instruir»[b]. 13 E Moisés levantou-se, bem como Josué, seu ajudan-
te; então Moisés subiu para a montanha de Deus. 14 E disse ao grupo dos anciãos:
«Ficai aqui à nossa espera, até que regressemos para junto de vós. Eis que Aarão e
Hur estarão convosco. Quem tiver questões vá ter com eles».
15 Então Moisés subiu à montanha e a nuvem cobriu a montanha[c]; 16 e a glória
do SENHOR estabeleceu morada sobre a montanha do Sinai e a nuvem cobriu-a
durante seis dias; e, no sétimo dia[d], Ele chamou por Moisés do meio da nuvem. 17 E
o aspeto da glória do SENHOR era como fogo devorador no cimo da montanha à
vista dos filhos de Israel. 18 Moisés entrou no meio da nuvem e subiu à montanha; e
ficou sobre a montanha quarenta dias e quarenta noites.

INSTRUÇÕES PARA O SANTUÁRIO (25,1-31,18)

Morada de Deus

25 1 O SENHOR falou a Moisés, dizendo[e]: 2 «Fala aos filhos de Israel para que
recolham para mim um tributo. Recolhereis o tributo que me é dedicado por todo
aquele que se tenha sentido movido no seu coração. 3 Este é o tributo que recolhereis

[a] Este grupo de privilegiados (vv. 9-11) beneficiou de condições de proximidade a Deus que não eram consideradas normais, puderam ver o *Deus de Israel* e continuar vivos (cf. 3,6; 33,18-19), pois Deus *não estendeu a mão contra eles* (v. 11). O facto de comerem e beberem com Deus é um ritual de celebração de aliança (cf. Gn 26,26-31; 31,54).

[b] Esta nova subida serve de introdução aos planos de construção do santuário (25-31) e à sua execução (35-40). Há um processo progressivo de seleção quanto às pessoas que fazem a subida: nos vv. 24,1.9, sobem Moisés e Aarão, Nadab e Abiú e setenta anciãos; em 24,13, sobem Moisés e Josué; em 24,15, sobe apenas Moisés até ao ponto mais alto. O tema das *tábuas de pedra* reveste-se de particular importância, pois se destaca como uma inclusão literária entre 24,12 e 31,18, que são respetivamente o início e o fim de uma narrativa relativa à construção do santuário.

[c] As referências a *nuvem, glória* e *fogo* (vv. 15-18) remetem para o santuário descrito em 40,34-38 e acentuam o paralelismo entre as duas realidades. A *nuvem* cobre a montanha (24,15b.16a) como cobre o santuário (40,34a); a *glória* habita sobre a montanha (24,16) e enche o santuário (40,34b-35b); há um *fogo devorador* na montanha (24,17) e *um fogo* cobre o santuário (40,38). Desta maneira, o santuário assume o papel do Sinai como lugar da manifestação de Deus. Em Lv 1,1 e Nm 1,1, não é da montanha que Deus chama Moisés, mas do santuário ou da tenda do encontro.

[d] O sublinhar da sequência de *seis dias* e de um *sétimo dia* é uma definição intensa de tempo (cf. Mt 17,1; Mc 9,2). Com isto associa-se o relato da criação (Gn 1,1-2,4a) e define-se o sábado como ritmo essencial de vida (31,17).

[e] Estas instruções dão os planos para a construção do santuário (cc. 25-31), antecipando o próprio processo de construção (cc. 35-40). Estes textos representam o ambiente sacerdotal de Jerusalém e ligam o culto de Israel, organizado no templo durante a monarquia e sobretudo na época posterior ao exílio, com as origens do povo e particularmente com as tradições do Sinai.

deles: ouro, prata e bronze; [4]púrpura violeta e escarlate, carmesim, linho fino e pêlos de cabra; [5]peles de carneiro tingidas de vermelho, peles finas, madeira de acácia, [6]azeite para o lampadário, bálsamos para o óleo da unção e para o incenso aromático, [7]pedras de berilo e pedras de engaste para guarnecer a insígnia e o peitoral[f]. [8]Farão para mim um santuário e Eu habitarei no meio deles. [9]De acordo com tudo o que Eu te mostrar, o modelo da morada e o modelo de todos os seus utensílios, assim o deveis fazer[g].

Arca e propiciatório

[10]Farão também uma arca de madeira de acácia, com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. [11]Revesti-la-ás de ouro puro; por dentro e por fora a revestirás. E farás sobre ela um rebordo de ouro ao redor. [12]Fundirás para ela quatro argolas de ouro, que colocarás nos quatro cantos inferiores da arca: duas argolas de um lado e duas argolas do outro lado. [13]Farás também varais de madeira de acácia e revesti-los-ás de ouro. [14]E introduzirás os varais nas argolas dos lados da arca, para com eles se transportar a arca. [15]Os varais devem ficar nas argolas da arca e não serão dali retirados; [16]e colocarás na arca o testemunho que te entregarei[h].

[17]Farás também um propiciatório[i] de ouro puro, com dois côvados e meio de comprimento e um côvado e meio de largura. [18]E farás dois querubins de ouro; deves fazê-los em ouro martelado nas duas extremidades do propiciatório. [19]Faz um querubim de um lado e outro querubim do outro lado. Fareis os querubins formando um só peça com o propiciatório, nas duas extremidades. [20]Os querubins estarão com as duas asas estendidas para cima e protegerão o propiciatório com

[f] *Insígnia* era uma espécie de colete que o sacerdote vestia. Nas duas fitas que o prendiam aos ombros levava incrustadas duas pedras de berilo, uma de cada lado gravada com seis nomes das doze tribos de Israel (28,1-14). *Peitoral* era uma bolsa quadrada, com cerca de 25 cm de lado, aplicada sobre a insígnia, ao peito do sacerdote; tinha doze pedras preciosas com o nome de cada uma das doze tribos de Israel (28,15-30).

[g] *Santuário* e *morada* são dois modos de designar o lugar onde Deus habita. *Habitarei:* a ideia da presença de Deus não assenta sobre o santuário, mas sobre o povo de Deus, pois onde Deus habita é *no meio deles* (cf. Jo 1,14).

[h] Em 24,12, Deus anuncia que dará a Moisés as *tábuas de pedra*. Em 31,18, entrega-as a Moisés, chamando-lhes *tábuas do testemunho*, como em 32,15 e 34,29; e a arca passa a ser *a arca do testemunho* (25,22; 26,33; 40,21). Por guardar o documento da aliança, também se lhe chama *arca da aliança* (Js 3,6). Ela é o principal objeto do santuário. Por isso é o próprio Deus que a entrega a Moisés.

[i] O propiciatório serve de cobertura à arca da aliança. Entretanto, o seu nome (*kapporet*), que vem de um verbo que significa *cobrir*, atribui-lhe o sentido de expiação, em convergência com o nome dado ao Dia da Expiação (*yom kippur*). É entendido como o lugar onde estão os dois querubins e como o trono onde Deus toma assento. Daí a importância que lhe é atribuída. No templo de Jerusalém, a arca com o propiciatório ocupava o espaço do Santo dos Santos (cf. 1Rs 8). Com a destruição do templo, em 587 a.C., a arca e o propiciatório desapareceram e deixaram de existir no templo de Zorobabel (520-515 a.C.) e no de Herodes. Paulo em Rm 3,24-25 associa a missão de Jesus à função que no AT se dava ao propiciatório, que cobria as culpas fazendo com que elas deixassem de ser consideradas na vida das pessoas.

as suas asas, voltados cada um deles para o outro. As faces dos querubins estarão voltadas para o propiciatório. 21Colocarás o propiciatório em cima da arca; e dentro da arca colocarás o testemunho que te entregarei. 22Ali me encontrarei contigo e te falarei, de cima do propiciatório, entre os dois querubins que estão sobre a arca do testemunho, dando-te todas as minhas ordens respeitantes aos filhos de Israel.

Mesa dos pães da oferenda

23Farás uma mesa de madeira de acácia, com dois côvados de comprimento, um côvado de largura e um côvado e meio de altura. 24Revesti-la-ás de ouro puro e farás para ela um rebordo de ouro em redor. 25Farás em seu redor uma armação com um palmo de largura; e em volta da armação, um rebordo de ouro.

26Far-lhe-ás quatro argolas de ouro e colocarás as argolas nos quatro cantos que correspondem aos seus quatro pés. 27Junto da armação estarão as argolas por onde passarão os varais para transportar a mesa. 28Farás os varais de madeira de acácia e revesti-los-ás de ouro; é com eles que se transportará a mesa. 29Farás os seus pratos, as suas colheres, as suas jarras, as suas taças para libações. Deves fazê-los de ouro puro. 30Colocarás sobre a mesa o pão da oferenda[a], que estará sempre diante de mim.

O candelabro

31Farás um candelabro[b] de ouro puro. É de ouro martelado que deves fazer o candelabro; o seu tronco e os seus braços, os seus cálices, as suas corolas e as suas flores farão com ele uma só peça. 32Seis braços sairão dos seus lados: três braços do candelabro de um lado e três braços do candelabro do outro lado.

33Três cálices como flores de amendoeira sobre um braço, com corolas e flores; e três cálices como flores de amendoeira sobre o outro braço, com corolas e flores. Será assim para os seis braços que saem do candelabro. 34O candelabro terá quatro cálices como flores de amendoeira, com as suas corolas e as suas flores: 35uma corola debaixo de dois braços, outra corola debaixo de outros dois braços e uma outra corola debaixo de outros dois braços, para os seis braços que saem do candelabro. 36As suas corolas e os seus braços formarão com ele um todo, uma peça de ouro puro martelado.

37Farás também as suas sete lâmpadas, que se colocarão no cimo, de modo a iluminarem o espaço à sua frente. 38As suas tenazes e os seus cinzeiros serão de ouro puro.

---

[a] O *pão da oferenda* (lit.: *pão da presença*) costuma designar-se também *pães da proposição*, isto é, de apresentação. São doze pães ázimos, que evocam as doze tribos de Israel; são postos em duas fileiras de seis sobre a mesa (35,13; 39,36; 1Sm 21,7; 1Rs 7,48). É uma oferenda perpétua (Nm 4,7; 2Rs 25,29), pão santo (1Sm 21,4-5), que é renovado todos os sábados e consumido pelos sacerdotes no santuário (cf. Lv 24,5-9).

[b] O *candelabro (menorah)* é um objeto que serve para *iluminar*. Leva consigo a simbologia da luz e da árvore estilizada. Com o tempo, a *menorah* veio a tornar-se no principal símbolo de Israel e por isso ficou até hoje a testemunhar a conquista de Jerusalém no arco de Tito, em Roma.

39 Com um talento[c] de ouro puro far-se-á o candelabro e todos estes utensílios. 40 Vê,
pois, e faz tudo de acordo com o respetivo modelo que te foi mostrado na montanha.

26 Projeto para a morada

1 Farás a morada[d] com dez telas de linho fino retorcido, púrpura violeta, escar-
late e carmesim. Deves fazê-la com figuras de querubins como obra de artesão. 2 Cada
tela terá vinte e oito côvados de comprimento e quatro côvados de largura; e todas
as telas terão a mesma medida. 3 Cinco telas serão ligadas uma à outra; e as outras
cinco telas serão igualmente ligadas uma à outra. 4 Farás laços de púrpura violeta na
orla da primeira tela que está na extremidade do conjunto; e farás o mesmo na orla
da tela que está na extremidade do segundo conjunto. 5 Farás cinquenta laços na
primeira tela e outros cinquenta laços na extremidade da tela que está no segundo
conjunto. Os laços corresponderão um ao outro. 6 Farás também cinquenta colchetes
de ouro e unirás as telas uma à outra com estes colchetes, de modo que a morada
forme um todo.

7 Farás também telas de pêlos de cabra para a tenda que está sobre a morada; dessas
farás onze telas. 8 O comprimento de cada tela será de trinta côvados e a largura, de
quatro côvados; as onze telas terão uma única medida. 9 Ligarás cinco telas de um
lado e seis telas do outro; e dobrarás a sexta tela sobre a parte da frente da tenda.
10 Farás cinquenta laços na orla da primeira tela, que fica na extremidade do primeiro
conjunto, e outros cinquenta laços na orla da tela do segundo conjunto. 11 Farás
cinquenta colchetes de bronze e introduzirás os colchetes nos laços para ligar a tenda
e assim ela formará um todo. 12 Quanto ao que sobra das telas da tenda, a metade
da tela que sobra cairá sobre a parte posterior da morada. 13 O côvado que sobrar
de um lado mais o côvado que sobrar do outro lado, no sentido do comprimento
das telas da tenda, cairão sobre cada um dos dois lados da morada para a cobrir de
uma parte e da outra.

14 Farás ainda para a tenda uma cobertura de peles de carneiro tingidas de vermelho
e uma cobertura de peles finas por cima.

Estrutura de madeira da morada

15 Farás também para a morada placas de madeira de acácia, assentes na vertical.
16 Cada placa terá dez côvados de comprimento e um côvado e meio de largura.

---

[c] Um talento era uma medida de peso que equivalia a cerca de 34 kg.

[d] A *morada* é o nome preferido pela tradição sacerdotal para designar o lugar onde Deus habita. A sua descrição com todo o pormenor, ao longo do c. 26, pressupõe a possibilidade de se poder desmontar e voltar a montar, como é próprio de uma tenda de beduínos. Nota-se, no entanto, que a descrição tem em mente a imagem do templo de Salomão ou do de Zorobabel, mas integra o simbolismo que se projeta para o deserto, para o Sinai, para Moisés, como sua origem e padrão. Lendo Ex 26 e 1Rs 6, notam-se semelhanças e diferenças. A morada de Ex 26 tem metade das dimensões do templo de 1Rs 6. Esta morada tinha cerca de 15 metros de comprimento por 5 de largura e 5 de altura; e o teto é constituído por uma grande tenda.

17 Cada placa terá dois encaixes, para se apoiarem uma na outra; assim farás para todas
as placas da morada. 18 Assim farás as placas para a morada: vinte placas para o lado
do Négueb, a sul. 19 Farás quarenta bases de prata debaixo das vinte placas: duas bases
debaixo de uma placa, para os seus dois encaixes, e outras duas bases debaixo da outra
placa, para os seus dois encaixes. 20 No outro lado da morada, no lado norte, haverá
vinte placas 21 e as suas quarenta bases de prata, duas bases debaixo de uma placa e
outras duas bases debaixo da outra placa. 22 Para a parte mais interior da morada, do
lado do mar, farás seis placas; 23 e farás outras duas placas para os cantos do fundo da
morada. 24 Elas estarão unidas pela parte de baixo e ficarão unidas até à parte de cima,
à altura da primeira argola. Assim se fará com as duas placas: serão duas para cada
um dos dois cantos. 25 Serão, pois, oito placas com as suas bases de prata, portanto,
dezasseis bases: duas bases debaixo de uma placa e outras duas debaixo da outra placa.
26 Farás travessas de madeira de acácia: cinco travessas para as placas de um lado da
morada, 27 cinco travessas para as placas do outro lado da morada e também cinco
travessas para as placas do lado de trás da morada, do lado do mar. 28 A travessa
central, no meio das placas, atravessará de uma extremidade à outra. 29 Revestirás de
ouro as placas e farás de ouro as suas argolas, pelas quais hão de passar as travessas; e
revestirás também de ouro as travessas. 30 E erguerás a morada segundo a norma que
te foi mostrada na montanha.

Véu do Santo dos Santos

31 Farás também um véu de púrpura violeta, escarlate e carmesim, e de linho fino
retorcido; deve ser feito como obra de artesão, com figuras de querubins. 32 Colo-
cá-lo-ás sobre quatro colunas de acácia revestidas de ouro, com os seus ganchos de
ouro, sobre quatro bases de prata. 33 Colocarás o véu dependurado dos ganchos e
levarás para ali, para o lado interior do véu, a arca do testemunho. O véu servirá para
vós de separação entre o Santo e o Santo dos Santos[a]. 34 Colocarás o propiciatório
sobre a arca do testemunho, no Santo dos Santos. 35 Colocarás a mesa do lado de
fora do véu e o candelabro diante da mesa, no lado sul da morada; e colocarás a
mesa no lado norte.
36 Farás também, para a entrada da tenda, uma cortina de púrpura violeta, escarlate
e carmesim, e de linho fino retorcido, obra de bordador. 37 Farás para a cortina cinco
colunas de acácia; e revesti-las-ás de ouro, com os seus ganchos também de ouro, e
fundirás para elas cinco bases de bronze.

[a] Um *véu* feito de tecidos preciosos divide a morada em dois espaços: na parte oriental, o Santo *(hekal)*, onde estão a mesa das oferendas, à direita, e o candelabro, à esquerda; na parte ocidental, o Santo dos Santos *(debir)*, com a arca e o propiciatório. A função do véu é isolar o Santo dos Santos, morada exclusiva de Deus. Apenas o sumo sacerdote lá entrava, uma vez por ano, no dia da Expiação (Lv 16; Heb 9,6-14). Esta separação existia no templo de Salomão (1Rs 6,16) e manteve-se no templo de Zorobabel e no segundo templo (cf. 25,17). Foi este véu que o general romano Pompeu cortou em 63 a.C., para entrar no Santo dos Santos.

27 Altar dos holocaustos

1 Farás o altar de madeira de acácia[b], com cinco côvados de comprimento e
cinco côvados de largura. O altar será quadrado e terá três côvados de altura. 2 Farás
as suas hastes[c] nos seus quatro cantos. As suas hastes farão uma só peça com ele e
revesti-lo-ás de bronze. 3 Farás os seus recipientes para recolher a sua cinza, as suas
pás, as suas bacias de ablução, os seus garfos e os seus braseiros; farás todos os seus
utensílios em bronze. 4 Farás para ele uma grelha de bronze em forma de rede e farás
quatro argolas de bronze nos quatro cantos da rede. 5 Colocá-la-ás abaixo da cornija
do altar, na parte inferior, e a rede chegará até ao meio do altar. 6 Farás também
varais para o altar, varais de madeira de acácia, e revesti-los-ás de bronze. 7 Os varais
serão introduzidos nas argolas e os seus varais estarão nos dois lados do altar, para
quando se tiver de o transportar. 8 Fá-lo-ás de tábuas, oco por dentro. Tal como te
foi mostrado na montanha, assim devem fazer.

O átrio

9 Farás também o átrio da morada[d]. Do lado do Négueb, virado a sul, o átrio terá
cortinas de linho fino retorcido, com cem côvados de comprimento em cada um
dos lados. 10 As suas colunas serão vinte; e vinte serão também as suas bases, tudo em
bronze. Os ganchos das colunas e as suas varas serão de prata. 11 Do mesmo modo,
para o lado norte, as cortinas terão cem côvados de comprimento. As suas vinte
colunas e as suas vinte bases serão de bronze. Os ganchos das colunas e as suas varas
serão de prata. 12 A largura do átrio, do lado ocidental, será de cinquenta côvados
de cortinas, com as suas dez colunas e com as suas dez bases. 13 A largura do átrio,
do lado leste, a oriente, será de cinquenta côvados, 14 quinze côvados de cortinas
para um lado da entrada, com as suas três colunas e as suas três bases, 15 e quinze
côvados de cortinas para o outro lado da entrada, com as suas três colunas e as suas
três bases. 16 Na porta de entrada do átrio haverá um cortinado de vinte côvados, de
púrpura violeta, escarlate e carmesim, e de linho fino retorcido, obra de bordador.
Serão quatro as suas colunas e quatro também as suas bases. 17 Todas as colunas ao
redor do átrio terão varas de prata; os seus ganchos serão de prata e as suas bases, de
bronze. 18 O comprimento do átrio será de cem côvados; a sua largura, de cinquenta
côvados; e a sua altura, de cinco côvados. Serão de linho fino retorcido; e as suas
bases, de bronze[e].

---

[b] Este *altar* é diferente do que aparece em 20,24. Aqui trata-se do altar dos holocaustos (30,28; 38,1) ou altar de bronze (38,30; 39,39). Este fica no meio do átrio, fora da morada; o altar do incenso situava-se no Santo.

[c] As *hastes* do altar são os seus quatro cantos superiores alteados. Eram a parte mais importante do altar; eram aspergidos com o sangue das vítimas e este era um ritual com particular sentido de expiação (29,12; 30,10; Lv 4,7; 16,18). E serviam, em certos casos, como lugar de refúgio (1Rs 1,50: 2,28).

[d] O *átrio da morada* do deserto era um espaço delimitado por cortinados, de forma retangular (cerca de 50x25 m), a céu aberto, destinado ao povo. Na morada entrava apenas o sacerdote e quem desempenhava funções cultuais.

[e] Em 38,16, o texto correspondente a este é ligeiramente mais longo.

19Todos os utensílios da morada, usados em todos os seus serviços, todas as suas
estacas e todas as estacas do átrio serão de bronze.

Azeite para o lampadário

20E tu ordenarás aos filhos de Israel[a] que te tragam azeite refinado de azeitonas
espremidas para o lampadário, para que haja uma luz permanentemente acesa.
21Aarão e os seus filhos colocá-lo-ão na tenda do encontro[b], do lado de fora do véu
que está em frente do testemunho, para que esteja diante do SENHOR desde o
anoitecer até de manhã. Esta é uma norma perene da parte dos filhos de Israel para
todas as suas gerações.

28 Vestes de Aarão e dos sacerdotes

1E tu, faz com que se aproxime de ti Aarão, teu irmão, e os seus filhos com
ele, do meio dos filhos de Israel, para que ele, Aarão, exerça o sacerdócio para mim,
com Nadab e Abiú, Eleázar e Itamar, filhos de Aarão[c]. 2E farás para Aarão, teu irmão,
vestes sagradas[d] para glória e magnificência. 3Falarás tu mesmo a todos os que têm
um coração de sábio, que Eu enchi de espírito de sabedoria; e eles farão as vestes de
Aarão, para que seja consagrado e exerça o sacerdócio para mim. 4São estas as vestes
que devem fazer: o peitoral e a insígnia, o manto, a túnica de bordado, o turbante
e a faixa. Farão vestes sagradas para Aarão, teu irmão, e para os seus filhos, para que
ele exerça o sacerdócio para mim. 5Empregarão ouro, púrpura violeta, escarlate e
carmesim, e linho fino.

Insígnia

6Farão a insígnia[e] de ouro, púrpura violeta, escarlate e carmesim, e de linho fino
retorcido, como obra de artesão. 7Terá duas ombreiras ligadas nas suas duas extre-

---

[a] Os vv. 20-21 não têm correspondência nos cc. 35-40, onde se narra a construção e instalação do santuário. O seu único paralelo encontra-se em Lv 24,2-4.

[b] A *tenda do encontro*, referida em várias tradições bíblicas, tem como primeira função ser o lugar onde Moisés se encontra com Deus para receber oráculos e ordens (cf. 33,7-11). A tradição sacerdotal considera que é ela o templo de Deus, o lugar onde tem a sua morada (cf. 25,1).

[c] Os cc. 28-29 procuram enquadrar na época de Moisés a instituição e a organização do culto tal como existia na época do templo de Salomão e de Zorobabel. Estes capítulos apresentam num modelo ideal as conceções sacerdotais pós-exílicas transpostas para o passado de Israel. Como modelo de um sumo sacerdote, mesmo sem lhe dar este nome, aparece Aarão. Com efeito, na história do templo de Jerusalém, existiu uma outra linhagem de sumos sacerdotes derivada de Sadoc (2Sm 8,17), que assumiram o sacerdócio de maneira exclusiva, a partir de Salomão, depois da eliminação de Abiatar e da sua casa (1Rs 2,26-27). Entretanto, nos cc. 25-31, Aarão e os seus filhos não se chamam explicitamente sacerdotes; apenas se diz que eles *exercem o sacerdócio* (vv. 1.3.4.40).

[d] As *vestes sagradas* são as vestes de cerimónia que devem ser usadas no lugar santo e apenas ali (vv. 4.43). Não se mencionam sandálias; é possível que os sacerdotes oficiassem descalços, como no Egito, em sinal de respeito pelo lugar santo (cf. 3,5). Sobre o simbolismo das vestes do sumo sacerdote, cf. Zc 3,3-5; Sir 50,5-11; Sb 18,24.

[e] O termo hebraico traduzido por *insígnia* pode designar, na Bíblia, três realidades que terão certamente algo em comum: 1) um objeto de adivinhação (Jz 8,27; 1Sm 14,18); 2) a insígnia sacerdotal de linho

midades, formando um todo ligado. [8]O cordão da insígnia, que está por cima dele,
fazendo corpo com ele, será como ele: de ouro, púrpura violeta, escarlate e carmesim,
e de linho fino retorcido. [9]Tomarás duas pedras de berilo e gravarás nelas os nomes
dos filhos de Israel: [10]seis dos seus nomes na primeira pedra e os seis nomes restan-
tes na segunda, conforme a ordem do seu nascimento. [11]Como faz quem trabalha
a pedra para gravar um selo, assim gravarás nas duas pedras os nomes dos filhos de
Israel; e deves fazê-las engastadas com ouro ao redor. [12]Colocarás as duas pedras sobre
as ombreiras da insígnia; são pedras de memorial para os filhos de Israel; e Aarão
levará os seus nomes, para diante do SENHOR, sobre os seus dois ombros, como
memorial. [13]Farás também engastes de ouro [14]e duas correntes de ouro puro; fá-las-
-ás entrelaçadas, como um cordão; e fixarás as correntes entrelaçadas nos engastes.

Peitoral

[15]Farás o peitoral[f] do julgamento, obra de artesão. Tal como a insígnia, fá-lo-ás de
ouro, púrpura violeta, escarlate e carmesim, e de linho fino retorcido. [16]Dobrado,
formará um quadrado com um palmo de comprimento e um palmo de largura.
[17]Farás nele uma incrustação de pedras preciosas, dispostas em quatro fiadas: sardó-
nica, topázio e esmeralda, na primeira fiada; [18]na segunda, calcedónia, safira e jaspe;
[19]na terceira, jacinto, ágata e ametista; [20]e na quarta, crisólito, berilo e ónix. Elas serão
guarnecidas de ouro nos seus engastes. [21]As pedras corresponderão aos nomes dos
filhos de Israel; serão doze como os seus nomes, gravadas como um selo, cada uma
com o nome de uma das doze tribos.

[22]Farás para o peitoral correntes de ouro puro, entrelaçadas em forma de cordão.
[23]Farás para o peitoral duas argolas de ouro, que porás nas extremidades do peitoral.
[24]Passarás as duas correntes de ouro pelas argolas, nas extremidades do peitoral.
[25]Colocarás as duas extremidades das duas correntes nos dois engastes e colocá-las-
-ás nas ombreiras da insígnia, na sua parte da frente. [26]Farás duas argolas de ouro e
colocá-las-ás sobre as duas extremidades do peitoral, sobre a orla interior lateral da
insígnia. [27]Farás outras duas argolas de ouro e colocá-las-ás sobre as duas ombreiras
da insígnia, em baixo, da parte da frente, perto da sua juntura, sobre o cordão da
insígnia. [28]Quanto ao peitoral, devem prendê-lo através das suas argolas às argolas

(Ex 20,26); 3) a insígnia do sumo sacerdote, que era uma espécie de colete, no qual estão incrustadas duas pedras de berilo, uma em cada ombro, cada uma gravada com seis nomes das doze tribos de Israel (vv. 1-14), que, simbolicamente, o sacerdote carrega sobre si (v. 12). A insígnia aparece também usada com sentido devocional ou votivo, sobretudo quando implica alguma proximidade ao culto (cf. 1Sm 2,18; 2Sm 6,14).

[f] O *peitoral* é uma bolsa quadrada, dobrada, com cerca de 25 cm de lado, aplicada sobre a insígnia ao peito do sacerdote. Na frente, o peitoral leva doze pedras preciosas diferentes e em cada uma delas está gravado o nome de uma das doze tribos de Israel (vv. 15-30). Com ele, o sacerdote carrega aos ombros (v. 12) e leva ao peito (v. 29) todos os filhos de Israel. A designação de *peitoral do julgamento* (vv. 15.29.30) justifica-se por nele se conservarem os *urim* e *tumim* (v. 30), que eram provavelmente dois objetos, pedras ou dados, usados para consultar e obter da parte de Deus uma resposta positiva ou negativa.

da insígnia, com um fio de púrpura violeta, para o ligar ao cordão da insígnia e para que o peitoral não se desprenda da insígnia. 29Aarão levará assim os nomes dos filhos de Israel no peitoral do julgamento sobre o seu coração, quando entrar no Santo, como memorial perene diante do SENHOR. 30Colocarás também no peitoral do julgamento os dados *urim* e *tumim*, para que estejam sobre o coração de Aarão, quando entrar para a presença do SENHOR. E Aarão levará sempre sobre o seu coração o julgamento dos filhos de Israel diante do SENHOR.

Manto

31Farás o manto da insígnia[a] todo de púrpura violeta. 32No meio dele haverá uma abertura para a cabeça; terá uma orla em toda a volta, tecida como gola de couraça, para não se rasgar. 33Na sua orla colocarás romãs[b], de púrpura violeta, escarlate e carmesim, e, no meio delas, a toda a volta, campainhas[c] de ouro. 34Em toda a orla do manto haverá uma campainha de ouro e uma romã, outra campainha de ouro e outra romã. 35Aarão vesti-lo-á para o serviço litúrgico, de modo que se oiça o seu som, quando entrar no Santo, diante do SENHOR, ou quando sair; e assim não morrerá.

Placa do turbante

36Farás uma placa[d] de ouro puro, na qual gravarás como se gravam os selos: "Santo para o SENHOR". 37Atá-la-ás com um fio de púrpura violeta, de maneira que esteja sobre o turbante[e]: deverá estar na parte da frente do turbante. 38Ela estará sobre a fronte de Aarão e Aarão carregará a culpa cometida a respeito das coisas santas que os filhos de Israel consagrarem em todas as suas santas oferendas. Estará continuamente sobre a sua fronte, para obter favor para eles diante do SENHOR. 39Tecerás ainda uma túnica[f] de linho fino e farás um turbante de linho fino e uma faixa como obra de bordador.

---

[a] Chama-se *manto da insígnia*, porque era sobre ele que se prendia a insígnia. É uma espécie de casula a mostrar a dignidade do sumo sacerdote.

[b] A *romã* é símbolo cultural e cultual de fertilidade e de vida no Próximo Oriente Antigo. Desconhecida no Egito, mas típica da Palestina, sobressai entre os frutos trazidos pelos exploradores (Nm 13,23). Vemo-la a adornar os capitéis das duas colunas de bronze diante do templo de Salomão (1Rs 7,18) e como motivo de ornamentação e beleza (Ct 4,3; 7,13).

[c] As *campainhas* podem vir de uma conceção de que o seu som servia para prevenir perigos e para dar a conhecer os movimentos do sumo sacerdote, bem como acrescentar algum ambiente mais festivo às cerimónias.

[d] O termo hebraico para *placa de ouro* é também entendido como *flor* ou *diadema*. Em 29,6, em vez de flor, aparece diadema (29,6).

[e] O *turbante* (28,4.37.39; 29,6; 39,28.31) é um ornamento da cabeça do sumo sacerdote. Era constituído por uma peça de linho fino enrolada à volta da cabeça, sobre a qual se envolvia outra peça de púrpura de cor azul escura. Sobre este turbante colocava-se a placa de ouro (29,6) com a inscrição *Santo para o Senhor*. Os simples sacerdotes usavam um *barrete* (28,40; 29,9; 39,28).

[f] A *túnica* é a peça do vestuário habitual dos hebreus, homens ou mulheres; é comprida até aos pés e tem mangas. Sobre essa túnica Aarão usará o manto, com a insígnia e o peitoral, ajustando-a ao corpo com uma faixa (cf. 28,4.40; 29,9; 39,29).

Vestes litúrgicas dos filhos de Aarão

40 Para os filhos de Aarão farás túnicas; para eles farás faixas e farás também barretes,
para glória e magnificência. 41 Com estas vestes revestirás Aarão, teu irmão, e com ele
também os seus filhos; deverás ungi-los[g], dar-lhes a investidura[h] e santificá-los, para
exercerem para mim o sacerdócio. 42 Para cobrirem a sua nudez, faz para eles calções
de linho, que devem ir da cintura até à coxa. 43 Aarão e os seus filhos devem vesti-los
quando entrarem na tenda do encontro e quando se aproximarem do altar para o
serviço no Santo. E assim não incorrerão em culpa; se não, morreriam. É uma norma
perene para ele e para a sua descendência, depois dele.

29 Investidura de Aarão e seus filhos

1 Este é o ritual que cumprirás para os consagrar, de modo que eles exerçam
o sacerdócio para mim. Toma um novilho e dois carneiros sem defeito, 2 pães sem
fermento, bolos sem fermento amassados com azeite e tortas sem fermento untadas
com azeite; deves fazê-los com flor de farinha de trigo. 3 Colocá-los-ás num cesto; e
no cesto os apresentarás juntamente com o novilho e os dois carneiros.

4 Farás aproximar Aarão e os seus filhos da entrada da tenda do encontro e lavá-
-los-ás com água. 5 Tomarás as vestes e revestirás Aarão com a túnica e o manto
da insígnia, com a insígnia e com o peitoral; e cingi-lo-ás com o cordão da insíg-
nia. 6 Pôr-lhe-ás o turbante na cabeça e fixarás o diadema de santidade[i] sobre o tur-
bante. 7 Tomarás o óleo da unção, derramá-lo-ás sobre a sua cabeça e ungi-lo-ás.
8 Farás com que os seus filhos se aproximem e revesti-los-ás com túnicas. 9 Cingirás
Aarão e os seus filhos com a faixa e prender-lhes-ás os barretes. O sacerdócio per-
tencer-lhes-á como norma perene. Assim darás a investidura a Aarão e aos seus
filhos.

10 Farás aproximar o novilho diante da tenda do encontro. Aarão com os seus filhos
imporá as suas mãos[j] sobre a cabeça do novilho. 11 Imolarás o novilho diante do
SENHOR, à entrada da tenda do encontro. 12 Tomarás parte do sangue do novilho
e, com o teu dedo, colocá-lo-ás sobre as hastes do altar e derramarás tudo o que
resta do sangue na base do altar. 13 Tomarás toda a gordura que envolve as vísceras, a

---

[g] A *unção* era uma prerrogativa dos reis. Depois do exílio, a figura do sacerdote assumiu grande importância na salvaguarda do judaísmo, pois Israel deixou de ser politicamente autónomo. O sacerdócio assumiu também alguns traços reais, como sejam a unção e o diadema. A unção terá sido primeiro exclusiva do sumo sacerdote (29,7.29; Lv 4,3.5.16, 8,12; Zc 4,14), e depois alargada aos outros sacerdotes (30,30; 40,14-15; Lv 3,36; 10,7; Nm 3,3).

[h] Lit.: *encherás as suas mãos*. A expressão coincide com o acádico *mullû qâta* e sugere um ritual de transmissão de poderes, entregando a função ao sacerdote investido, isto é, enchendo as suas mãos com pedaços da vítima oferecida em sacrifício (29,9; 32,29; Lv 8,27-28; Nm 3,3; Jz 17,5.12; 1Rs 13,33).

[i] Este *diadema de santidade* parece equivaler ao que, em 28,36, é uma placa de ouro com a inscrição *Santo para o Senhor*.

[j] *Impor as mãos* sobre a cabeça da vítima é um ritual universal nos sacrifícios de expiação por faltas praticadas, mesmo inadvertidamente (Lv 4,4.15.24.29), pelo sacerdote (Lv 4,3), pela comunidade (Lv 4,13-14), pelos chefes (Lv 4,22) ou por alguém do povo (Lv 4,27). É, por conseguinte, um sacrifício pelo pecado (Lv 4-5).

membrana do fígado, os dois rins com a gordura que os envolve e queimarás tudo sobre o altar. 14A carne do novilho, a sua pele e os seus intestinos, queimá-los-ás no fogo, fora do acampamento: é um sacrifício pelo pecado.

15Tomarás então o carneiro; Aarão e os seus filhos imporão as suas mãos sobre a cabeça do carneiro. 16Imolarás o carneiro, tomarás o seu sangue e derramá-lo-ás sobre o altar ao redor. 17Cortarás o carneiro em pedaços, lavarás as suas vísceras e as suas patas e pô-las-ás sobre os seus pedaços e sobre a sua cabeça. 18Queimarás inteiramente o carneiro sobre o altar: é um holocausto para o SENHOR, um sacrifício no fogo, de odor agradável para o SENHOR.

19Tomarás o segundo carneiro; Aarão e os seus filhos imporão as suas mãos sobre a cabeça do carneiro. 20Imolarás o carneiro, tomarás do seu sangue e dele porás sobre o lóbulo da orelha direita de Aarão e sobre o lóbulo da orelha direita dos seus filhos, sobre o polegar da sua mão direita e sobre o dedo grande do seu pé direito; e derramarás o sangue sobre o altar em redor. 21Tomarás então do sangue que está sobre o altar e do óleo da unção e com ele aspergirás Aarão e as suas vestes, os seus filhos e igualmente as vestes dos seus filhos. E assim ficará consagrado Aarão e também as suas vestes, bem como os seus filhos com ele e as vestes dos seus filhos.

22Tomarás depois a gordura do carneiro, a cauda, a gordura que envolve as vísceras, a membrana do fígado, os dois rins com a gordura que os envolve, juntamente com a coxa direita, porque é o carneiro da investidura[a]. 23Do cesto dos pães sem fermento que está diante do SENHOR, tomarás um pão redondo, um bolo de azeite e uma torta. 24Porás tudo sobre as palmas das mãos de Aarão e sobre as palmas das mãos dos seus filhos; e farás com que os apresentem com o ritual de elevação[b] diante do SENHOR. 25Depois, retomá-los-ás das suas mãos e queimá-los-ás sobre o altar, junto com o holocausto, como sacrifício de suave odor diante do SENHOR. É uma oferta no fogo em honra do SENHOR.

26Tomarás o peito do carneiro de investidura, que é de Aarão, e mandarás fazer com ele o ritual de elevação diante do SENHOR. Essa será a tua parte. 27Santificarás o peito de elevação e a coxa de tributo que foram apresentadas com os rituais de elevação e de tributo e que fazem parte do carneiro de investidura, tanto o de Aarão como o dos seus filhos. 28Esta será para Aarão e para os seus filhos, como norma perene da parte dos filhos de Israel. Pois trata-se de uma oferta de tributo; e será uma oferta de tributo da parte dos filhos de Israel nos seus sacrifícios de comunhão. É a sua oferta de tributo para o SENHOR.

---

[a] O termo *millu'îm* (enchimentos) deriva da expressão "encher as mãos", que é traduzido por *investidura*. Este termo só se encontra com este significado neste contexto (vv. 22.26.27.31.34). No Levítico é descrita a execução dos rituais aqui prescritos (cf. Lv 7,37; 8,22.28.29.31.33).

[b] O *ritual de elevação* (vv. 24.26.27; 35,22; 38,24) é um termo técnico de uma cerimónia específica ao fazer uma oferta a Deus (Lv 7,30), balanceando os dons como quem os entrega a Deus e dele os volta a receber, pois são para consumo exclusivo dos sacerdotes (Lv 7,30-34).

29 As vestes sagradas de Aarão serão para os seus filhos[c], depois dele, para serem
ungidos com elas e para com elas receberem a investidura. 30 Durante sete dias, o
sacerdote que, de entre os seus filhos, entrar depois dele na tenda do encontro, vesti-
-las-á para oficiar no Santo. 31 Tomarás o carneiro da investidura e cozerás a sua carne
em lugar santo[d]. 32 Aarão e os seus filhos comerão a carne do carneiro e o pão que está
no cesto, à entrada da tenda do encontro. 33 Comerão essas ofertas que serviram para
o ritual de expiação, para a sua investidura e para os consagrar. E nenhum estranho
comerá delas, pois são uma coisa santa. 34 Se sobrar carne da investidura e pão até
de manhã, queimarás o que resta no fogo; não deve ser comido, pois é coisa santa.
35 Farás assim para Aarão e para os seus filhos segundo tudo o que Eu te ordenei.
Durante sete dias cumprirás o ritual da investidura.

Sacrifício quotidiano

36 Em cada dia oferecerás um novilho como sacrifício pelo pecado, para expiação;
e tirarás o pecado do altar com a tua expiação por ele; e ungi-lo-ás para o consagrar[e].
37 Durante sete dias, farás a expiação sobre o altar e consagrá-lo-ás; e o altar será san-
tíssimo e tudo o que tocar no altar ficará consagrado.
38 Eis o que oferecerás diariamente e para sempre sobre o altar: dois cordeiros de
um ano[f]. 39 Oferecerás um cordeiro de manhã e outro cordeiro ao crepúsculo. 40 Com
o primeiro cordeiro oferecerás um décimo de *efá* de flor de farinha, amassada com
um quarto de *hin*[g] de azeite puro de azeitonas, e uma libação de um quarto de *hin*
de vinho. 41 Oferecerás o segundo cordeiro ao cair da tarde, com uma oblação e uma
libação iguais às da manhã, em sacrifício de suave odor, consumido pelo fogo, em
honra do SENHOR. 42 É o holocausto perene, de geração em geração, à entrada da
tenda do encontro, diante do SENHOR, onde Eu me encontrarei convosco para
ali te falar.
43 É lá que encontrarei os filhos de Israel; e esse lugar será santificado pela minha
glória. 44 Santificarei a tenda do encontro e o altar; santificarei Aarão e os seus filhos,
para que exerçam o sacerdócio para mim. 45 Habitarei no meio dos filhos de Israel e
serei Deus para eles. 46 E saberão que Eu sou o SENHOR, seu Deus, que os fiz sair da
terra do Egito para habitar no meio deles. Eu, o SENHOR, seu Deus!

---

[c] O sacerdócio representa um estatuto familiar hereditário. Por isso, as vestes sacerdotais são o instrumento principal da passagem de poderes de Aarão para os filhos que lhe haveriam de suceder. De facto, ao morrer Aarão, Moisés revestiu Eleázar com as vestes de Aarão (Nm 20,28).

[d] O livro do Levítico (8,31) diz de forma explícita que este *lugar santo* é à entrada da tenda do encontro.

[e] Muitas coisas podem afetar a pureza do santuário; qualquer transgressão, mesmo involuntária (Lv 4,2.13.22.27). De resto, qualquer impureza exige purificação, seja do altar dos holocaustos (Lv 4,34), seja do altar do incenso (Lv 4,6-7.17-18), seja da própria arca da aliança e dos querubins. Tudo deve ser assim purificado no grande dia da Expiação (Lv 16).

[f] O uso de dois holocaustos diários começou depois do exílio. Antes havia apenas o da manhã (2Rs 16,15; Ez 46,13-15).

[g] *Um décimo de efá* corresponde a 4,5 litros aproximadamente; e *um quarto de hin* equivale a cerca de 1,87 litros.

30 Altar do incenso

1 «Farás também um altar para nele queimares o incenso[a]; deves fazê-lo de
madeira de acácia. 2 Terá um côvado de comprimento e um côvado de largura; será
quadrado e terá dois côvados de altura: as suas hastes farão com ele uma só peça.
3 Revestirás de ouro puro a sua parte superior, as suas paredes em redor e as suas
hastes; e farás para ele um rebordo de ouro em redor. 4 Farás para ele duas argolas de
ouro por baixo do rebordo; de ambos os lados as farás e servirão para inserir os varais,
para o transportar com eles. 5 Farás os varais de madeira de acácia e revesti-los-ás de
ouro. 6 Colocarás o altar diante do véu que está diante da arca do testemunho, diante
do propiciatório, que está sobre o testemunho. É ali que Eu me encontrarei contigo!
7 Aarão queimará sobre ele incenso perfumado. Queimá-lo-á todas as manhãs, ao
preparar as lâmpadas, 8 e queimá-lo-á também ao crepúsculo, quando Aarão acender
as lâmpadas. É o incenso perene diante do SENHOR, de geração em geração. 9 Não
deveis oferecer sobre ele incenso ilegítimo[b], nem holocausto, nem oblação, nem
sobre ele derramareis uma libação. 10 Uma vez no ano, Aarão fará sobre as suas hastes
o ritual de expiação com o sangue do sacrifício de expiação pelo pecado; e uma vez
no ano, de geração em geração, fará sobre ele o ritual de expiação. É coisa santíssima
para o SENHOR».

Imposto para o culto

11 O SENHOR falou a Moisés, dizendo: 12 «Quando contares os filhos de Israel para
serem recenseados, cada um, ao ser recenseado, dará ao SENHOR o resgate pela sua
vida e não haverá entre eles nenhum flagelo ao serem recenseados[c]. 13 Isto é o que
dará cada um dos que forem recenseados: meio siclo, segundo o siclo do santuário,
vinte *gueras* por siclo. Esse meio siclo é o seu tributo para o SENHOR[d]. 14 Todo o
que estiver sujeito ao recenseamento, de vinte anos para cima, dará o tributo ao
SENHOR. 15 O rico não pagará mais e o pobre não pagará menos do que meio siclo,
ao dar o tributo do SENHOR em expiação pelas vossas vidas. 16 Tomarás a prata
da expiação da parte dos filhos de Israel e entregá-la-ás para o serviço da tenda do

[a] É o altar do incenso que fica diante do véu (40,26). Também se chama altar de ouro (39,38; 40,5.26; Nm 4,11; 1Rs 7,48; Ap 8,3; 9,13) ou altar interior, diferente do altar dos holocaustos, que era revestido de bronze (27,1-8; 38,1-7) e estava no átrio exterior. Sobre este altar exterior oferecia-se a Deus o holocausto perene (29,42), de manhã e ao crepúsculo (29,38-42).

[b] Lit.: *estranho*, isto é não conforme às normas rituais exigidas.

[c] O recenseamento é um tema insistente (vv. 12-14; 12,37; 38,26; Nm 1,46; 2,32) e suscita bastantes preocupações, possivelmente pelas intenções que o motivavam e podiam colidir com a soberania de Deus (2Sm 24,1-17 e 1Cr 21,1-17). Este recenseamento destinava-se a recolher o tributo para o santuário (v. 13).

[d] O padrão de medidas usado era variável. O *siclo do santuário* só aparece em textos tardios (38,24.25.26; Lv 5,15; 27,25; Nm 3,47; 18,16) e era mais elevado. Um *talento* equivalia a 3000 *siclos*. *Guera* era a vigésima parte do *siclo* (cf. 21,32). Este tributo (vv. 13.14.15) destinava-se a custear o funcionamento do santuário (cf. Ne 10,33) e é ainda referido no NT (Mt 17,24.27).

encontro. Este será para os filhos de Israel um memorial diante do SENHOR, como expiação pelas vossas vidas».

Bacia de bronze

17Falou então o SENHOR a Moisés, dizendo: 18«Farás uma bacia de bronze, com a base também de bronze, para as abluções[e]. Deves colocá-la entre a tenda do encontro e o altar e enchê-la de água. 19Aarão e os seus filhos lavarão nela as mãos e os pés. 20Quando entrarem na tenda do encontro, lavar-se-ão com água e assim não morrerão; e também quando se aproximarem do altar para oficiar, para queimar uma oferta no fogo em honra do SENHOR, 21lavarão as mãos e os pés e assim não morrerão. É uma norma perene para ele e para a sua descendência, de geração em geração».

Óleo da unção

22Falou então o SENHOR a Moisés, dizendo: 23«E tu procura para ti bálsamos de primeira qualidade: quinhentos siclos de mirra pura; metade, isto é, duzentos e cinquenta siclos de cinamomo perfumado; e ainda duzentos e cinquenta siclos de cálamo aromático; 24quinhentos siclos de cássia, segundo o peso do siclo do santuário; e um *hin* de azeite de oliveira. 25Farás com isso o óleo para a unção de consagração[f], um composto aromático, obra de perfumista. Será o óleo para a unção de consagração. 26Ungirás com ele a tenda do encontro, a arca do testemunho, 27a mesa e todos os seus utensílios, o candelabro com os seus utensílios, o altar do incenso, 28o altar dos holocaustos e todos os seus utensílios, a bacia com a sua base. 29Consagrarás estas coisas, que se tornarão santíssimas: tudo o que entrar em contacto com elas ficará consagrado.

30Ungirás também Aarão e os seus filhos e consagrá-los-ás, para que exerçam o sacerdócio para mim. 31E falarás aos filhos de Israel, dizendo: "Este será para mim o óleo da unção de consagração, por todas as vossas gerações. 32Não deve ser derramado sobre o corpo de mais ninguém e não devereis fazer nenhum óleo semelhante a este: é coisa santa; e santa deve ser considerada por vós. 33Quem fizer um óleo semelhante a este e o usar sobre um estranho será excluído do seu povo"».

Perfume aromático

34Disse então o SENHOR a Moisés: «Procura aromas: resina de estoraque, âmbar, gálbano, essências e incenso puro, em partes iguais[g]. 35Farás com eles um incen-

[e] Esta *bacia de bronze é equivalente ao mar de bronze* que havia no templo de Salomão (1Rs 7,23-39). Continua a prevalecer a ideia de enquadrar no contexto do deserto e no tempo de Moisés a origem e fundamento das instituições na época pós-exílica.

[f] Para além da unção de Abraão (29,7) o *óleo da unção* serve igualmente para a consagração de sacerdotes, equipamentos e utensílios (vv. 26-30), incluindo o altar do incenso e a bacia de bronze (30,1-11; 30,17-21).

[g] Os elementos referidos para a composição deste incenso eram produtos raros e preciosos, importados do sul da Arábia (cf.1Rs 10,2; Jr 6,20). Daí a importância atribuída à oferta de incenso. Este simbo-

so perfumado, uma mistura aromática, obra de perfumista, salgada, pura e santa.
36Transformarás uma parte dele em pó e colocá-lo-ás diante do testemunho, na tenda
do encontro, onde Eu me encontro contigo; e será para vós uma coisa santíssima. 37E
este incenso que deves fazer, não o fareis para vós com a mesma composição. Será
para ti coisa santa, em honra do SENHOR. 38Quem fizer outro semelhante a este,
para sentir o seu odor, será excluído do seu povo».

31 Artífices da obra

1O SENHOR falou a Moisés, dizendo: 2«Vê! Eu chamei pelo nome Beçalel,
filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá[a], 3e enchi-o do espírito de Deus, com
sabedoria, discernimento e ciência para todas as tarefas, 4para fazer projetos, para exe-
cutar em ouro, prata e bronze, 5nas esculturas em pedra de engaste e nas esculturas
de madeira e para realizar toda a espécie de tarefas. 6E dei-lhe como auxiliar Ooliab,
filho de Aisamac, da tribo de Dan. E no coração de todo o artista experimentado
infundi sabedoria, para que executem tudo o que te ordenei: 7a tenda do encontro,
a arca do testemunho, o propiciatório que fica por cima dela e todos os utensílios
da tenda, 8a mesa com os seus utensílios, o candelabro de ouro puro com os seus
utensílios, o altar do incenso 9e o altar dos holocaustos com todos os seus utensílios,
a bacia com a sua base, 10as vestes cerimoniais, as vestes sagradas para o sacerdote
Aarão e as vestes dos seus filhos, para exercerem o sacerdócio, 11o óleo da unção e o
incenso aromático para o Santo[b]. Eles farão tudo como Eu te ordenei».

Descanso do sábado

12O SENHOR disse a Moisés: 13«E tu fala aos filhos de Israel, dizendo: "Guardareis
cuidadosamente os meus sábados[c], porque o sábado é um sinal entre mim e vós,
de geração em geração, para que se saiba que Eu sou o SENHOR que vos santifica.
14Guardareis, pois, o sábado, porque é coisa santa para vós. Quem o profanar será
punido com a morte. Quem nele fizer qualquer tarefa será excluído do meio do seu
povo. 15Durante seis dias cumprir-se-ão as tarefas, mas o sétimo é dia de descanso
solene, coisa santa para o SENHOR. Quem fizer algum trabalho em dia de sábado

lizava a oração que se eleva (Sl 141,2; Ap 5,8; 8,4) e estava associado também à presença de Deus (Lv 16,2.13).

[a] A referência genérica aos que iriam executar os trabalhos (28,3) é aqui explicitada com os nomes dos dois principais, Beçalel (cf. 1Cr 2,20) e Ooliab. Tem como objetivo indicar os nomes dos dois principais artistas dos trabalhos a realizar no santuário. Em 28,3 já se tinha falado de pessoas habilitadas e cheias do espírito de Deus, sem citar nomes. Surgem agora os nomes de Beçalel, citado nas genealogias das Crónicas (1Cr 2,20), e de Ooliab, referido apenas aqui e em 35,30-35 e 36,1-3.

[b] Trata-se do altar dos perfumes que se encontra no espaço central do templo, designado o *Santo*, em frente do Santo dos Santos.

[c] O volume de trabalho implícito nestes projetos de construção atraiu naturalmente o tema de guardar *os meus sábados*, aqui, em 31,13-17 e também em 31,1-3. Fica assim estabelecida uma forte vinculação entre santuário e sábado. Esta vinculação fica mais reforçada com as sete repetições da raiz *shabat* nos vv. 13-17. No v. 15, ela aparece ainda redobrada (*shabbat shabbatôn*), numa espécie de superlativo que equivale a um *descanso solene*.

deverá morrer. 16Os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando o sábado por
todas as suas gerações, como uma aliança eterna. 17Será um sinal perpétuo entre mim
e os filhos de Israel. Pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra; no sétimo dia,
porém, descansou e respirou"». 18Quando o SENHOR acabou de falar com Moisés
na montanha do Sinai, deu-lhe as duas tábuas do testemunho, as tábuas de pedra
escritas pelo dedo de Deus.

INFIDELIDADE E RENOVAÇÃO DA ALIANÇA (32,1-34,35)

32 O bezerro de ouro

1O povo viu que Moisés tardava em descer da montanha. Então o povo reu-
niu-se à volta de Aarão e disseram-lhe: «Anda! Faz-nos deuses que vão à nossa frente,
porque este Moisés, o homem que nos fez subir da terra do Egito[d], nós não sabemos
o que lhe aconteceu». 2E disse-lhes Aarão: «Arrancai os brincos de ouro das orelhas
das vossas mulheres, dos vossos filhos e das vossas filhas e trazei-mos». 3E todo o povo
arrancou os brincos de ouro que traziam nas suas orelhas e trouxeram-nos a Aarão.
4Ele tomou o ouro das suas mãos, modelou-o num molde e fez um bezerro de fun-
dição. E eles disseram: «Estes são os teus deuses[e], Israel, que te fizeram subir da terra
do Egito». 5E Aarão viu isto e construiu um altar diante do bezerro; e fez uma procla-
mação, dizendo: «Amanhã haverá festa para o SENHOR!» 6E levantaram-se cedo na
manhã seguinte e fizeram subir holocaustos e apresentaram sacrifícios de comunhão;
e o povo sentou-se para comer e beber e depois levantaram-se para se divertir[f].

Intercessão de Moisés

7Então o SENHOR falou a Moisés: «Vai! Desce, porque o teu povo, que tu fizeste
subir da terra do Egito, perverteu-se. 8Depressa se afastaram do caminho que Eu lhes
tinha ordenado! Fizeram para si um bezerro de fundição e prostraram-se diante dele.
Ofereceram-lhe sacrifícios e disseram: "Estes são os teus deuses, Israel, que te fizeram
subir da terra do Egito"». 9O SENHOR disse ainda a Moisés: «Vi este povo e eis
que é um povo de cabeça dura. 10E agora deixa-me, pois a minha cólera inflamar-se-á
contra eles e devorá-los-á. Mas de ti farei um grande povo»[g].

---

[d] A expressão *o homem que nos fez subir do Egito* representa uma perversão no sentido a atribuir ao êxodo (cf. 19,4; 20,2). A tradição bíblica afirma no credo de Israel a convicção de que foi o Senhor que fez sair Israel do Egito (12,17; 13,3.9; 16,32; 29,46). Atribuindo a iniciativa a Moisés e não a Deus, o narrador sugere que o povo está a renegar o seu Deus.

[e] *Estes são os teus deuses* é a mesma expressão usada por Jeroboão perante os dois vitelos de ouro (1Rs 12,28). E esta alusão acentua de forma mais explícita o plural utilizado. O paralelismo confirma-se ainda mais com o facto de Jeroboão ter também proclamado uma festa (1Rs 12,32-33).

[f] Este quadro pode representar as lutas que existiram ao longo da história de Israel sobre a maneira de fazer coexistir um modelo de prática religiosa condizente com a imagem de Javé e algumas tradições religiosas muito arreigadas nas culturas de Canaã (cf. Am 4,4; 5,5; 7,10-17; Os 8,5-6; 10,5; 1Rs 12,26-33).

[g] A alusão implícita seria a um recomeço do povo de Israel, à semelhança daquilo que aconteceu com Abraão (cf. Gn 12,2).

11 Então Moisés intercedeu junto do SENHOR, seu Deus, e disse: «Porquê,
SENHOR, se haveria de inflamar a tua cólera contra o teu povo, que Tu fizeste
sair da terra do Egito com grande força e mão poderosa? 12 Por que razão haveriam
os egípcios de dizer: "Foi com malvadez que os fez sair, para os fazer perecer nas
montanhas e para os fazer desaparecer da face da terra". Desiste do ardor da tua
cólera e arrepende-te do mal contra o teu povo. 13 Recorda-te de Abraão, de Isaac e
de Israel, teus servos, aos quais juraste por ti mesmo e disseste: "Multiplicarei a vossa
descendência como as estrelas do céu; e darei, como disse, toda esta terra aos vossos
descendentes; e mantê-la-ão sempre como herança"». 14 E o SENHOR arrependeu-se
do mal que tinha dito que faria ao seu povo.

Quebra das tábuas da Lei

15 Moisés voltou-se e desceu da montanha com as duas tábuas do testemunho na
sua mão, tábuas escritas dos dois lados; estavam escritas de uma parte e da outra.
16 As tábuas eram obra de Deus; a escrita era escrita de Deus gravada sobre as tábuas.
17 Josué ouviu a voz do povo a gritar e disse a Moisés: «Há gritos de guerra no acam-
pamento». 18 E este replicou: «Não é cantar de vitória; não é cantar de derrota. O
que eu ouço é um cantar alternado».
19 Quando se aproximou do acampamento e viu o bezerro e as danças, inflamou-se
a cólera de Moisés; atirou fora as tábuas e quebrou-as no sopé da montanha. 20 Pegou
no bezerro que eles tinham feito, queimou-o, triturou-o até ficar em pó e espalhou-o
na água e fê-la beber[a] aos filhos de Israel.

Diálogo com Aarão e investidura dos levitas

21 Moisés disse a Aarão: «O que é que te fez este povo, para fazeres vir sobre ele
este grande pecado?» 22 Disse Aarão: «Que não se inflame a ira do meu senhor! Tu
sabes bem que este povo tem tendência para o mal! 23 Eles disseram-me: "Faz-nos
deuses que vão à nossa frente, porque este Moisés, o homem que nos fez subir da
terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu". 24 Eu disse-lhes: "Quem tem ouro?
Arrancai-o!" E eles deram-mo; eu lancei-o no fogo e saiu este vitelo».
25 Moisés viu que o povo estava sem controlo, porque Aarão o deixou sem controlo,
para escárnio dos seus adversários. 26 Então Moisés postou-se à porta do acampamen-
to e disse: «Quem está pelo SENHOR junte-se a mim!» Juntaram-se a ele todos
os filhos de Levi. 27 E disse-lhes: «Assim fala o SENHOR, o Deus de Israel: "Cingi
cada um de vós a espada ao flanco. Passai e tornai a passar pelo acampamento, de
porta em porta, e que cada um mate o seu irmão, o seu amigo, o seu vizinho"».
28 Os filhos de Levi agiram segundo a palavra de Moisés e naquele dia caíram cerca
de três mil homens do povo. 29 Então Moisés disse: «Recebei hoje a investidura para

[a] Esta parte da reação de Moisés não consta no relato paralelo que aparece em Dt 9,21. Seja visto como um ordálio (Nm 5,11-28) ou não, há aqui a intenção de obrigar a tomar consciência do mal feito.

o SENHOR, porque cada um foi contra o seu filho e contra o seu irmão, de modo
que vos é dada hoje a bênção»[b].

Intercessão de Moisés

30No dia seguinte, Moisés disse ao povo: «Vós cometestes um grande pecado.
Agora vou subir para o SENHOR. Talvez obtenha a expiação do vosso pecado».
31Voltou, pois, Moisés junto do SENHOR e disse: «Por favor! Este povo cometeu um
grande pecado: fizeram para si deuses de ouro. 32Mas agora perdoa o seu pecado! Se
não, apaga-me, por favor, do teu livro que escreveste»[c]. 33O SENHOR respondeu a
Moisés: «Aquele que pecou contra mim, é esse que Eu apagarei do meu livro. 34Vai,
pois, e conduz o povo para o lugar que Eu te indiquei; o meu mensageiro irá à tua
frente. E no dia em que Eu pedir contas, pedir-lhes-ei contas pelo seu pecado». 35O
SENHOR castigou o povo por causa do que eles fizeram com o bezerro feito por
Aarão.

33 Deus não acompanha Israel

1O SENHOR falou a Moisés[d]: «Vai, tu e o povo que tu fizeste subir da terra
do Egito. Sobe daqui em direção à terra que jurei dar a Abraão, a Isaac e a Jacob,
dizendo: "Dá-la-ei à tua descendência". 2Eu enviarei à tua frente um mensageiro
e expulsarei o cananeu, o amorreu, o hitita, o perizeu, o heveu e o jebuseu. 3Sobe
para a terra onde corre leite e mel. Mas Eu não subirei no meio de ti, porque és um
povo de cabeça dura; não aconteça que tenha de te destruir no caminho». 4O povo
ouviu esta palavra de desgraça; entristeceram-se e não colocaram os seus adornos.
5O SENHOR disse a Moisés: «Diz aos filhos de Israel: Vós sois um povo de cabeça
dura. Se Eu subisse por um só momento no meio de ti, acabaria contigo. Retira de
ti os teus adornos e saberei o que fazer-te». 6Assim se despojaram os filhos de Israel
dos seus adornos, a partir do monte Horeb.

Tenda do encontro fora do acampamento

7Moisés pegou na tenda e estendeu-a para si[e] do lado de fora, a uma certa distância
do acampamento, e chamou-lhe tenda do encontro[f]. Quem quisesse consultar o

---

[b] O texto parece aludir a uma nova definição de investidura sacerdotal (cf. 28,41; Dn 33,9). A chacina praticada pelos Levitas (vv. 25-29) pode representar também, na sequência dos textos 19,3-8; 24,1-11 e 32,1-6, a introdução para uma nova ordem de sacerdotes escolhidos no seio do povo, prometida em 19,3-8 e realizada em 24,1-11.

[c] Podendo ser uma metáfora do registo que Deus conserva sobre os comportamentos de cada ser humano, pode também haver aqui alusão aos livros de registo que são pressupostos nos diversos recenseamentos reportados.

[d] Este c. 33 é atravessado por uma interrogação premente, já indiciada em 32,1 e mais acentuada em 32,34, interrogação de incerteza sobre se Deus continuava ou não presente no meio do povo.

[e] Ou: *para Ele*.

[f] Esta tenda de que se falou em 27,21 parece constituir uma tradição diferente da que foi referida em 25-31 e 35-40; esta é um lugar de culto sacrificial, está no meio do acampamento e é a morada de Deus (25,8; 29,44; 40,34-38).

SENHOR tinha de ir à tenda encontro, que estava fora do acampamento. 8Quando
Moisés saía para ir à tenda, todo o povo se levantava e punha-se cada um à entrada da
sua tenda, seguindo Moisés com o olhar, até que entrasse na tenda. 9No momento
em que Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e permanecia à entrada
da tenda e falava com Moisés. 10Todo o povo via a coluna de nuvem que se erguia
à entrada da tenda, todos se levantavam e se prostravam, cada um à entrada da sua
tenda. 11O SENHOR falava com Moisés face a face, como um homem fala com o seu
vizinho. Depois Moisés regressava ao acampamento, mas o seu ajudante, o jovem
Josué, filho de Nun, não se afastava do interior da tenda.

Diálogo entre Moisés e Deus

12Disse Moisés ao SENHOR: «Olha! Tu dizes-me: "Faz subir este povo"! Mas não
me deste a conhecer quem enviarias comigo. E disseste: "Eu conheço-te pelo nome;
e encontraste graça diante dos meus olhos". 13E agora, se encontrei mesmo graça
diante dos teus olhos, faz-me, por favor, conhecer o teu caminho e eu te conhecerei,
para poder encontrar graça diante dos teus olhos. E Tu repara que esta nação é o teu
povo». 14O SENHOR disse: «Eu mesmo[a] irei e te darei repouso». 15Moisés respon-
deu: «Se Tu mesmo não vieres[b], não nos faças subir daqui. 16Como se saberá então
que encontrei graça diante dos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, por
caminhares connosco que eu e o teu povo somos reconhecidos como diferentes por
todas as nações à face da terra?»

17Então o SENHOR disse a Moisés: «Também realizarei essa palavra que disseste,
porque encontraste graça diante dos meus olhos e te conheço pelo nome». 18Moisés
disse: «Mostra-me, por favor, a tua glória»[c]. 19E Ele respondeu: «Farei passar diante
de ti toda a minha bondade e proclamarei o nome de SENHOR diante de ti. Eu
concedo graça a quem decido conceder graça e tenho compaixão de quem decido ter
compaixão». 20E acrescentou: «Tu não poderás ver o meu rosto, porque nenhum
homem pode ver-me e permanecer vivo». 21O SENHOR disse ainda: «Aqui está um
lugar junto de mim. Tu estarás de pé sobre o rochedo. 22E acontecerá que, quando
passar a minha glória, colocar-te-ei na cavidade do rochedo e cobrir-te-ei com a
palma da minha mão até que Eu tenha passado. 23Depois retirarei a palma da minha
mão e tu ver-me-ás de costas. Porém, o meu rosto, não o poderão ver».

34 Novas tábuas da Lei

1O SENHOR disse a Moisés: «Talha para ti duas tábuas de pedra como as
primeiras. Eu escreverei nessas tábuas as palavras que estavam nas primeiras tábuas,

[a] Lit.: *A minha face irá…*
[b] Lit.: *Se a tua face não vier…*
[c] Há inteira correspondência entre *a face* (vv. 14.15), *a glória* (v. 18), *a bondade* (v. 19) e *o nome de Senhor* (v. 19). Neste v. e em 34,5-6, temos as únicas vezes em que, na Bíblia, Deus aparece como sujeito do verbo "proclamar".

que tu quebraste. [2]Prepara-te para amanhã de manhã; e ao amanhecer subirás à
montanha do Sinai. Permanece ali à minha espera no cimo da montanha. [3]Não
subirá ninguém contigo e que não se veja ninguém em toda a montanha; nem sequer
ovelhas ou bois pastarão diante daquela montanha».
[4]Moisés talhou duas tábuas de pedra como as primeiras; levantou-se cedo, de
madrugada, e subiu à montanha do Sinai, como o SENHOR lhe tinha ordenado; e
levou na sua mão as duas tábuas de pedra.
[5]O SENHOR desceu na nuvem e apresentou-se ali junto dele e proclamou[d] o
nome do SENHOR. [6]O SENHOR passou diante dele e proclamou: «O SENHOR!
O SENHOR, Deus compassivo e generoso, paciente para a ira e rico em misericór-
dia e fidelidade, [7]que mantém misericórdia por mil gerações, que perdoa a culpa,
a transgressão e o pecado, que não deixa impune, mas castiga a culpa dos pais nos
filhos e nos filhos dos filhos até à terceira e quarta geração!» [8]De imediato, Moisés
inclinou-se até ao chão e prostrou-se. [9]E disse: «Se é verdade que encontrei graça
diante dos teus olhos, meu Senhor, que o meu Senhor se digne caminhar no meio
de nós, porque este é um povo de cabeça dura. Mas perdoa a nossa culpa e o nosso
pecado e faz de nós a tua herança».

Renovação da aliança

[10]E Deus disse: «Eis que Eu vou fazer uma aliança na presença de todo o teu povo:
farei maravilhas que nunca foram criadas em toda a terra e entre todos os povos.
Todo o povo no meio do qual te encontras verá a obra do SENHOR, porque é
impressionante o que Eu vou fazer contigo. [11]Guarda bem aquilo que hoje te orde-
no. Vou expulsar da tua frente o amorreu, o cananeu, o hitita, o perizeu, o heveu e
o jebuseu. [12]Guarda-te de fazer aliança com os habitantes da terra aonde vais entrar,
para que isso não se torne uma armadilha no meio de ti. [13]Pelo contrário, destruireis
os seus altares, fareis em pedaços as suas estelas[e] e cortareis os seus troncos sagrados[f].
[14]E assim, tu não te prostrarás diante de outro deus, porque o nome do SENHOR
é Ciumento: Ele é um Deus ciumento[g]. [15]Não farás aliança com os habitantes da
terra, porque quando eles se prostituírem, indo atrás dos seus deuses, e oferecerem

[d] O texto hebraico permite considerar que o sujeito do verbo *proclamar* nos vv. 5-6 possa ser Deus ou, em alternativa, Moisés. Entretanto, o texto análogo de 33,19 parece dar mais probabilidade à primeira hipótese; e assim o entende uma grande parte dos intérpretes. E neste sentido esta passagem seria uma auto-proclamação de Deus. Se o sujeito do verbo *proclamar* for Moisés, então seria uma espécie de teofania na qual caberia a Moisés a função de cerimoniário ou de profeta-apresentador.

[e] As *estelas* são monumentos em pedra que podem lembrar um compromisso (Gn 31,51-52; Ex 24,4; Js 24,26-27), a memória de um defunto (Gn 35,20; 2Sm 18,18) ou de uma especial presença de Deus (Gn 28,18). Espalhadas por Canaã como expressão de práticas cultuais, elas foram vistas como um perigo de idolatria (Lv 26,1).

[f] Os *troncos sagrados* eram monumentos em madeira dedicados à deusa Achera (1Rs 15,13), associada aos cultos de fertilidade (Dt 16,21; Jz 6,25-32).

[g] *Ciumento* parece ser uma designação de Deus conhecida na região de Madian, no noroeste da Arábia, em tempos antigos. E é para aí que apontam as hipóteses de localização do Sinai ou Horeb. E ali parecem estar as origens do nome *yahweh,* isto é, Javé (Dt 33,2; Jz 5,4; Hab 3,3; Sl 68,18; cf. Is 63,1).

sacrifícios aos seus deuses, algum deles iria convidar-te e comerias do seu sacrifício;
16 e de entre as suas filhas tomarias esposas para os teus filhos. E as suas filhas, ao
prostituírem-se indo atrás dos deuses delas, levariam os teus filhos a prostituírem-se
indo atrás desses deuses.
17 Não farás para ti deuses em metal de fundição. 18 Guardarás a festa dos Ázimos.
Como te ordenei, comerás pães sem fermento durante sete dias, no tempo determi-
nado do mês de Abib, porque foi no mês de Abib que saíste do Egito.
19 Todo aquele que for o primeiro a sair do ventre materno pertence-me; e também
todos os machos entre as primeiras crias do teu gado, quer graúdo quer miúdo.
20 Mas o primogénito do jumento, resgatá-lo-ás com um cordeiro; se não o resgatares,
quebrar-lhe-ás a nuca. Resgatarás todo o primogénito dos teus filhos. E ninguém se
apresentará diante de mim de mãos vazias.
21 Trabalharás durante seis dias, mas descansarás no sétimo; mesmo no tempo da
lavra e da ceifa, deves descansar. 22 Celebrarás a festa das Semanas, das primícias da
ceifa do trigo, e também a festa da Colheita, no final do ano[a]. 23 Três vezes no ano,
todos os teus indivíduos do sexo masculino se apresentarão diante do Senhor, o
SENHOR, Deus de Israel. 24 Porque Eu expulsarei diante de ti os povos e alargarei as
tuas fronteiras e ninguém cobiçará a tua terra, quando subires para te apresentares,
três vezes no ano, diante do SENHOR, teu Deus. 25 Não deves escorrer o sangue[b]
do meu sacrifício sobre pão fermentado; e a vítima do sacrifício da festa da Páscoa
não passará a noite até de manhã. 26 Levarás à casa do SENHOR, teu Deus, o melhor
das primícias do teu solo cultivado. Não cozerás um cabrito no leite da sua mãe».
27 O SENHOR disse a Moisés: «Põe por escrito estas palavras, pois é com base nelas
que Eu estabeleço aliança contigo e com Israel». 28 Moisés permaneceu ali com o
SENHOR quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão nem bebeu água. E
escreveu nas tábuas as palavras da aliança, as Dez Palavras[c].

Moisés desce da montanha

29 E aconteceu que Moisés desceu da montanha do Sinai com as duas tábuas do
testemunho na mão; e enquanto descia a montanha, Moisés não sabia que da pele
do seu rosto saíam raios de luz[d] por ter falado com Deus[e]. 30 Aarão e todos os filhos

[a] Cf. 23,16, onde a festa das Semanas recebe o nome de festa da Ceifa. Sobre o significado da festa das Semanas e da festa da Colheita, cf. 23,14.
[b] Lit.: *não imolarás o sangue.*
[c] Os vv. 27-28 ligam a redação de Ex 34,10-28 ao livro da aliança (v. 27) e ao Decálogo (v. 28). A expressão *estas palavras*, no v. 27, referem-se aos mandamentos (vv. 11-26), que definem o fundamento sobre o qual Deus conclui a aliança com Moisés e com Israel, mas liga-se também com a mesma expressão em 24,8, referente ao livro da aliança, sobre cujas palavras assenta a aliança. A expressão *Dez Palavras* deu origem à palavra Decálogo.
[d] Para *raio de luz* usa-se em hebraico *qeren*, termo que tem outros significados, como chifre ou haste do altar. A ligação lexical que aqui se verifica entre raio de luz e chifre, que se manteve nas traduções, levou a que Moisés fosse representado com chifres, por exemplo, na célebre estátua de Miguel Ângelo.
[e] Lit.: *com Ele.*

de Israel viram chegar Moisés e viram que da pele do seu rosto saíam raios e tiveram
medo de se aproximar dele. 31Então Moisés chamou-os; Aarão e todos os chefes da
comunidade voltaram para ele e Moisés falou com eles.
32Depois disto, todos os filhos de Israel se aproximaram e ordenou-lhes tudo o
que o SENHOR falou com ele sobre a montanha do Sinai. 33Quando acabou de lhes
falar, Moisés pôs um véu sobre o seu rosto. 34Mas quando se apresentava diante do
SENHOR para falar com Ele, Moisés retirava o véu até à sua saída. Saía então e dizia
aos filhos de Israel o que lhe tinha sido ordenado. 35Os filhos de Israel viam o rosto
de Moisés; e da pele do rosto de Moisés saíam raios. Então Moisés voltava a colocar
o véu sobre o seu rosto até entrar novamente para falar com Deus.

CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO (35,1-40,38)

35 A observância do sábado

1Moisés reuniu toda a comunidade dos filhos de Israel e disse-lhes[f]: «Eis o
que o SENHOR mandou fazer. 2Durante seis dias, trabalharás; mas o sétimo dia[g]
será santo para vós; é de repouso absoluto em honra do SENHOR. Quem nele fizer
qualquer trabalho será morto. 3Em dia de sábado, não deveis acender o lume em
nenhum lugar onde habitardes».

Oferenda para a morada

4Moisés disse a toda a comunidade dos filhos de Israel: «Esta é a declaração que
o SENHOR mandou dizer: 5"Recolhei entre vós uma oferenda de tributo para o
SENHOR. Todos aqueles que se sentirem movidos no seu coração tragam como
oferenda de tributo ao SENHOR: ouro, prata e bronze; 6púrpura violeta, escarlate
e carmesim, linho fino e pêlo de cabra; 7peles de carneiro tingidas de vermelho, peles
finas e madeira de acácia; 8azeite para o lampadário, bálsamos para o óleo da unção
e para o incenso aromático; 9pedras de berilo e pedras de engaste para a insígnia e
o peitoral". 10E todos aqueles que entre vós tiverem um coração sábio virão e farão
tudo o que o SENHOR ordenou: 11a morada com a sua tenda, a sua cobertura, os
seus colchetes, as suas placas, as suas travessas, as suas colunas e as suas bases; 12a arca
e os seus varais, o propiciatório e o véu do cortinado; 13a mesa, os seus varais com

[f] Os cc. 35-40 tratam da construção do santuário tal como foi descrito em 25-31. Todo o conjunto do processo aqui desenvolvido consta de: 1) mandamento sobre o sábado (35,1-3); 2) construção do santuário e seus equipamentos (35,4-38,31); 3) preparação das vestes (39,1-31); 4) inspeção dos trabalhos (39,32-43); 5) assembleia de Ano Novo (40,1-33); 6) teofania da glória de Deus no santuário (40,34-38).

[g] Santuário e sábado andam associados. O sábado aparece no início da construção (35,1-3), e em 31,13-17, no final das instruções para a construção. Foi referido em Ex 16, na história do maná; aparece no Decálogo (Ex 20,8-11). As instruções para a construção do santuário concluem-se com a pena de morte para os não cumpridores (Ex 31,12-17). Ao iniciar-se a construção do santuário, alargam-se as obrigações à proibição de acender o lume (Ex 35,1-3), norma que foi ampliada em Nm 15,32-36 para incluir também a proibição de apanhar lenha ao sábado.

todos os seus utensílios e os pães da oferenda; [14]o candelabro do lampadário com os seus utensílios, as suas lâmpadas e o azeite para o lampadário; [15]o altar do incenso com os seus varais, o óleo da unção, o incenso aromático, a cortina da porta à entrada da morada; [16]o altar do holocausto com a sua grelha de bronze, os seus varais, todos os seus utensílios e a bacia com a sua base; [17]as cortinas do átrio, as suas colunas e as suas bases e o cortinado da porta do átrio; [18]as estacas da morada, as estacas do átrio e as suas cordas; [19]as vestes cerimoniais para oficiar no santuário, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e as vestes dos seus filhos para exercerem o sacerdócio».

[20]Depois, todos os da comunidade dos filhos de Israel se retiraram da presença de Moisés. [21]Então todos os que se sentiam movidos no seu coração e todos os que estavam animados no seu espírito vieram trazer a oferenda de tributo ao SENHOR para os trabalhos da tenda do encontro, para todo o seu serviço e para as vestes sagradas. [22]Vieram os homens junto com as mulheres. Todos os que se sentiram motivados de coração trouxeram alfinetes, brincos, anéis, colares, toda a espécie de objetos de ouro que cada um oferecia ao SENHOR com o ritual de elevação. [23]Todos os que tinham consigo púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim, linho fino, pêlo de cabra, peles de carneiro tingidas de vermelho e peles finas trouxeram-nas. [24]Todos os que queriam apresentar em tributo uma oferenda de prata ou de bronze trouxeram esse tributo ao SENHOR. Todos os que tinham consigo madeira de acácia, útil para qualquer tarefa de construção, trouxeram-na. [25]Todas as mulheres de coração sábio fiaram com as suas próprias mãos e trouxeram o que tinham fiado: púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino. [26]Todas as mulheres que se sentiam movidas pela sabedoria no seu coração fiaram o pêlo de cabra. [27]Os chefes trouxeram pedras de berilo e pedras de engaste para a insígnia e o peitoral; [28]e trouxeram ainda bálsamo e azeite para o lampadário, para o óleo da unção e para o incenso aromático. [29]Todos os homens e mulheres que sentiam o seu coração movido para trazer alguma coisa para qualquer tarefa, das que o SENHOR, por meio de Moisés, tinha mandado fazer, trouxeram-na; era uma oferta voluntária dos filhos de Israel para o SENHOR.

Artífices da obra

[30]Disse então Moisés aos filhos de Israel: «Vede! O SENHOR chamou pelo nome Beçalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. [31]Encheu-o do espírito de Deus, que lhe deu sabedoria, discernimento e ciência para todas as tarefas: [32]para fazer projetos e para os realizar em ouro, em prata e em bronze [33]e em escultura de pedra, para engastar em escultura de madeira e para realizar todas as tarefas projetadas. [34]E colocou o dom de instruir no seu coração, no coração dele e no de Ooliab, filho de Aisamac, da tribo de Dan. [35]Encheu-os de sabedoria de coração para realizarem todas as tarefas da escultura e do desenho, do bordado em púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino, bem como da tecelagem; tornou-os capazes de realizar qualquer tarefa e de idealizar qualquer projeto».

36 Suspensão das oferendas

1 Beçalel fez, junto com Ooliab e todos os homens de coração sábio, a quem
o SENHOR deu sabedoria e discernimento para saberem fazer todas as tarefas de
construção do santuário, seguindo tudo o que SENHOR ordenou. 2 Então Moisés
chamou Beçalel, Ooliab e todos os homens de coração sábio, a quem o SENHOR
tinha concedido sabedoria de coração, todos os que se sentiam movidos no seu
coração a abraçar aquela tarefa para a executar. 3 E eles receberam da parte de Moisés
todas as oferendas de tributo que os filhos de Israel tinham trazido para a obra de
construção do santuário. E, manhã após manhã, continuavam a trazer-lhe oferen-
das voluntárias. 4 Vieram então todos os sábios que realizavam todas as tarefas do
santuário, cada um segundo a tarefa que fazia, 5 e disseram a Moisés: «O povo tem
trazido muito mais do que é preciso para realizar a tarefa que o SENHOR mandou
fazer». 6 Moisés deu então esta ordem e passaram palavra pelo acampamento, dizen-
do: «Que ninguém, nem homem nem mulher, faça mais ofertas de tributo para o
santuário». E o povo parou e não trouxe mais coisas. 7 O material era suficiente para
fazerem todas as tarefas e ainda sobrava.

Telas da morada

8 E todos os sábios de coração que se dedicavam a realizar a tarefa fizeram a mora-
da. Fizeram dez telas de linho fino retorcido, púrpura violeta, púrpura escarlate e
carmesim, com querubins bordados, obra de artesão. 9 Cada tela tinha vinte e oito
côvados de comprimento e quatro côvados de largura. Todas as telas tinham as
mesmas dimensões. 10 Uniu cinco telas uma à outra; e as outras cinco telas, uniu-as
igualmente uma à outra. 11 Fez laços de púrpura violeta na orla da primeira tela, na
extremidade do conjunto; e fez o mesmo na orla da última tela, na outra extremidade
do segundo conjunto. 12 Fez cinquenta laços para a primeira tela e outros cinquenta
laços para a extremidade da tela do segundo conjunto. Os laços correspondiam-se
entre si. 13 Fez cinquenta colchetes de ouro e uniu as telas uma à outra com os col-
chetes. E assim a morada formou um todo único.

14 Depois, fez telas de pêlo de cabra para a tenda que está sobre a morada. Fez
onze telas. 15 Cada tela tinha trinta côvados de comprimento e quatro côvados de
largura. As onze telas tinham a mesma medida. 16 Uniu cinco telas de um lado e seis
telas do outro. 17 Fez cinquenta laços na orla da tela que estava na extremidade do
conjunto; e fez outros cinquenta laços na orla da tela do segundo conjunto. 18 Fez
cinquenta colchetes de bronze para unir a tenda, que assim forma um todo único.
19 Fez depois para a tenda uma cobertura de peles de carneiro tingidas de vermelho
e uma cobertura de peles finas por cima.

Armação da morada

20 Para a morada fez placas de madeira de acácia, colocadas em posição vertical.
21 Cada placa tinha dez côvados de comprimento e um côvado e meio de largura.

22Cada placa tinha dois encaixes apoiados um no outro. E assim fez para todas as
placas da morada. 23Das placas que fez para a morada, vinte placas eram para o lado
do Négueb, para sul. 24Fez também quarenta bases de prata debaixo das vinte pla-
cas: duas bases debaixo de uma placa, para os seus dois encaixes, e outras duas bases
debaixo da outra placa, para os seus dois encaixes. 25Para o outro lado da morada,
voltado para norte, fez vinte placas 26com as suas quarenta bases de prata, duas bases
debaixo de uma placa e outras duas bases debaixo de outra placa. 27E para o fundo
da morada, do lado do mar, fez seis placas.
28Fez também duas placas para os cantos da morada, ao fundo. 29Elas estavam
unidas pela parte de baixo e estavam unidas até à parte de cima, à altura da primeira
argola; assim se fez com as duas placas, para os dois cantos. 30Eram, pois, oito placas,
com as suas bases de prata, dezasseis bases, portanto: duas bases debaixo de uma placa
e duas debaixo da outra placa.
31Fez travessas de madeira de acácia: cinco para as placas de um lado da morada,
32cinco travessas para as placas do outro lado da morada e ainda cinco travessas para
as placas que ficavam ao fundo da morada, do lado do mar. 33Fez também a travessa
central, que passava no meio das placas de uma extremidade à outra. 34Revestiu de
ouro as placas e de ouro fez igualmente as suas argolas, pelas quais passam as trave-
sas; e revestiu de ouro também as travessas.
35Fez também um véu de púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho
fino retorcido, obra de artesão, com figuras de querubins. 36Para ele fez quatro colu-
nas de madeira de acácia e revestiu-as de ouro, com os seus ganchos de ouro; e fundiu
para elas quatro bases de prata.
37E, para a entrada da tenda, fez igualmente um cortinado de púrpura violeta,
púrpura escarlate e carmesim e linho fino retorcido, trabalho de bordador, 38e as
suas cinco colunas com os seus ganchos. Revestiu de ouro os seus capitéis e as suas
varas; as suas cinco bases eram de bronze.

37 Arca, propiciatório e querubins

1Beçalel fez a arca de madeira de acácia com dois côvados e meio de com-
primento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura. 2Reves-
tiu-a de ouro puro, por dentro e por fora, e fez para ela um rebordo de ouro ao
redor. 3E fundiu para ela quatro argolas de ouro para os seus quatro pés: duas
argolas para um lado e duas argolas para o outro. 4Fez varais de madeira de acácia
e revestiu-os de ouro. 5Introduziu os varais nas argolas sobre os lados da arca para
a transportar.
6Fez o propiciatório de ouro puro com dois côvados e meio de comprimento e um
côvado e meio de largura. 7Fez dois querubins de ouro martelado; e fê-los nas duas
extremidades do propiciatório, 8um querubim numa extremidade e outro querubim
na outra extremidade; fez assim os querubins nas duas extremidades do propicia-
tório. 9Os querubins tinham as asas estendidas para cima e protegiam com as suas

asas o propiciatório. Estavam de frente um para o outro e as faces dos querubins estavam voltadas para o propiciatório.

Mesa da oferenda

10 Fez a mesa de madeira de acácia com dois côvados de comprimento, um côvado
de largura e um côvado e meio de altura. 11 Revestiu-a de ouro puro e fez para ela
um rebordo de ouro em redor. 12 Fez em seu redor um caixilho de um palmo e
em redor do caixilho fez um rebordo de ouro. 13 E fundiu para ela quatro argolas
de ouro e pôs as argolas nos quatro cantos, que eram os seus quatro pés. 14 Junto
do caixilho estavam as argolas e serviam para ali introduzir os varais, de modo a
transportar a mesa. 15 Fez os varais de madeira de acácia para transportar a mesa
e revestiu-os de ouro. 16 Fez também os utensílios que ficavam em cima da mesa:
os seus pratos, as suas colheres, as suas taças, as jarras para as libações. Tudo de
ouro puro.

Candelabro

17 Fez o candelabro de ouro puro. Foi de ouro martelado que fez o candelabro,
a sua base e o seu braço, os seus cálices, as suas corolas e as suas flores, formando
com ele uma só peça. 18 Seis braços saíam dos seus lados: três braços de um lado do
candelabro e três braços do outro lado.
19 Havia três cálices como flores de amendoeira sobre cada um dos braços, com
corolas e flores; e três cálices como flores de amendoeira sobre os outros braços, com
corolas e flores. E assim era para os seis braços que saíam do candelabro.
20 O candelabro tinha quatro cálices como flores de amendoeira, com as suas coro-
las e as suas flores: 21 uma corola debaixo de dois dos seus braços, outra corola debaixo
de dois dos seus braços e outra corola debaixo de outros dois dos seus braços. E
assim era para os seis braços que saem do candelabro. 22 As suas corolas e os seus
braços formavam um todo maciço de ouro puro. 23 Fez as suas sete lâmpadas, as suas
tenazes e os seus cinzeiros, tudo de ouro puro. 24 Com um talento de ouro puro fez
o candelabro e todos os seus utensílios.

Altar do incenso e óleo da unção

25 Fez também o altar do incenso de madeira de acácia. Tinha um côvado de com-
primento e um côvado de largura; era quadrado e tinha dois côvados de altura e
as suas hastes faziam com ele uma só peça. 26 Revestiu-o de ouro puro, a sua parte
superior, os seus lados ao redor e as suas hastes; e fez para ele um rebordo de ouro
ao redor. 27 Fez para ele ainda duas argolas de ouro debaixo do rebordo, de ambos
os lados, de modo a inserir os varais para o transportar com eles. 28 Fez os varais de
madeira de acácia e revestiu-os de ouro. 29 E fez ainda o óleo da unção sagrada e o
incenso aromático, como pura obra de perfumista.

38 Altar dos holocaustos

1 Fez o altar dos holocaustos de madeira de acácia. Tinha cinco côvados de
comprimento e cinco côvados de largura; era quadrado e tinha três côvados de altu-
ra. 2 Fez as suas hastes sobre os seus quatro cantos. As suas hastes faziam uma só peça
com ele; e revestiu-o de bronze. 3 Fez todos os utensílios do altar: os recipientes,
as pás, as bacias para libação, os garfos e os braseiros. Fez todos os seus utensílios
em bronze. 4 E fez uma grelha de bronze para o altar em forma de rede e colocou-a
debaixo da cornija do altar, na parte inferior, até meia altura. 5 Fundiu quatro argolas
nas quatro extremidades da grelha de bronze, como espaço para os varais. 6 Fez os
varais de madeira de acácia e revestiu-os de bronze. 7 Mandou introduzir os varais nas
argolas, aos lados do altar, para o transportar com eles. Fez o altar de tábuas, oco por
dentro. 8 Fez a bacia em bronze e a sua base em bronze, aproveitando os espelhos das
mulheres que prestavam serviço à entrada da tenda do encontro[a].

Átrio

9 Fez também o átrio. Do lado do Négueb, a sul, o átrio tinha cortinas de linho
fino retorcido com cem côvados de comprimento. 10 As suas colunas eram vinte; e
vinte eram também as suas bases, tudo em bronze. Os ganchos das colunas e as suas
varas eram de prata. 11 E do lado norte, cem côvados, com as suas vinte colunas e as
suas vinte bases de bronze. Os ganchos das colunas e as suas varas eram de prata. 12 E
do lado do mar, cinquenta côvados de cortinas, com as suas dez colunas e as suas
dez bases. Os ganchos das colunas e as suas varas eram de prata. 13 Do lado leste, a
oriente, cinquenta côvados, 14 quinze côvados de cortinas sobre um lado, com as suas
três colunas e as suas três bases, 15 e do outro lado, de um lado e do outro da porta
do átrio, havia cortinas com quinze côvados, com as suas três colunas e as suas três
bases. 16 Todas as cortinas ao redor do átrio eram de linho fino retorcido. 17 As bases
das colunas eram de bronze; os ganchos das colunas e as suas varas eram de prata;
os seus capitéis eram revestidos de prata. Todas as colunas do átrio estavam unidas
por varas de prata.

Cortinado da porta

18 O cortinado da porta do átrio, obra de bordador, era de púrpura violeta, púrpura
escarlate e carmesim e linho fino retorcido. Tinha vinte côvados de comprimento;
e a sua altura era de cinco côvados, em toda a largura, correspondendo às cortinas
do átrio. 19 As quatro colunas e as suas quatro bases eram de bronze, os seus ganchos
eram de prata, os seus capitéis e as suas varas eram revestidos de prata. 20 Todas as
estacas da morada, e ao redor do átrio, eram de bronze.

---

[a] A referência aos espelhos de bronze polido, oferta das mulheres para a construção da bacia de bronze e da sua base (38,8), não constava no lugar paralelo de 30,17-21, onde também não se falava como aqui de mulheres a prestar serviço à entrada da tenda. Com este acrescento, o texto sublinha que as mulheres também participaram na obra.

Relatório final

21 Estas são as contas da morada, a morada do testemunho, estabelecidas por ordem
de Moisés, trabalho dos levitas dirigidos por Itamar, filho do sacerdote Aarão.
22 Beçalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, fez tudo o que o SENHOR
ordenou a Moisés; 23 e com ele também Ooliab, filho de Aisamac, da tribo de Dan,
entalhador, projetista e bordador de púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim
e linho fino.
24 O total do ouro trabalhado na execução da tarefa, considerando todas as tarefas
do santuário, ouro proveniente das oferendas de elevação, foi de vinte e nove talentos
e setecentos e trinta siclos, segundo o valor do siclo do santuário[b].
25 A prata proveniente do recenseamento da comunidade contabilizou cem talen-
tos e mil setecentos e setenta e cinco siclos, pelo siclo do santuário: 26 meio siclo por
cabeça, segundo o siclo do santuário, por todos os que passaram pelo recensea-
mento, de vinte anos para cima, em número de seiscentos e três mil, quinhentos
e cinquenta. 27 Foram cem talentos de prata para fundir as bases do santuário e as
bases do véu; para as cem bases, cem talentos: um talento para cada base. 28 Com os
mil setecentos e setenta e cinco siclos fez os ganchos para as colunas, revestiu os seus
capitéis e colocou as varas.
29 O bronze proveniente das ofertas apresentadas com o ritual de elevação foi de
setenta talentos e dois mil e quatrocentos siclos. 30 Com ele fez as bases da entrada da
tenda do encontro, o altar de bronze e a sua grelha de bronze e todos os utensílios do
altar 31 e ainda as bases em redor do átrio, as bases da porta do átrio, todas as estacas
da morada e todas as estacas em redor do átrio.

39 Vestes de Aarão e dos sacerdotes

1 Com a púrpura violeta e a púrpura escarlate e carmesim fizeram as vestes
cerimoniais para oficiar no santuário e fizeram também as vestes sagradas para Aarão,
como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. 2 E fez a insígnia de ouro, púrpura vio-
leta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino retorcido. 3 Laminaram o ouro em
placas finas e cortaram-nas em tiras, para as entrelaçar com a púrpura violeta, com a
púrpura escarlate e carmesim e com o linho fino, obra de artesão. 4 Fizeram ombreiras
ligadas a ele; e foram fixadas às suas duas extremidades.
5 O cordão que está sobre a insígnia, fazendo corpo com ela, foi como ela trabalha-
do em ouro, púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino retorcido,
como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. 6 Fizeram as pedras de berilo, engastadas
em ouro, gravadas à semelhança da incisão de um selo, com os nomes dos filhos de
Israel. 7 Colocaram-nas sobre as ombreiras da insígnia, como pedras de memorial
para os filhos de Israel, tal como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

[b] Sobre a *oferenda de elevação,* cf. 29,24. Sobre *talento, siclo* e *siclo do santuário,* cf. 30,13.

[8]Fizeram o peitoral, obra de artesão, do mesmo modo que a insígnia, de ouro,
púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino retorcido[a]. [9]Era quadrado.
Fizeram, pois, o peitoral dobrado, com um palmo de comprimento e um palmo de
largura, dobrado. [10]Encheram-no com quatro fiadas de pedras. Numa fiada: corna-
lina, topázio e esmeralda; [11]na segunda fiada: calcedónia, safira e jaspe; [12]na terceira
fiada: jacinto, ágata e ametista; [13]na quarta fiada: crisólito, berilo e ónix. Eram guar-
necidas de ouro nos seus engastes. [14]As pedras correspondiam aos nomes dos filhos
de Israel. Eram doze, com os seus nomes gravados como um selo, cada pedra com o
nome de uma das doze tribos. [15]Para o peitoral fizeram correntes de ouro puro, entre-
laçadas em forma de cordão. [16]Fizeram dois engastes de ouro e duas argolas de ouro e
colocaram as duas argolas de ouro nas duas extremidades do peitoral. [17]Colocaram as
duas correntes de ouro nas duas argolas, nas extremidades do peitoral. [18]Colocaram as
duas extremidades das duas correntes nos dois engastes e fixaram-nas nas ombreiras
da insígnia, na sua parte anterior. [19]Fizeram duas argolas de ouro e colocaram-nas nas
duas extremidades do peitoral, na orla interior do lado da insígnia. [20]Fizeram outras
duas argolas de ouro e colocaram-nas sobre as duas ombreiras da insígnia, em baixo,
no lado anterior, perto da sua ligação, por cima da cintura da insígnia. [21]Ligaram o
peitoral com as suas argolas às argolas da insígnia, com um cordão de púrpura violeta,
para o ligar à cintura da insígnia, de modo que o peitoral não se desprendesse de cima
da insígnia, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

[22]Fez o manto da insígnia, todo de púrpura violeta, obra de tecelão. [23]Ao meio
dele havia uma abertura, que era como a abertura de uma couraça; ao redor da aber-
tura havia uma orla, para que não se rompesse. [24]Na orla do manto fizeram romãs
de púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim e linho fino retorcido. [25]Fizeram
campainhas de ouro puro e colocaram as campainhas entre as romãs, ao redor da orla
do manto, no meio das romãs. [26]Era uma campainha e uma romã, uma campainha
e uma romã, ao redor da orla do manto, para oficiar, tal como o SENHOR tinha
ordenado a Moisés.

[27]Fizeram as túnicas de linho fino, como obra de tecelão, para Aarão e para os seus
filhos. [28]Fizeram também o turbante de linho fino, os ornamentos dos barretes de
linho fino e os calções de linho fino retorcido, [29]bem como a faixa de linho fino retor-
cido, púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim, obra de bordador, tal como o
SENHOR tinha ordenado a Moisés.

[30]Fizeram a flor do diadema[b] sagrado de ouro puro. Como sobre um selo, gravaram
nele a inscrição: "Santo para o SENHOR". [31]Colocaram nele um fio de púrpura violeta
para o fixar sobre a parte frontal do turbante, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

[a] Omitindo a referência ao termo "julgamento" na expressão "peitoral do julgamento" (cf. 28,15.29.30), é normal que também não se refiram aqui os dados *urim* e *tumim*, instrumentos de julgamento e oráculo normalmente guardados na bolsa do peitoral.

[b] Em 28,36 diz-se apenas *flor*; sobre ela está gravada a incisão Santo para o Senhor; em 29,6, a *flor* é substituída pelo *diadema*; em 39,30 temos a expressão cumulativa de *flor do diadema*, associando ambas as designações, flor e diadema, como acontece em Lv 8,9.

Apresentação da obra a Moisés

32 Assim foi concluído todo o trabalho da morada da tenda do encontro. Os filhos
de Israel fizeram tudo como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. Assim mesmo o
fizeram. 33 Apresentaram então a Moisés a morada, a tenda e todos os seus utensílios:
os seus colchetes, as suas placas de madeira, as suas travessas, as suas colunas e as suas
bases; 34 a cobertura de peles de carneiro tingidas de vermelho, a cobertura de peles
finas e o véu do cortinado; 35 a arca do testemunho, os seus varais e o propiciatório;
36 a mesa, todos os seus utensílios e os pães da oferenda; 37 o candelabro de ouro puro
com as suas lâmpadas na devida ordem, todos os seus utensílios e o azeite para o lam-
padário; 38 o altar de ouro, o óleo da unção, o incenso aromático e o cortinado para
a entrada da tenda; 39 o altar de bronze, com a sua grelha de bronze, os seus varais, e
todos os seus utensílios, a bacia e a sua base; 40 as cortinas do átrio, as suas colunas,
as suas bases, o cortinado para a porta do átrio, as suas cordas, as suas estacas e todos
os utensílios de serviço da morada para a tenda do encontro; 41 as vestes cerimoniais
para oficiar no santuário, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e as vestes dos
seus filhos para exercerem o sacerdócio.

42 Os filhos de Israel fizeram todo o trabalho como o SENHOR ordenou a Moisés.
43 E Moisés viu toda a obra e eis que a tinham feito tal como o SENHOR tinha orde-
nado. Assim mesmo o fizeram. E então Moisés abençoou-os.

40 Moisés ergue a morada

1 O SENHOR falou então a Moisés, dizendo: 2 «No primeiro dia do primeiro
mês, erguerás a morada da tenda do encontro. 3 Colocarás ali a arca do testemunho
e encobrirás a frente da arca com um véu[c]. 4 Farás vir a mesa e cuidarás da sua pre-
paração; farás vir o candelabro e erguerás[d] as suas lâmpadas. 5 Colocarás o altar de
ouro para o incenso diante da arca do testemunho e colocarás o cortinado à entrada
da morada. 6 Colocarás o altar do holocausto diante da entrada da morada da tenda
do encontro. 7 Colocarás a bacia entre a tenda do encontro e o altar e nela colocarás
água. 8 Instalarás o átrio ao redor e colocarás o cortinado da porta do átrio. 9 Tomarás
o óleo da unção e ungirás a morada e tudo o que nela estiver; consagrá-la-ás, a ela e a
todos os seus utensílios; e será santa. 10 Ungirás o altar do holocausto e todos os seus
utensílios; consagrarás o altar e o altar será santíssimo. 11 Ungirás a bacia com a sua
base e consagrá-la-ás. 12 Farás com que Aarão e os seus filhos se aproximem da entrada
da tenda do encontro e lavá-los-ás na água. 13 Revestirás Aarão com as vestes sagradas,
ungi-lo-ás e consagrá-lo-ás, de modo a exercer para mim o sacerdócio. 14 Farás apro-
ximar os seus filhos e revesti-los-ás com túnicas. 15 Ungi-los-ás como ungiste o seu

[c] O véu separa e encobre o Santo dos Santos, que é o lugar onde está a arca. Do mesmo verbo "abrigar" (*sakak*), deriva *sukkah*, o abrigo, que dá nome à festa das Tendas (*sukkôt*). Deriva também *masak*, cortinado, que serve como porta de entrada.

[d] Ou: *acenderás*, como que espevitando o pavio.

pai, de modo que possam exercer o sacerdócio para mim. E a unção que vão receber será para eles um sacerdócio perpétuo, de geração em geração».

16Moisés fez tudo como o SENHOR lhe tinha ordenado. Assim mesmo o fez. 17A morada foi levantada no segundo ano, no primeiro dia do primeiro mês[a]. 18Moisés levantou[b] a morada: assentou as suas bases, colocou as suas placas, pôs as suas travessas e levantou as suas colunas. 19Estendeu então a tenda sobre a morada e dispôs por cima a cobertura da tenda, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

20Tomou então o testemunho e colocou-o dentro da arca. Pôs os varais na arca e colocou o propiciatório sobre a arca. 21Introduziu a arca na morada e pôs o véu de resguardo para encobrir a arca do testemunho, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

22Moisés colocou a mesa na tenda do encontro, a norte da morada, do lado de fora do véu. 23E dispôs sobre ela uma série de pães diante do SENHOR, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. 24Colocou o candelabro na tenda do encontro, diante da mesa, sobre o lado sul da morada; 25e ergueu lâmpadas diante do SENHOR, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

26Colocou o altar de ouro na tenda do encontro, diante do véu, 27e queimou sobre ele incenso aromático, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. 28Colocou a cortina à entrada da morada. 29Colocou o altar do holocausto à entrada da morada da tenda do encontro e ofereceu sobre ele o holocausto e a oblação, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés.

30Colocou a bacia entre a tenda do encontro e o altar e deitou nela água para as abluções. 31Moisés, Aarão e os seus filhos lavavam nela as mãos e os pés. 32Quando eles entravam na tenda do encontro e se aproximavam do altar, lavavam-se, como o SENHOR tinha ordenado a Moisés. 33Ergueu então o átrio ao redor da morada e do altar e colocou o cortinado na porta do átrio. E Moisés deu assim por concluída a tarefa.

A glória de Deus enche o santuário

34A nuvem cobriu então a tenda do encontro e a glória do SENHOR encheu a morada[c]. 35Mas Moisés não podia entrar para a tenda do encontro, porque a nuvem habitava[d] sobre ela e a glória do SENHOR enchia a morada.

---

[a] Este enquadramento histórico vem do ambiente sacerdotal, que situa a criação do santuário dez meses depois da chegada ao Sinai (19,1), onze meses e meio depois da saída do Egito (12,40-41).

[b] Moisés realiza todas as operações, mas a fórmula *como o Senhor tinha ordenado a Moisés* (vv. 19.21.23.25.27.29.32) é suficiente para dar a entender que tudo o que acontece é fruto da iniciativa de Deus e não de Moisés ou do povo.

[c] Sublinhando os termos *nuvem, glória* e *fogo* como características da presença de Deus, esta passagem estabelece, quase como numa fórmula final, a equiparação entre o santuário e a montanha do Sinai (24,15-18). O santuário representa uma nova instância da montanha do Sinai (cf. 24,15). Mas esta habitação de Deus não se transforma, desta maneira, numa realidade de tipo estático. Por isso, os versículos finais pretendem mostrar que esta presença dinâmica de Deus continuava a mostrar-lhes quando deviam pôr-se de novo a caminho. Por isso, resumem a travessia do deserto com a referência em que a nuvem, levantando-se, mostrava a necessidade de partir para nova etapa.

[d] O termo aqui usado em hebraico para *habitar (shaken)* aparece na Bíblia para exprimir a ideia de que Deus estabelece a sua morada no santuário. A *nuvem* que aqui é o sujeito deste verbo representa Deus,

36 E, ao longo de todas as suas viagens, os filhos de Israel partiam quando a nuvem
se levantava de cima da morada. 37 Mas, se a nuvem não se levantasse, eles não podiam
partir até ao dia em que ela se levantasse. 38 Com efeito, a nuvem do SENHOR estava
sobre a morada durante o dia; e durante a noite um fogo estava sobre ela, à vista de
toda a casa de Israel em todas as suas viagens.

tal como está expresso no v. 35. Em Jo 1,14 o verbo grego equivalente a este *(eskénosen)* é usado para dizer que *a Palavra habitou entre nós*.

PARALELOS

1,1: Gn 46,1-27; At 7,14-17 | **1,4:** Gn 46,27; Dt 10,22 | **1,8:** At 7,18ss | **1,10:** Sl 105,25.

2,1: Ex 6,20 | **2,2:** At 7,20s; Heb 11,23 | **2,10:** At 7,21 | **2,11:** Heb 11,24-27 | **2,14:** At 7,35 | **2,15:** Gn 24,11-31; 29,2-14; At 7,29.

3,1: Ex 6,2-13.28-7,7; At 13,7 | **3,4:** Js 5,15 | **3,5:** Ex 19,12 | **3,6:** Mt 22,32 par |

3,12: At 7,7 | **3,14:** Is 42,8; Jo 8,24; 17,6.26; Ap 1,4 | **3,21:** Ex 11,2s; 12,35s; Sb 10,17.

4,19: Mt 2,20 | **4,24:** Gn 32,25-33 | **4,25:** Js 5,2s.

6,2: Ex 3,1-4,23 | **6,4:** Gn17,7s | **6,8:** Gn 15; 24,7 | **6,14:** Nm 26,5-14 | **6,16:** Gn 46,11 | **6,20:** Nm 26,59 | **6,25:** Nm 25,6-13 | **6,28:** Ex 6,2-13.

7,1: Ex 4,16.21 | **7,3:** Sl 135,9 | **7,8:** Sl 78; 105; Sb 11,14-20; 16-18 | **7,14:** Sb 11,6-8 | **7,20:** Sl 78,44; 105,29.

8,1: Sl 78,45; 105,30 | **8,13:** Sl 105,31 | **8,15:** Lc 11,20 | **8,17**: Sl 78,45.

10,1: Jl 1,2-12 | **10,2:** 1Sm 6,6 | **10,12:** Sl 78,46; 105,34 | **10,14:** Ap 9,3s | **10,21:** Sb 17,1-18,4 | **10,22:** Sl 105,28; Ap 16,10.

11,1: Ex 6,1; 3,21 | **11,3:** At 7,22.

12,1: Ex 34,18; Lv 23,5-8; Nm 28 16-25; Dt 16,1-18; Ez 45,21-24; Mt 26,17s par.; Lc 2215s; 1Co 5,7 | **12,5:** Lv 22,19s: 1Pe 1,19 |**12,15:** Ex 13,3-10; 23,15; 1Co 5,7 | **12,23:** Ez 9,4-7; Heb 11,28 | **12,26:** Ex 10,2; Dt 6,20-25 | **12,29:** Ex 11,4-8; 13,11; Sl 78,51; 105,36; 135,8; 136,10; Sb 18,6-19 | **12,35:** Ex 3,21s. | **12,37:** Nm 33,3-5 | **12,40:** Gn 15,13; At 7,6; Gl 3,17 | **12,45:** Gn 17,10 | **12,47:** Nm 9,12; Jo 19,36.

13,11: Gn 22,1; Lc 2,22,24 | **13,16:** Dt 6,8; 11,18 | **13,17:** Ex 14,10-12; Nm
14,1s | **13,19:** Gn 50,25; Js 24,32 13,21: Dt 1,33; Sl 78,14; 105,39; Ne 9,19; Sb 10,17s; 18,3.

14,11: Ex 15,24; 16,2s; 17,3; Nm 11,1.4; 14,2; 20,2; 21,4s; Sl 78,40 | **14,15:** Sl 78; 105; 106; 114; Sb 10,18s; 1Co 10,1s | **14,24:** Sl 77,17-19; Heb 11,29.

15,2: Is 12,2 | **15,11:** Dt 3,24; Sl 86,8 | **15,15:** Nm 20,21; 21,4-13; Dt 2,1-9.18 | **15,21:** Jz 11,34; 1Sm 18,6 | **15,22:** 1Cor 10,3-5 | **15,23:** Nm 33,8s | **15,26:** Sl 103,3.

16,1: Nm 11; Dt 8,3.16; Sl 78,18s; 105,40; 106,13-15; Sb 16,20-29; Jo 6,26-58 | **16,17:** 2Cor 8,15 | **16,34:** Heb 9,4 | **16,35:** Nm 21,5; Js 5,10-12.

17,1: Nm 20,1-13 | **17,7:** Nm 20,24; Dt 6,16; 9,22; 32,51; 33,8; Sl 95,8; 106,32 | **17,14:** Nm 24,20; Dt 25,17-19; 1Sm 15,2s.

18,3: Ex 2,22 | **18,13:** Dt 1,9-18 | **18,19:** Nm 11,14.16s.

19,4: Dt 32,11; Is 46,4; 63,9 | **19,5:** Dt 10,14s; 1Pd 2,9; Ap 5,10 | **19,8:** Js 24,16-24 | **19,10:** Gn 35,2; Lv 11,25.28.40 | **19,12:** Hb 12,20 | **19,16:** Dt 4,10-12; 5,2-5.25-31.

20,1: Ex 34,10-27; Lv 19,1-18; Dt 5,7-22; Mt 5; 19,16-22 | **20,4:** Dt 4,15-20 | **20,8:** Ex 23,12; 31,12-17; 34,21; 35,1-3; Lv 19,3; 23,3; Nm 15,32-36; Dt 5,12-15; 2Cr 36,21; Lc 13,14 | **20,12:** Lv 19,3; Ef 6,2-6 | **20,13:** Ro 13,9; Tg 2,11 | **20,18:** Dt 5,23-31; Heb 12,18s. | **20,25:** Dt 27,5s.

21,1: Lv 25,35-46; Dt 15,12-18 | **21,12:** Lv 24,17-21; Nm 35,16-34; Dt 19,1-13; Js 20 | **21,14:** 1Rs 1,50; 2,28-34 | **21,17:** Mt 15,4 | **21,23:** Gn 4,23; Lv 24,19s; Dt 19,21; Mt 5,38-42 | **21,37:** 2Sm 12,6; Lc 19,8.

22,6: Lv 5,21.26 | **22,15:** Dt 22,28s | **22,17:** Lv 20,6.27; Dt 8,9-12 | **22,18:** Lv 18,23; Dt 27,21 | **22,20:** Dt 10,18s; 24,17s; Sl 46,9; Is 1,17 | **22,24:** Lv 25,35-37; Dt 23,20 | **22,27:** Co 10,20; At 23,5 | **22,30:** Lv 11,44; Dt 14,21.

23,4: Lv 19,21s | **23,6:** Dt 1,17; 16,19; 27,25 | **23,11:** Lv 25,2-7; Dt 24,19; 6.12s | **23,14:** Ex 34,18-23; Lv 23; Dt 16,1-16 | **23,20:** Ex 14,19; 33,2; Is 63,9; Ml 3,1 | **23,26:** Lv 26,9; Dt 7,14; 28; 30,9.

24,3: Js 24,16-24 | **24,4:** Js 4,3-9.20-24; 24,26s; 1Rs 18,31 | **24,7:** Sl 50,5; Mt 26,28 par; Heb 9,18s; 1Pd 1,2 | **24,12:** Ex 31,18; 32,15s; 34,1.4.28s; Dt 4,13; 5,22; 9,9.15; 10,1-5.

25,1: Ex 35,4-29 | **25,9:** Ex 25,40; 27,8; Nm 8,4 | **25,10:** Ex 39,1-4 | **25,17:** Lv 16,12-15; Dt 10,1s | **25,23:** Ex 37,10-16 | **25,30:** Lv 24,5-9; 1Sm 21,4-7 | **25,31:** Ex 37,17-24 ; Lv 24,2-4 | **25,40:** Heb 8,5.

26,1: Ex 33,7-11; 36,8-19; Heb 9,11-24 | **26,15:** Ex 36, 24-34 | **26,31:** Ex 36,35-38; Lv 16; Heb 6,19; 9,1-10,24.

27,1: Ex 38,1-7; 1Rs 8,64; Ez 43,3-17 | **27,9:** Ex 38,9-20; Ez 40,17-49 | **27,20 :** Lv 24,2-4.

28,1: Lv 8,6-9 | **28,6:** Ex 39,2-7 | **28,15:** Ex 39,8-21 | **28,17:** Ap 21,19s | **28,3:** Ex 39,11-26 | **28,34:** Sir 45,9 | **28,36:** Ex 39,27-31; Zc 14,20 | **28,42:** Ex 20,26.

Ex 29,1: Lv 8; Heb 7,26-28 | **Ex 29,4:** Ex 40,12-15; Lv 8,2-13 | **Ex 29,26:** Lv 7,30s | **Ex 29,36:** Ez 43,18-27 | **Ez 29,37:** Lv 16,18-20; Nm 4,15.20; 2Sm 6,6s | **Ex 29,38:** Lv 6,2-6; Nm 28,3-8 | **Ex 2,40:** Ez 4,13-15.

Ex 30,1: Ex 37,25-28; 1Rs 6,20; Ap 8,3-5 | **Ex 30,11:** Ex 38,25-28 | **Ex 30,12:** Nm 1,2-43 | **Ex30,12:** Nm 1,2-43 | **Ex 30,13:** Mt 17,24 | **Ex 30,17:** Ex 38,8; 1Rs 7,23-28 | **Ex 30,22:** Lv 8,10-12 | **Ex 30,25:** Ex 37,29 | **Ex 30,34:** Ex 37,29.

Ex 31,1: Ex 35,30-35 | **Ex 31,12:** Ex 20,8-11 | **Ex 31,14:** Nm 15,32-36 | **Ex 31,17:** Gn 2,2s; Ex 20,11.

32,1: Dt 9,7-10.5; At 9,40s | **32,4:** Sl 106,19s | **32,6:** 1Cor 10,7 | **32,10:** Nm 14,12-16 | **32,11:** Dt 9,26-29; Sl 106,23 | **32,11:** Dt 9,26-29; Sl 106,23 | **32,12:** Nm 14,13-16; Dt 9,28; 32,27; Ez 20,9.44 | **32,15:** Ex 24,12 | **32,16:** Ex 31,18 |

32,20: Dt 9,15-21 | **32,29:** Nm 25,7-13; Dt 33,8-18 | **32,32:** Rm 9,3; Ap 20,12.

33,1: Nm 10,11-13 | **33,2:** Ex 23,20 | **33,5:** Ex 32,9 | **33,11:** Nm 12,8; Dt 34,10; Jo 15,15; Heb 9,11-24 | **33,14:** Heb 4,1-11 | **33,16:** Dt 2,7 | **33,18:** 1Rs 19,9-18; Jo 1,14-18 | **33,20:** Gn 32,31; Ex 19,21; Jz 6,22s; Is 6,5.

34,1: Ex 19; 32,1 | **34,6:** Ex 33,18-23 | **34,7:** Nm 14,18; Dt 5,9s; Sl 86,15; Jr 32,18; Na 1,3; Jl 2,13; Jo 1,14 | **34,9:** Ex 32,11-14s | **34,10:** Jo 1,1 | **34,11:** Ex 23,32s | **34,17:** Ex 20; 23,14-19 | **34,25:** Ex 12,15-20 | **34,28:** Ex 24,18; Mt 4,2 | **34,29:** 2Cor 3,7-4,6.10.

35-40: Ex 25-31 | **35,4:** Ex 25,1-7 | **35,30:** Ex 31,2.2.

36,8: Ex 26,1-11.14 | **36,20:** Ex 26,15-29 | **36,25:** Ex 26,31s;36.4.

37,1: Ex 25,10-20 | **37,10:** Ex 25,23-29 | **37,17:** Ex 25,31-40 | **37,25:** Ex 30,1-5 | **37,29:** Ex 30,22-25.34s.

38,1: Ex 27,1-8 | **38,8:** Ex 30,18 | **38,9:** Ex 27,9-19 | **38,22:** Ex 35,30-35 | **38,26:** Nm 1,45-46.

39,1: Ex 28,6-13 | **39,8:** Ex 28,15-30 | **39,22:** Ex 28,31-35 | **39,22:** Ex 28,31-35 | **39,27:** Ex 28,39-42 | **39,30:** Ex 28,36s.

40,9: Lv 6,10 | **40,13:** Ex 29,4-8 | **40,34:** Ex 25,8; 1Rs 8,10s; Ez 43,1-5 | **40,35:** Ex 24,6; Ap 15,8 | **40,36**: Nm 9,15-23; Ex 3,21s; Sl 78,14; 105,39.